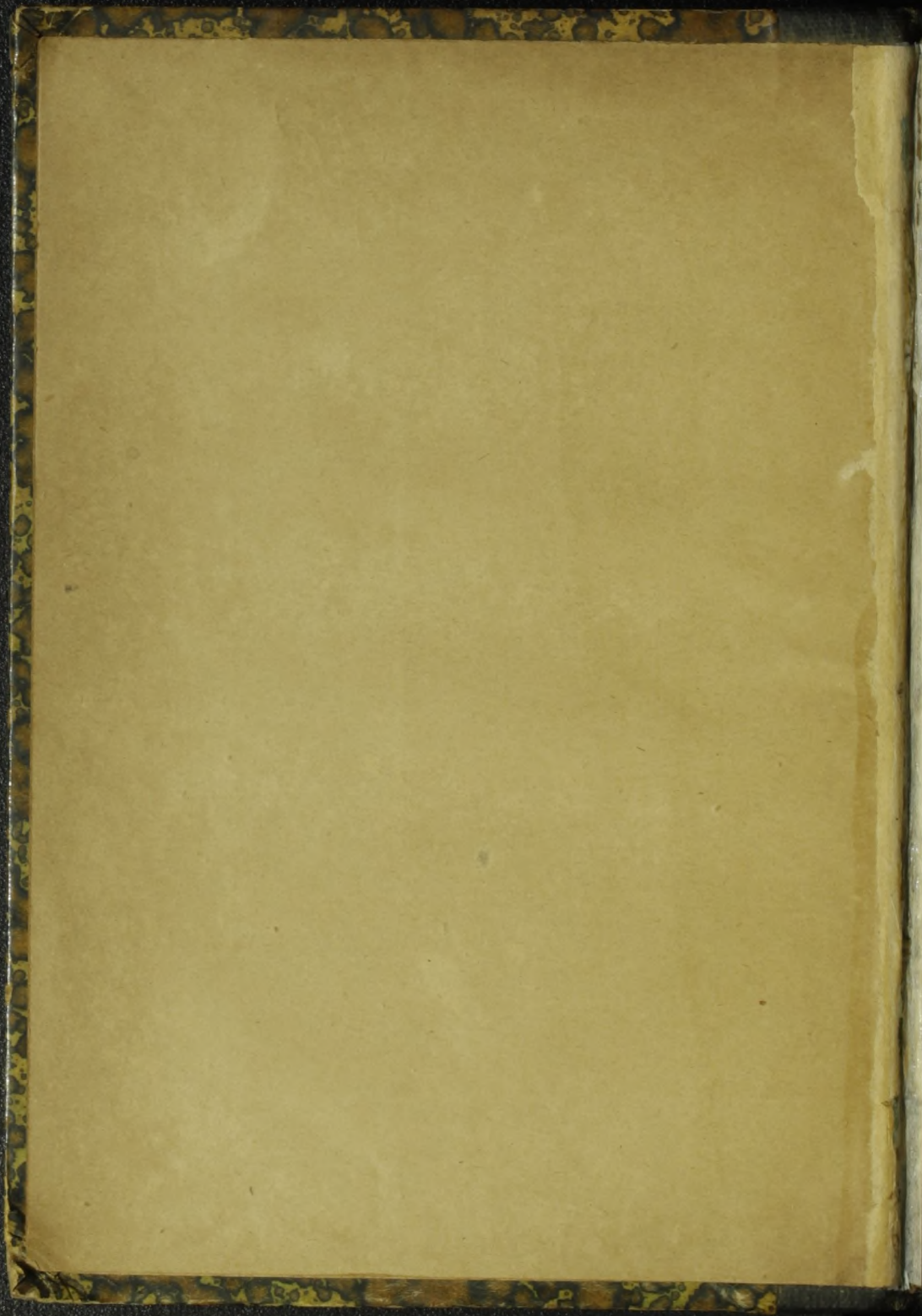
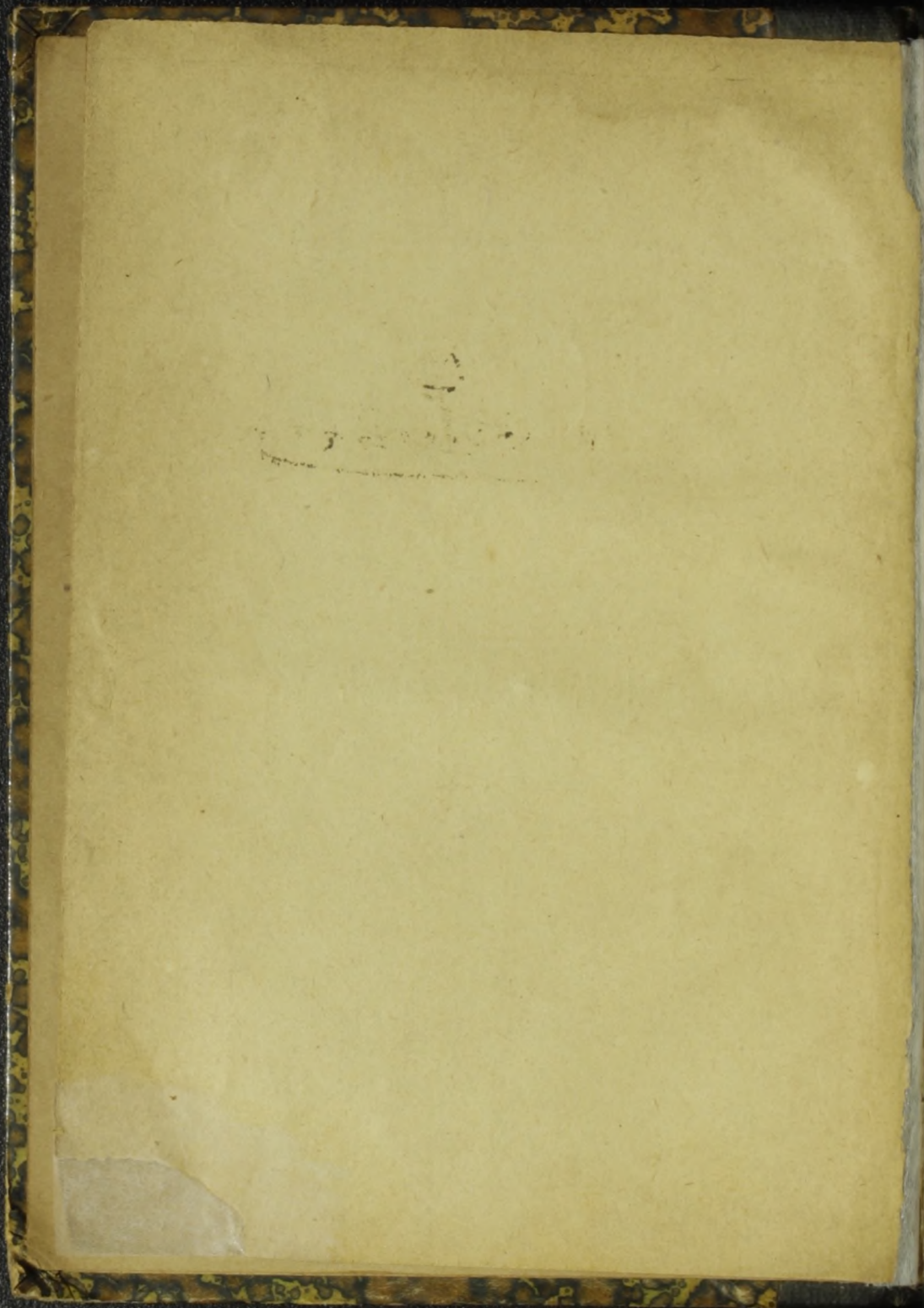


06
30-6

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIBANDA LEISA"
Tombo N.º 122



EPHEMERIDA HISTORICA DO BRAZIL



EPHEMERIDA HISTORICA DO BRAZIL

POR

J. M. DE MACEDO

Diase de Oliveira

J. M. de

Miguel

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"ORIGENS LESCÁ"

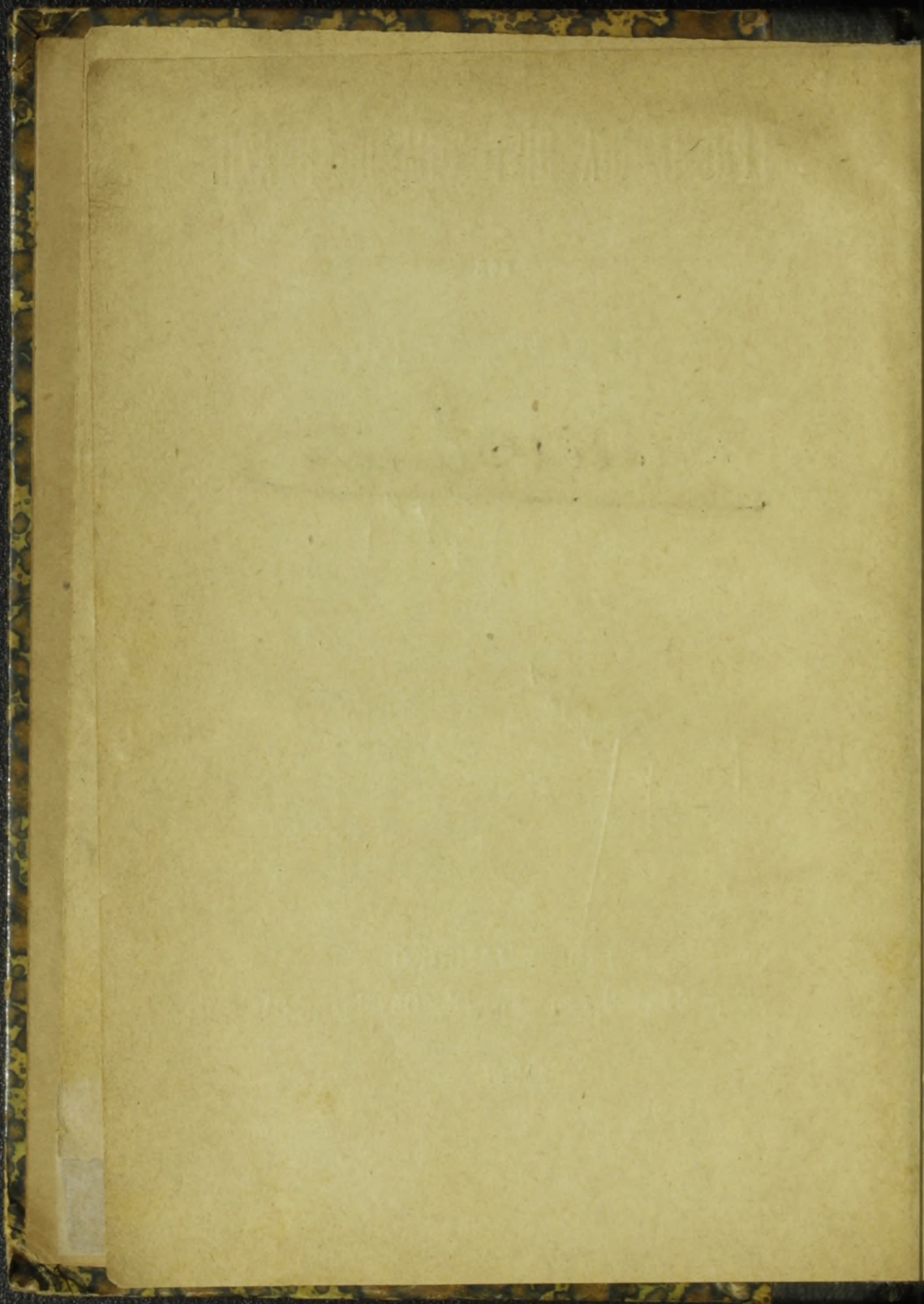
Tombo N.º 788

MUSEU LITERÁRIO

RIO DE JANEIRO

Typ. do — GLOBO — rua do Ouvidor n. 84

—
1877



JANEIRO

1 de Janeiro

Em 1763 morre, no Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, governador e capitão general das capitánias do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas-Geraes.

Andava já adoentado este illustre e energico administrador e general, quando lhe chegou de subito a triste nova da Colonia do Sacramento tomada por D. Pedro Cevallos, governador de Buenos-Ayres, que a sitiára e bombardeára de 5 a 29 de Outubro de 1762, em que Vicente da Silva, governador da Colonia, capitulou.

A capitulação pareceu tão vergonhosa ao governo de D. José I, que Vicente da Silva acabou os seus dias em Lisboa, preso no *Limoeiro*, o coronel Thomaz Luiz Ozorio foi enforcado, e os outros officiaes, cumplices da entrega, morreram em degredo, uns em Angola, outros em Castro Marim.

O marquez de Pombal era terrivel e cruel; é licito, porém, duvidar de vingança, que seria feroz e perversa si lhe faltasse fundamento para explicar a enormidade do castigo.

Mas no Rio de Janeiro o orgulhoso Bobadella, resentido do golpe da adversidade, soffreu tão forte abalo moral que aggravaram-se ameaçadoramente seus padecimentos physicos.

Todavia, natureza de ferro, força vital e animo energico ainda reagiam contra a molestia exacerbada pelo rigor do infortunio.

Gomes Freire, pezaroso e profundamente triste, parecia contudo ir voltando a si.

Entretanto a perda da Colonia do Sacramento causára grandes prejuizos á praça commercial do Rio de Janeiro, e o conde de Bobadella tinha avultado numero de desaffeitados e não poucos inimigos.

Negociantes prejudicados e sem generosidade, e os inimigos do conde, o fizeram responsavel pela perda da Colonia e procuraram denegrir a sua reputação.

Gomes Freire recebeu cartas anonymas, injurias e indignamente calumniadoras.

Pefor do que isso: multiplicaram-se na cidade e liam-se ao amanhecer, affixados ás portas e ás paredes exteriores das casas, pasquins insultuosos e infames, que chegaram ao conhecimento da victima.

O orgulho do Bobadella rugio ; mas o leão, quasi moribundo, fechou os olhos recebendo o couce.

Gomes Freire de Andrade morreu.

Seus restos mortaes foram sepultados em distincto lugar na igreja do convento de Santa The-
reza, do qual elle tinha sido, ainda contra a oppo-
sição do bispo, o acerrimo protector, que se ufanava de applaudil-o e de tel-o fundado regularmente.

2 de Janeiro

E' deste dia e do anno de 1838 o regulamento que mandou estabelecer provisoriamente o *Archivo Publico* na Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio.

O artigo 70 da Constituição do Imperio determinou a fundação do *Archivo Publico* quando dispoz que nelle se guardassem os originaes das leis assignadas pelo imperador, referendadas pelo secretario de Estado competente, e selladas com o sello do Imperio.

O regulamento de 2 de Janeiro de 1838 foi bem meditado justamente no ponto em que, devendo escolher a alçada de um dos seis ministerios de Estado para incluir nella o serviço do *Archivo Publico*, preferio o ministerio do Imperio ; mas o adverbio *provisoriamente* apenas attenua o erro de

havel-o estabelecido na Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio.

O Archivo Publico é ou deve ser instituição especialissima, sujeita a um Ministerio de Estado sim, mas com direcção e serviço independente de qualquer outro funcionario administrativo, e estabelecido em edificio proprio, exclusivo e até isolado.

O Archivo Publico é a historia dormida da nação, historia ainda sem exame e sem apreciações philosophicas; guardando, porém, fundamentos para esse exame e para essas apreciações.

Secção de uma Secretaria de Estado, e secção com chefes mudaveis, e portanto sem verdadeira responsabilidade pela guarda de papeis ou documentos archivados, o Archivo Publico necessariamente havia de soffrer muito na ordem e regularidade do seu serviço a despeito da melhor vontade dos encarregados d'elle.

Assim mal organizado e exposto, é de crer que documentos se extraviassem, e tanto mais que houve ministro que os mandasse sahir em confiança.

Nestes ultimos annos se tem olhado melhor para o Archivo Publico, que começa a regenerar-se com serviço independente: em 1874 recebeu elle novas e aproveitaveis providencias do governo.

Acha-se estabelecido (*ainda infelizmente*) no edificio do antigo *Recolhimento do Parto*, onde tambem funcionam a Inspectoria Geral e Conselho Superior de Instrucção Publica, um posto vaccinico, uma aula nocturna, e onde annualmente centenas de estudantes se apresentam aos exames geraes.

Devéras está mal collocado o Archivo Publico.

Não é inutil o lembrar que o *Recolhimento do Parto* já foi em poucas horas devorado todo pelo incendio em 1789.

Outra lembrança que vem a proposito de archivo:

As maiores difficuldades com que se luta no estudo da historia dos primeiros tempos da capitania do Rio de Janeiro são em grande parte devidas ao incendio que destruiu a casa, onde, na *praça do Carmo* (actual praça de D. Pedro II) funcionava a Camara Municipal, incendio em que se perdeu o melhor thesouro do archivo dessa camara.

O Archivo Publico exige edificio proprio, exclusivo, e que offereça condições de isolamento.

3 de Janeiro

Em 1820 é erigida em villa com a denominação de *Nova Friburgo* a colonia suissa do *Morro Queimado*.

Em 1818, Mr. Gachet, agente do cantão de Friburgo, na Suíça, pediu a D. João VI e delle obteve uma data de terras de oito leguas de extensão e tres de largura, no districto de Cantagallo, para estabelecer ali uma colonia de suíços e assignou contracto que em todas as suas condições se acha no decreto de 16 de Maio desse anno.

Não cabem neste artigo todas as condições desse contracto, que merece estudo ; mas é licito lembrar as seguintes :

1ª O rei mandava pagar as despesas de transporte de cem familias, todas da religião catholica.

Observou-se depois tão pouco a ultima parte desta condição, que a provincia do Rio de Janeiro teve de pagar annualmente ao *pastor protestante* de Nova Friburgo.

4ª Cada familia suíça recebia sua porção de terra gratuitamente e animaes necessarios e sementes, e viveres ou dinheiro durante os dous primeiros annos, sendo no primeiro anno 160 rs. diarios por cabeça e ao segundo 80 rs.

13 Todos os colonos seriam, logo que se estabelecessem effectivamente, naturalizados portuguezes.

A's vantagens dos colonos, que iam além das mencionadas, eram extraordinarias ; ao menos, porém, a condição 13, salvas ainda algumas isenções

civis onerosas, absolutamente os tornava vassallos do rei, e privados da nacionalidade, que poderia autorisar mettediça ingerencia do governo suisso na colonia.

O Morro Queimado offereceo aos colonos suissos o clima mais saudavel e feliz; mas em suas terras a fertilidade estava longe de igualar as que de Cantagallo avançavam para as margens do Parahyba, o que foi razão para que muitas familias suissas desprezassem os privilegios da colonia para ir procurar mais do que abastança, riqueza em Cantagallo e além até Minas Geraes.

No entanto a colonia do Morro Queimado florescera e foi villa em 1820.

As familias suissas entrelaçaram-se com as do paiz e nos municipios de Nova Friburgo e de Cantagallo nomes helveticos representam familias estimaveis.

Dizem muitos que o primeiro ensaio de colonisação, esse que se effectuou no Morro Queimado, frustrou-se pela ephemera existencia e prompta dissolução da colônia suissa; mas si se estudar bem, reconhecer-se-ha que em boa parte a colonia foi diminuindo em numero, porque uns de seus membros se lançaram para longe aos incentivos de mais esperançosa riqueza, e outros esqueceram seus nomes, ou os perderam, absorvidos pelas uniões com as familias brazileiras.

A colonia do Morro Queimado, depois villa de Nova Friburgo, não admirou pela sua prosperidade, precisamente colonial; foi, porém, de proveito innegavel aos suissos emigrantes e ao paiz que os recebeo.

4 de Janeiro

Em 1817, fere-se no sul a batalha de Catalan, em que os caudilhos Verdun, La Torre e Mendragon, commandando tres mil gaúchos são completamente derrotados.

Continuava a guerra iniciada em 1816 pela politica do governo portuguez, que aspirava o dominio da Banda Oriental.

O inimigo reunindo todas as suas forças atacou o exercito portuguez com o maior vigor. O exito da batalha esteve indeciso por algum tempo; mas enfim a victoria se declarou pelas armas portuguezas.

Generaes, officiaes e soldados cumpriram o seu dever; mas entre outros o brigadeiro Joaquim de Oliveira Alvares á frente da legião de S. Paulo, e José de Abreu, depois barão do Serro Largo, com a sua arrojadissima cavallaria fizeram prodigios de valor.

Commandava em chefe o exercito portuguez o Marquez de Alegrete.

O inimigo soffreu derrota horrivel e fugio, deixando o campo juncado de mortos.

Esta victoria foi de grande importancia para a guerra; porque não só abateu certo prestigio daquelles caudilhos, como reduzio consideravelmente as forças que elles commandavam.

Todavia, apesar de tão grande revez, ainda em 1817 continuaram esses caudilhos a ameaçar as fronteiras do Rio Grande, desanimando de uma vez emfim, quando a 15 de Setembro D. José Verdun, que era o principal, foi na povoação de Belém feito prisioneiro com *trezentos* dos seus pelo capitão Bento Manoel Ribeiro, que levava comsigo apenas quarenta lanceiros e cincoenta milicianos do Rio Pardo.

Este capitão, Bento Manoel, o heróe de tão notavel feito, é o mesmo que foi depois marechal de campo do exercito brasileiro, e cuja vida militar se encheu de sorprendentes façanhas. Era paulista de nascimento; mas completo cavalheiro rio-grandense pela educação e pelos costumes.

No seu tempo nenhum outro conhecia praticamente a provincia do Rio Grande como elle: todos os banhados, todos os passos lhe eram em todas as suas condições perfeitamente conhecidos; por isso teve quasi sempre na guerra o condão da victoria. Nos combates a sua bravura era igual á

mais inalteravel serenidade de espirito; batalhava, commandando, como quem dirigisse e executasse com zelo um mister normal, indispensavel, mas sem commoções capazes de perturbar o uso regular da razão.

No ultimo periodo de sua vida engordára muito; mas a gordura e o peso do corpo nunca prejudicaram sua actividade e conveniente ou opportuna celeridade de marcha na guerra.

Entre muitos episodios de sua curiosa historia militar, póde-se lembrar o seguinte :

Voltado de novo ao exercito legal, depois de sua lamentavel passagem para as armas rebeldes do Rio Grande do Sul, Bento Manoel, então já exageradamente gordo, um dia, para bater uma columna commandada por Netto, o mais habil dos generaes revolucionarios, atravessou em estreito passo, por elle só indicado, longo e profundo banhado, que todos julgavam inaccessible; á frente, e dirigindo a perigosa marcha, fez passar cavallaria, infantaria e artilharia menos pesada em carros, sem perder uma peça, e menos um homem, appareceu de subito e inesperado diante da columna de Netto, atacou-a, pol-a em rápida retirada, e zeloso da posição estrategica que deixára, voltou logo a ella; atravessando de novo o banhado, chegou, fez acampar suas forças, dispoz quanto era

preciso para fazel-as descansar em perfeita segurança, e depois de tudo isso, ao recolher-se á sua barraca, disse ao cirurgião que se sentia ferido !...

O cirurgião examinou-o e extrahio uma bala de fuzil que ficára linhas abaixo do peito de Bento Manoel no meio da larga banha.

5 de Janeiro

E' deste dia e do anno de 1811 a Carta Regia que autorizou o estabelecimento de uma typographia na cidade de S. Salvador da Bahia, e deu poderes ao governador e ao arcebispo para escolherem os censores entre as pessoas illustradas.

Immediatamente depois do estabelecimento da typographia começou a publicação da gazeta intitulada *Idade de Ouro*.

O alvará de 13 de Maio de 1808 já tinha creado a *Imprensa régia* na cidade do Rio de Janeiro, séde da côrte portugueza desde esse anno até o de 1821.

Emfim, pois, a luz da imprensa brilhava no Brazil ainda sem liberdade, porquanto sujeita era á censura prévia toda a publicação que dos prélos devia sahir; mas em todo caso já se permitiam typographias, seios abundantes em que o povo bebe civilisação.

Quasi dous seculos antes em Pernambuco, no Recife, capital do Brazil hollandez, o principe Mauricio de Nassau tinha contado entre os consideraveis elementos de progresso e de civilisação, que illustraram o seu sabio governo, uma typographia, cujas publicações não eram por certo amesquinhasdas pela coacção da censura prévia.

A historia da imprensa politica do Brazil até o reinado do primeiro Imperador seria estudo curioso, que não cabe nos estreitos limites de um acanhado artigo.

A principio não havia nem podia haver sem liberdade verdadeiros periodicos politicos, que só appareceram depois da revolução de Portugal em 1820: foi em 1821 e em 1822 que a aspiração e a revolução da independencia os fizeram vir á luz; antes delles, porém, o *Correio Braziliense* impresso em folhetos periodicos na Inglaterra era gazeta politica brasileira.

6 de Janeiro

Em 1822, na cidade do Rio de Janeiro, é, nas casas do capitão-mór José Joaquim da Rocha e de outros chefes patriotas, assignada a representação que tinha de ser levada ao principe regente D. Pedro, pedindo-lhe que ficasse no Brazil.

Era a reacção contra o decreto de 29 de Setembro de 1821, fulminado pelas côrtes portuguezas.

Antes mesmo do dia 6 de Janeiro já tinha começado a assignar-se aquella representação.

Jorge de Avilez, commandante da guarnição portugueza, conspirava para obrigar o principe a partir em obediencia ao decreto das côrtes.

No dia 6, no anterior e no seguinte, rondas numerosas da divisão lusitana andavam pela cidade, e os soldados rasgavam ou arrancavam com as pontas das bayonetas os annuncios que se pregavam nas esquinas das ruas, indicando ao povo as casas, onde assignava-se a representação.

Mas quando, depois de despedaçar um annuncio, a patrulha seguia, logo dous annuncios substituíam o arrancado.

Era facil de explicar o facto.

Os annuncios eram escriptos e pregados pelos filhos do capitão-mór José Joaquim da Rocha e por outros mancebos patriotas e pertencentes á familias distinctas, e elles tomavam a peito zombar das patrulhas e da opposição de Jorge de Avilez e desempenhar a tarefa de que se tinham incumbido.

E o certo é que em tres ou quatro dias a representação recebeu oito mil assignaturas, numero extraordinario para aquelle tempo.

7 de Janeiro

E' deste dia, e do anno de 1549, a carta régia de D. João III, creando um governo geral no Brazil e mandando fundar a competente capital, que foi a cidade de S. Salvador, na Bahia.

Como se dirá em outros artigos da Ephemerida, D. João III, em 1534, dividio o Brazil em capitánias hereditarias independentes umas das outras e doadas com os maiores privilegios á donatarios.

Bastou a experiencia de bem poucos annos para demonstrar que era inconveniente e insustentavel esse systema de colonisação, porque faltava cabeça e nexo ao Brazil assim dividido, podendo dahi resultar graves e nocivas consequencias politicas para o futuro; além d'isso, cada capitania, isolada pela sua propria independencia das outras, nem era bastante forte e capaz de resistir e rechazar inimigo externo que não faltava, ou de triumphar sempre do gentio que era o implacavel inimigo interno, e nem podia contar com o auxilio e protecção das outras capitánias.

Para obviar estes grandes males, e attendendo a que, excepto Duarte Coelho Pereira, donatario de Pernambuco, nenhum dos outros donatarios

soubera ou podera desempenhar todos os deveres a que estava obrigado pela sua carta de doação, D. João III creou o governo geral do Brazil, ficando isenta da sua superior administração sómente a capitania de Pernambuco.

Os donatarios protestaram debalde contra a instituição que destruiu o seu poder feudal, privando-os dos seus principaes privilegios, como o do governo independente e só sujeito á pessoa do rei, o de não entrar justiça nem alçada alguma em suas capitancias, o direito de couto e homisio e outros. O governo geral foi effectivamente instituido, como se verá no artigo do dia competente, e ficaram assim felizmente restringidos os poderes quasi soberanos de que gozavam os donatarios em completa independencia entre si.

A carta régia de 7 de Janeiro de 1549 foi o melhor serviço que D. João III podia prestar ao Brazil.

8 de Janeiro

Em 1632 o capitão Cosme do Couto Barbosa, prisioneiro dos hollandezes, foge e consegue escapar, atirando-se ás ondas com singular audacia.

Couto Barboza, capitão portuguez, tinha vindo na esquadra, cujo almirante era D. Antonio de

Oquando, a combater os hollandezes, senhores de Olinda e do Recife.

Na batalha naval de 12 de Setembro de 1631 (veja-se o artigo desse dia) Couto Barboza, para acudir á não almiranta harpoadá por dous navios hollandezes, sacrificou o seu galeão *S. João Baptista*, que, comprimido entre aquelles, foi a pique, ficando elle e parte da tripulação prisioneiros em um dos dous navios inimigos, enquanto o outro, devorado pelo incendio, submergiu-se emfim com a maior dôr dos hollandezes, pois que era a sua não almiranta, e della se arrojára ao mar e morrera absorvido pelas ondas o bravo e famoso almirante Patrid.

Os hollandezes, recolhendo-se ao porto do Recife, conservaram sempre cuidadosamente preso em navio o capitão Cosme do Couto Barbosa ; pois que suspeitavam projectos de evasão em portuguez de animo tão altivo e audacioso, e só mais seguro o julgaram em uma embarcação fundeada perto da ilha de S. Aleixo, que fica ao Sul do cabo de S. Agostinho, e distante da costa não menos de um quarto de legua.

O capitão Couto Barboza medio com olhar de marinheiro experimentado o espaço que o separava da terra ; calculou-o em perto de uma milha ; sorrio ao mar, lembrou com patriótica intolerancia a

idéa e o facto do seo captiveiro, e um dia, tomada energica e perigosissima resolução, esperou ancioso que anoutecesse.

Veio enfim a noite, que não sendo tempestuosa, era contudo negra: elle, applaudindo o silencio e a escuridão, aproveitou momento propicio, e sem ser visto, estendeu os braços, atirou-se ao mar e nadou corajoso.

Na manhã seguinte os hollandezes procuraram debalde o capitão Couto Barboza, e o deram por suicida abysmado no Oceano.

O indomito e arrojado marinheiro patriota tinha no entanto, e já quasi exaustado de forças, conseguido chegar á terra; e dous dias depois entrou no Campo Real do Bom Jesus, sendo ahi recebido entusiastica e triumphalmente pelo pequeno e heroico exercito pernambucano.

9 de Janeiro

Em 1822 foi o dia do *Fico*.

Chegando ao Rio de Janeiro o decreto de 29 de Setembro, pelo qual se ordenava ao principe regente D. Pedro sua immediata retirada do Brazil, e dentro de dous mezes a eleição de uma junta governativa, (veja-se o artigo desse dia), alvoroçaram-se os patriotas e logo mandaram emissarios a

Minas e a S. Paulo, afim de promoverem representações, pedindo ao principe que ficasse no Brazil, o que era o mesmo que pedir-lhe a desobediencia e a resistencia ás côrtes e ao rei de Portugal.

A junta provincial de S. Paulo dirigio a primeira representação neste sentido a 24 de Dezembro de 1821.

A representação da cidade do Rio de Janeiro, assignada por mais de oito mil patriotas, foi confiada ao respectivo senado da camara, e este, no dia 9 de Janeiro, solememente incorporado, dirigio-se ao paço da cidade, onde o principe regente o recebeu.

O largo do Paço estava coberto de povo que acompanhára o senado da camara, e que se demorava para ter conhecimento da resposta do principe.

Emfim, José Clemente Pereira, juiz de fóra e presidente do Senado, mostrou-se a uma das janellas do palacio, e repetio, o mais alto que pôde, a resposta do principe, a qual foi recebida com entusiasticas acclamações pelo povo.

A historia perpetúa aquella resposta nas seguintes palavras :

Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que Fico.

Si outra e apenas esperançosa foi a que José

Clemente fez ouvir da janella do palacio, certo é que no mesmo dia correo autorizada pelo principe a decisiva e sem reserva alguma que a historia recolheo.

Assim a revolução da independencia do Brazil rompeu no dia 9 de Janeiro de 1822.

D. Pedro dizendo—*Fico*—declarou-se em resistencia ás côrtes e em desobediencia ao rei, e ficando no Brazil adoptou a causa que implicitamente era sustentada nas representações de S. Paulo e do Rio de Janeiro, e tornou-se chefe da revolução.

10 de Janeiro

Em 1681 morre na cidade de Olinda João Fernandes Vieira.

O nome de João Fernandes Vieira recorda uma vida gloriosa e cheia de heroicos feitos.

Esse homem illustre é da ilha da Madeira pelo nascimento, e de Pernambuco por seus benemeritos serviços na guerra hollandeza.

No primeiro periodo dessa guerra de vinte e quatro annos João Fernandes Vieira, muito moço ainda, é eclypsado pelos heróes que combatem ao lado de Mathias de Albuquerque. No segundo e depois de prisioneiro fica entre os hollandezes que

dominam conquistadores do rio de S. Francisco ao Rio Grande do Norte: sujeita-se ao vencedor, negocia, enriquece e espera o futuro com o amor da patria no coração. Alguns o accusam por isso; mas quantos nobres pernambucanos procederam como elle!?... e qual delles mais dedicado, mais generoso e grande se revelou depois?

No ultimo periodo da guerra, Vieira, rico e influente em Pernambuco, é o primeiro a entrar na conspiração que Vidal de Negreiros vem da Bahia tramar, é o primeiro que assume a responsabilidade da insurreição, e que a faz romper á 13 de Junho de 1645; é o que primeiro se bate e vence na peleja das Tabocas; é o aclamado *governador da independencia*.

Então poucos o igualam e nenhum o excede: Vidal, Camarão, Henrique Dias, respeitam o seu conselho, e admiram sua bravura.

Depois de muitas e esplendidas victorias, um dia chega Barreto de Menezes, prisioneiro escapado aos hollandezes, e mostra a carta regia que o mandava tomar a direcção da guerra e o commando dos independentes: Vieira e Vidal de Negreiros, applaudem o chefe; e, sem resentimento do mais justo orgulho descem a segundos em circumstancias prosperas, tendo sido os primeiros nas mais difficeis e arriscadas. Seguem-se duas bata-

lhas tremendas, ambas nos Guararapes em 1648, e 1649, e Vieira é em uma e outra assinalado elemento de victoria, e entre os bravos apenas os mais bravos emparelham com elle.

Vida, riqueza, familia, tudo Vieira expoz pela patria.

Felicitou-o esplendissima victoria, e ellea saudou entusiasmado pela honra e pelo interesse da patria.

O rei deo-lhe grandes premios, exaltou-o com elevados cargos de governação colonial; mas acima do testemunho eloquente dos premios e da alta confiança dos cargos, rutila a brilhante e perpetua luz de seus feitos homericos, de sua magnanimidade, dedicação exaltada e heroica, valor estupendo, e constancia e virtude exemplares.

Sem ter nascido no Brazil, João Fernandes Vieira é um dos mais distinctos e benemeritos brasileiros.

Sua memoria é thesouro que devemos zelar.

11 de Janeiro

Em 1822, o general Jorge de Avilez sahe dos quartéis com a guarnição portugueza e occupa o monte do Castello da cidade do Rio de Janeiro, tomando attitude e disposições hostis.

O acontecimento do dia 9 de Janeiro enthusias-
mára tanto os brasileiros, quanto irritára as tropas
lusitanas, que em numero de dous mil homens guar-
neciam a cidade. O general Avilez, commandante
dessa divisão, conspirava para, em caso de relu-
ctancia do principe D. Pedro, obrigar este a embar-
car e a sahir do Brazil, conforme as ordens das
côrtes.

A divisão portugueza já estava habituada a im-
pôr a sua vontade, pronunciando-se com as armas
em punho. No anno 1821 fizera com resultado e
em sentido liberal duas *bernardas*, como então se
dizia.

Aturdido no primeiro momento pelo—*Fico*—do
principe, de quem não esperava resolução tão po-
sitiva, Avilez contemporisou inutilmente um dia, e
na tarde do dia 11 á frente de suas tropas, occupou
o monte do Castello, que domina a cidade, asses-
tou artilharia em todas as ladeiras de subida, os-
tentando-se ameaçador.

A nova *bernarda* da divisão portugueza era
ainda em sentido liberal, mas anti-brazileiro. Du-
rante a noute de 11 reuniram-se no campo de
Sant-Anna (hoje praça da Acclamação) a pouco nu-
merosa tropa do paiz, e alguns mil patriotas, e ao
amanhecer do dia 12, entrou no campo a artilha-
ria montada que estava na Praia Vermelha, e que

veio puchada por cavallos e bestas das cavalhariças do principe.

Admira como no correr da noute os officiaes brazileiros podessem ir tirar armamentos e munições bellicas do arsenal de guerra aos pés do monte do Castello dominado por Avilez; mas o certo é que no dia 12 amanheceu assim bem armado e disposto a combater o pequeno exercito que se improvisára.

Inferiores em numero, as tropas lusitanas, eram com tudo aguerridas e bravas; mas Jorge de Avilez não ousou tomar a responsabilidade de combate, cujo exito não era seguro para os seus batalhões, e não podendo tambem manter-se com elles no monte do Castello, onde naquelle tempo nem agoa havia, desceo e dirigio-se para a praia' de D. Manoel, e ahi apenando todas as faluas que encontrou (e eram muitas então) passou-se para o outro lado da bahia, e occupou a Armação, e logo depois a Praia Grande, chegando suas guardas avançadas até o lugar chamado Sant'Anna.

O principe D. Pedro mandou reunir, sob o commando do general Curado, governador das armas do Rio de Janeiro, as forças brazileiras que acamparam no campo do Brandão, pouco distante de Sant'Anna, marchando tambem para ali as milicias dos districtos visinhos.

No entanto, prepararam-se os navios que deviam

levar para Portugal aquellas tropas portuguezas conforme determinara D. Pedro, compromettendo-se Avilez a obedecer.

12 de Janeiro

Em 1635, chegam a Goyanna (Pernambuco) o coronel Artichofski, e o conselheiro politico Stachouwer, commandando uma expedição hollandeza de 750 homens, sahida da Parahyba.

Os hollandezes já dominavam na Parahyba e no Rio Grande do Norte. Mathias de Albuquerque mal se sustentava em alguns pontos de Pernambuco, donde se ia em breve retirar.

A expedição de Artichofski, chegando a Goyanna, é recebida com acolhimento pelos habitantes da povoação e circumvizinhanças, que se achavam sem protecção nem recursos para tratá-la como inimiga.

Artichofski e Stachouwer pagam com amigo trato a cortezia desses pernambucanos, e, emprazando-os para no dia seguinte se reunirem todos na povoação, afim de prestarem juramento de fidelidade á Hollanda, vão acampar na aldea de Capivary, meia hora de viagem de Goyanna.

O juramento de fidelidade foi prestado ; mas, por ordem de Mathias de Albuquerque, os capitães Rabello, Martim Soares e Estevão Alvares, commandando quanta gente pôde ser tirada do cabo de Santo Agostinho, incendiaram os cannaviaes, plantações e todo o páo-brazil que encontraram nas vizinhanças de Goyanna, e retiraram os indios que conseguiram reunir, para não os deixar aos holandezes, com quem elles sympathisavam mais.

As forças commandadas pelos tres capitães, apezar de seu fraco numero, ousaram disputar a marcha da expedição hollandeza em Mussuripe ; mas, depois de aspero combate, foram repellidas, sendó não poucos os mortos de ambos os lados, e contando-se entre os feridos o bravo capitão Rabello.

Desmaiava a estrella de Pernambuco : tocava a hora sinistra das emigrações patrioticas, heroicas ; mas tristes. A conquista hollandeza estendia-se e firmava-se.

Erguia-se victorioso o *Brazil Hollandez*.

A conquista facilima de Goyanna, facto de importancia insignificante, indicava comtudo o progressivo e já desesperado abatimento das armas pernambucanas, reduzidas a mesquinhas garnições e a exercito de algumas centenas de soldados.

13 de Janeiro

Em 1825 morre fuzilado em Pernambuco, tendo sido atado a um dos postes da força a que a sentença militar o mandava subir, o réo politico Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.

Foi este uma das victimas da revolução pernambucana denominada *Federação do Equador*.

Caneca foi provavelmente conspirador, conselheiro e pugnador eloquente da revolução que rompeu, dominou ephemera e acabou prompta e facilmente esmagada. Fr. Caneca era criminoso em face da lei.

Mas, porque não soube ser magnanimino, piedoso e sabiamente politico, o poder imperial que, pouco menos de um anno antes, acabava de comprometter-se com o erro e com a violencia da dissolução da Constituinte? . . . era azado o ensejo para obrigar pelo perdão e pela piedade, pela amnistia da Constituição de 25 de Março de 1824, o partido liberal em desconfiança furente.

O abuso do habito monastico intromettido em cousas politicas e seculares não era novidade; o Imperador D. Pedro I visitava no Rio de Janeiro a cella franciscana de Fr. Sampaio, e fazia este sabio

frade escrever na imprensa, sustentando suas idéas e defendendo seu erros.

Fr. Caneca era estimado em Pernambuco. Condemnado a morrer na forca pela commissão militar que obedecia ás instrucções do governo imperial, esta desattendeu ao requerimento do cabido e do clero de Olinda para se retardar o supplicio da victima, em quanto chegava ao Imperador o recurso e a supplica do perdão, que eram já então *direitos constitucionaes*.

D. Pedro I tinha feito jurar a Constituição que outhorgára, e a postergava como si fôra imperador despotico.

Fr. Caneca foi fuzilado; mas não o enforcaram, sómente porque não houve carrasco que se prestasse a executar a sentença.

A certidão seguinte é curioso documento historico :

« Certifico que o réo Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca foi conduzido ao lugar da forca das Cinco Pontas, e ahi, pelas nove horas da manhã, padeceu morte natural em cumprimento da sentença da commissão militar, que o julgou, depois de ser desautorado das Ordens, na igreja do Terço, na fórma dos Sagrados Canones; sendo atado a uma das hastes da forca foi fuzilado de ordem do Exm. general e mais membros da dita commissão,

visto não poder ser enforcado pela desobediencia dos carrascos, do que tudo dou fé, sendo este acto presidido pelo vereador mais velho do senado desta cidade, o Dr. Antonio José Alves Ferreira, arvorada em juiz de fóra. Recife de Pernambuco, 13 de Janeiro de 1825.— O escrivão do crime da relação, *Miguel Archanjo Posthumo do Nascimento.* »

14 de Janeiro

Em 1640. — Batalha naval da Parahyba entre a esquadra hispano-portugueza, commandada pelo Conde da Torre, e a hollandeza, sob o commando do almirante Wiliem Cornelizoon Loos.

A esquadra hispano-portugueza era a maior e mais imponente que até então chegára ao Brazil: entre grandes e pequenos contava oitenta e seis navios; mas o Conde da Torre perdera tempo e oportunidade de ataque, e fôra para a Bahia planejar campanha de terra e mar, que a furia dos ventos, e a sua dubia capacidade de homem de guerra inutilisaram.

As duas esquadras avistaram-se a 11 de Janeiro e, impellidas pelo vento para o norte, a 12 trava-se o combate de Itamaracá, perdem os hollandezes dous navios, e o seu almirante. A noite pôe termo ao combate.

A 13 dá-se a batalha naval do Cabo Branco : o vice-almirante Hughens commanda a esquadra inimiga que ainda perde um navio. A noite vem outra vez separar os combatentes.

A 14 de Janeiro recomeça a batalha diante da bahia da Traição, e tão perto de terra que acode gente ás praias para testemunhal-a, encarniçada e terrível.

Alderik, contra-almirante hollandez, vê o seu navio, o *Swaen*, privado do mastro grande, que cahira, e dando fundo, cercado logo por diversos galeões, que começam a abordagem ; manda cortar os cabos, e abandona-se á corrente que leva o seu navio ao bancos de arêa proximos, e portanto á perdição, e a não portugueza *Chagas*, que o persegue, perde-se tambem, e arreia bandeira, entregando-se a guarnição prisioneira : os dous navios se despedaçam ; mas Alderik, victorioso por sua audacia, retira da não *Chagas*, trinta mil florins, e consegue ganhar a terra, levando seus prisioneiros.

Foi este o mais curioso episodio da batalha naval da Parahyba, na qual foi tão grande o furor, que de parte a parte avultou o numero dos afogados, porque os combatentes, enraivados a matar-se, esqueciam-se de salvar os irmãos e companheiros cahidos ao mar.

E ainda esta batalha terminou indecisa, ficando, porém em poder dos hollandezes duzentos e trinta prisioneiros.

Ninguem ainda se lembrou de duvidar da bravura do Conde da Torre no fervor das pelejas ; mas a todos lembra que a sua esquadra era muito mais numerosa e forte do que a hollandeza, e que nem assim elle soube vencer em combate ou batalha.

O resultado indeciso do combate e das batalhas de 12, 13 e 14 de Janeiro não podem honrar o almirante que commandou esquadra tão superior á inimiga.

15 de Janeiro

Em 1670 Francisco Dias Deiró e Antonio Rodrigues, procuradores do povo do Maranhão, representam ao senado da camara daquella cidade, expondo os grandes soffrimentos do povo pela falta e carestia dos *escravos indios*, que eram vendidos a sessensa, setenta e oitenta mil reis ; porque o negocio estava sendo monopolizado por homens poderosos que abusavam dos seus cargos.

Tambem a 15 de Janeiro; mas no anno de 1661, a camara da cidade de Nossa Senhora de Belem, capital do Pará dirigira um memorial ao padre Antonio Vieira, superior e visitador geral das

missões do Estado do Maranhão, mostrando a penúria e miseria do povo por falta de braços, devida á intervenção dos jesuitas no governo temporal das missões, e ao monopolio que faziam dos indios para o serviço da Ordem, e particular delles, concluindo por preannunciar calamidades publicas, si não obviasse a causa do mal.

O que da representação e do memorial se conclue, é que no Estado do Maranhão, ou nas duas capitancias do Norte a paixão dominante dos colonos era a escravidão do gentio, explorada em uma pela ganancia immoral dos poderosos, e interesseiramente combatida na outra pelos jesuitas, que nos indios preparavam elementos de força para seu poder temporal, como pouco menos de um seculo depois o tornaram patente, servindo-se dos indios para impedir a execução do tratado de Madrid.

Mas para o misero gentio o jesuita com toda a sua ambição era mil vezes preferivel ao colono, e aos chamados administradores no Estado do Maranhão.

O escravo africano facilitou a emancipação do indio escravo.

Agora impõe-se questão e problema semelhantes e já em principio de resolução, que só se difficulta, porque não ha *outro escravo* para supprir o *africano*.

16 de Janeiro

Em 1822, o Dr. José Bonifacio de Andrada e Silva, chegado de S. Paulo, entra e predomina nos conselhos do principe regente D. Pedro, como ministro dos negocios do reino e dos estrangeiros.

Desde o dia 9 de Janeiro, o dia do *Fico*, o Brazil e com o Brazil ou á sua frente o principe D. Pedro se tinham declarado em revolução aberta contra o dominio de Portugal que em sua politica oppressora as côrtes de Lisboa representavam.

Sobravam á revolução rompente brasileiros de esclarecida intelligencia e de acção energica ; faltavam-lhe, porém, nomes já famosos e de prestigio indisputavel.

Dizem que até então José Bonifacio duvidara da opportunidade da independencia do Brazil ; mas o imperio dos acontecimentos, a electricidade do patriotismo impuzeram-se por ventura aos calculos prudenciaes do sabio.

José Bonifacio veio ao Rio de Janeiro impellido pelas aspirações patrioticas de S. Paulo, e já tambem revolucionario fallou ao principe em nome da independencia do Brazil.

Revelara-se o homem da epocha ; as grandes

revoluções têm o privilégio da revelação dos homens de seu tamanho.

José Bonifacio era um sabio de nomeada europea: era o homem de prestigio immenso que a revolução da independencia aproveitava.

D. Pedro, principe regente, abraçou-se com elle.

Telemaco acabava de abraçar e de adoptar Mentor.

José Bonifacio tornou-se no governo a alma directora da revolução, que achara já pronunciada, o ministro glorioso e louvado, como um dos primeiros patriarchas da independencia.

Auxiliado pela energia revolucionaria e patriotica de Nobrega, pela eloquencia de Ledo, escriptor inspirado, pela acção modesta, mas proficuisima do capitão-mór José Joaquim da Rocha, por Fr. Sampaio, e o padre, depois conego Januario, na imprensa, por Joaquim de Oliveira Alvares e outros no exercito, José Bonifacio, que bem depressa teve por collega no gabinete, como ministro da fazenda, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, foi o grande conselheiro da revolução da independencia e bem mereceu a estatua que em 1872 lhe foi erguida e inaugurada a 7 de Setembro, na praça de S. Francisco de Paula.

17 de Janeiro

E' deste dia e do anno de 1557 a carta régia de El-rei D. João III, doando a D. Alvaro da Costa o territorio da comarca de Paraguassú, na Bahia, comprehendido entre o rio do mesmo nome e o de Jaguaribe até a serra Guararaú.

D. Alvaro da Costa era filho do segundo governador geral do Brasil, Duarte da Costa, joven intrepido e que se assignalou, guerreando contra o gentio; mas de costumes demasiado livres que provocaram as censuras do primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Sardinha, o que mais aggravou as desintelligencias deste com Duarte da Costa.

Bem pudera esse facto não ser boa razão para negar-se a Alvaro da Costa aquella importante sesmaria; a historia, porém, não perdoou a Duarte da Costa o ter, durante a sua governação, cuidado tanto do interesse de seu filho, servindo-se para isso da influencia official de que então dispunha.

Tendo sido tão infeliz o seu governo, melhor fôra que Duarte da Costa recommendasse o seu nome á posteridade pelo seu desinteresse.

18 de Janeiro

Em 1636 fere-se perto de Porto Calvo a batalha da Mata Redonda, na qual os hollandezes derrotam o exercito pernambucano, ficando morto o general Rojas y Borja, que o commandava.

Depois de sua retirada para as Lagunas, Mathias de Albuquerque entregou, a 15 de Dezembro de 1635, o commando do exercito ao seu recém-chegado successor, D. Luiz de Rojas y Borja que imprudentemente quiz tomar a offensiva, e poucos dias depois avançou sobre Porto Calvo com mil e quatrocentos homens, fóra os indios de Felipe Camarão, ficando nas Lagunas Bagnuolo com setecentos soldados.

A' approximação de Rojas y Borja os hollandezes abandonaram Porto Calvo, que foi occupado pelo capitão Francisco Rebello, proseguindo aquelle general a quem Artichofski veio encontrar, sahindo de Peripueira com mil e tresentos homens.

Ao romper do dia 18 de Janeiro travou-se a peleja que durou pouco mais de uma hora ; mas que foi terrivel e mortifera.

Rojas y Borja, vendo recuar já desordenada uma de suas columnas, atira-se bravamente de

lança em punho, é ferido em uma perna por bala de mosquete, e indo montar a cavallo, recebe outra bala no peito e cahe morto.

Então torna-se geral a derrota do exercito que acabava de perder o seu general.

Camarão, e o capitão Rebello que acudiram de Porto Calvo, apenas podem impedir a completa destruição das columnas em debandada.

Artichofski, por falta de munições e de mantimentos, não pôde perseguir os vencidos.

19 de Janeiro

Em 1654, rende-se aos independentes o forte *Altenar* que os hollandezes occupavam na margem direita do Recife em face do Beberibe.

O dominio hollandez tocava o seu termo.

A esquadra commandada por Pedro Jacques de Magalhães, que chegára a 20 de Dezembro de 1653, bloqueava o porto do Recife e de accordo com ella o exercito pernambucano atacava as fortificações exteriores da praça.

A 15 de Janeiro rendera-se o forte das Salinas.

O de *Altenar* capitulou depois de resistir dous dias ao mais vigoroso ataque.

Sahio a guarnição com bandeiras e armas que depoz ao chegar ao acampamento dos indepen-

dentés, e recolheu-se distribuida aos navios da esquadra, devendo seguir para Portugal. Constou a guarnição prisioneira de 241 homens, entre commandante, officiaes, soldados, tendo deixado no forte 31 mortos e 20 feridos.

Cinco bandeiras, dez peças de artilharia e grande cópia de munições foram os despojos.

A capitulação do forte *Altenar* foi o preludio do das *Cinco Pontas*.

O Brazil hollandez exalava os ultimos suspiros de vida nos fortes que se rendiam.

20 de Janeiro

Em 1567, Mem de Sá ataca os francezes estabelecidos no Rio de Janeiro e os põe em completa derrota e fuga.

Villegaignon plantara a colonia franceza calvinista no Rio de Janeiro em Novembro de 1555, como se dirá, e retirando-se desgostoso, ahi a deixara fundada.

Em 1560, o governador geral Mem de Sá toma o forte Coligny ou ilha de Villegaignon aos francezes, que fogem para o continente, voltando e fortalecendo-se na mesma ilha depois da retirada dos portuguezes.

Em 1565 Estacio de Sá, sobrinho do governa-

dor geral, é mandado de Lisboa para expellir os francezes do Rio de Janeiro, e tendo reunido os reforços que pôde, desembarca e se fortifica entre o Pão de Assucar e a Praia Vermelha, e leva todo o anno de 1566 em combates sem resultado decisivo ; mas que lhe abatem as forças.

No fim desse anno o jesuita José de Anchieta, que estava com Estacio de Sá, vai tomar Ordens Sacras na cidade do Salvador e informa ao governador geral da situação delicadissima e arriscada em que se achava seu sobrinho.

Mem de Sá prepara logo pequena expedição, pois que só dispunha de mingoados recursos, segue para o sul, recolhe auxiliares na capitania do Espirito Santo, vai tomar os que ainda pôde dar-lhe a de S. Vicente, e apparece á barra do Rio de Janeiro a 18 de Janeiro.

Ora, Estacio de Sá lançara os fundamentos de uma cidade no lugar onde se fortificara e lhe dera por padroeiro S. Sebastião.

Mem de Sá desembarcou no dia 19 de Janeiro, e sendo o seguinte o da festa de S. Sebastião, aproveitou-o para o ataque dos francezes calvinistas.

O forte de *Uruçú-mirim* foi o primeiro atacado, e depois de porfiada peleja tomado, sendo ferido no rosto por uma flecha o capitão-mór Estacio de Sá, que poucos dias depois morreu.

Em seguida os portuguezes lançam-se sobre o inimigo, que occupava a ilha do Gato ou *Paranapucuy*, e ahi o destroçam.

Naturalmente ainda em outros pontos se combatia, e é provavel que a peleja em pontos ou lugares relativamente distanciados não se concluisse em um só dia; certo é, porém, que os francezes em toda a parte foram batidos, escapando só aquelles que poderam alcançar na fuga as suas náos, nas quaes se puzeram a salvo, deixando com proprio vento a bahia do Rio de Janeiro.

Os tamoyos, auxiliares dos francezes e a elles dedicados, vendo-se em abandono, pediram pazes, e fingiram sujeitar-se, bem que fossem sempre ainda depois inimigos implacaveis dos portuguezes.

Mem de Sá mudou o assento da cidade de S. Sebastião da Praia Vermelha para o monte que posteriormente se chamou do Castello, e retirando-se, nomeou governador do Rio de Janeiro a Salvador Corrêa de Sá, outro sobrinho seu.

21 de Janeiro

Em 1954, começava vigoroso o ataque da fortaleza das *Cinco Pontas*, ultimo baluarte do Recife occupado pelos hollandezes.

No dia antecedente, os soldados da Hollanda tinham evacuado as fortalezas dos *Afogados* (*Principe Willem*) do *Brum* e do *Buraco* para se concentrarem na praça do Recife: os independentes entraram e arvoraram nellas a bandeira da mãe-patria.

Na tarde do mesmo dia 20 de Janeiro, galharda columna pernambucana avançou para a fortaleza das *Cinco Pontas*, a ultima que restava ao Recife em defesa exterior, tomou posição e assestou artilharia, preanunciando em alguns tiros vivissimo ataque.

A fortaleza era consideravel e rica de recursos de ameaçadora resistencia: era então a porta do Recife; era o desespero enfurecido atraz de muralhas, e de defesas tremendas.

Como era a porta do Recife, escolheram para tomar-lhe a chave e abril-a André Vidal de Negreiros, o Bayardo pernambucano, *sans peur e sans reproche*.

A 21 de Janeiro o modesto e bravo heroe fez começar o bombardeio e quasi logo os ataques das obras defensivas exteriores.

A 21 e 22 do mesmo mez o ribombo da artilharia e os assaltos e pelejas annunciaram, em estrondos e em arrojos de inclita bravura, a heroicidade patriotica dos pernambucanos.

No ultimo desses dias as obras exteriores da

fortaleza das *Cinco Pontas* foram tomadas, e Vidal de Negreiros, ferido em uma perna, recusou substituição no commando e direcção do ultimo e tremendo assalto, e passou a noite dormindo a sonhar com este e com a gloria da patria.

Era o somno na vespera da maior e mais completa victoria.

Vidal de Negreiros bem merecia dormir e sonhar assim.

O heroe devia subir ao capitolio da patria no dia seguinte.

22 de Janeiro

Em 1820, fere-se a batalha de *Taquarembó*, na qual é completamente derrotado o famoso Artigas.

A campanha iniciada em 1816 fôra marcada por consecutivas victorias das armas portuguezas. Nos tres annos seguintes, a fortuna não abandonou os generaes de D. João VI, de modo que no fim de 1819 todo o territorio áquem do Prata estava dominado pelos vencedores.

Mas havia um governador obstinado, valente e prestigioso chefe, á cuja voz acudiam gaúchos, e se levantavam bellicosas columnas com auxilio de populações visinhas: esse chefe era o general Artigas que, embora já por vezes batido, teimava furente na guerra.

Artigas reunindo numerosas forças, atacou a 13, 17 e 27 de Dezembro de 1819, o brigadeiro José de Abreu, que com quatrocentos homens ficára em Santa Martha guarneecendo a fronteira.

O Conde da Figueira, capitão general do Rio-Grande, acudindo com as tropas que pôde reunir, fez junção com o brigadeiro Abreu, e marchando logo no encalço de Artigas o encontrou em Taquarembó, onde foi dada, no dia 22 de Janeiro, a batalha que tomou esse nome.

Artigas, posto em derrota e em debandada todo o seu exercito, fugio para o Paraguay, onde o respectivo dictador, o Dr. Francia, fel-o internar na aldêa do Curuguay, e ahi o reteve debaixo de cautelosa vigia.

A victoria de *Taquarembó* pôz termo á guerra; e a Banda Oriental ficou occupada pelas tropas portuguezas, até Julho de 1821, em que ella entrou como provincia Cisplatina do reino do Brazil, ainda portuguez.

23 de Janeiro

Em 1654 os hollandezes da guarnição da fortaleza das Cinco Pontas pedem em nome do Alto Conselho do Recife suspensão de armas, declarando-se promptos a ajustar artigos de capitulação.

Vidal de Negreiros, embora ferido, como ficou dito, dirigia energico o ataque da fortaleza ; quando teve de suspendel-o para attender aos signaes e pedidos de suspensão de armas.

A's 3 horas da tarde foi recebido o parlamentar, que trazia para Barreto de Menezes, general em chefe dos independentes uma carta do Supremo Conselho do Recife.

A carta pedia suspensão de armas, nomeação de commissarios, prazo e lugar para se tratar da capitulação.

Barreto de Menezes respondeu convindo em tudo; mas limitando a suspensão de armas da fortaleza das Cinco Pontas até Olinda, pois que ficaria livre a acção da esquadra no mar.

Os commissarios foram nomeados por Barreto de Menezes, que designou em primeiro lugar para chefe delles o benemerito André Vidal de Negreiros.

O prazo marcado foi o dia seguinte.

O lugar da conferencia, que aliás não se indicou na resposta do general, foi a campina do Taborda, hoje chamada Cabanda.

O ultimo tiro da guerra hollandeza tinha sido disparado na manhã do dia 23 de Janeiro de 1654.

No dia seguinte, sabbado 24 de Janeiro, começaram as conferencias.

A 25 é redigida a capitulação e assignada em primeiro lugar pelo primeiro heróe brasileiro do ultimo periodo da guerra, André Vidal de Negreiros.

A 26 á noite é emfim assignada a ractificação da capitulação dos hollandezes do Recife, que tambem continha a clausula da entrega dos poucos fortes, que elles ainda occupavam além.

Acabou nessa noite o Brasil hollandez.

O general Segismundo, que commandava no Recife, curvara-se á irresistivel adversidade.

O mar que era o seu imperio e sua porta de recursos, lhe estava fechado.

A Hollanda, em graves embaraços na Europa, não o soccorria.

No interior dominavam absolutamente os independentes. Na praça do Recife a penuria excitava a indisciplina de soldados mercenarios.

O principe Mauricio de Nassau estava justificado pelo aniquilamento do Brasil hollandez, aniquilamento na maxima parte causado pela perseguição ao culto catholico, e pelo egoismo e interesseiro monopolio da companhia das Indias Occidentaes.

Ainda bem que assim foi.

24 de Janeiro

Em 1648, chega ao novo arraial do Bom Jesus o mestre de campo general Francisco Barreto

de Menezes, e toma o commando em chefe dos independentes.

Em 1647, D. João IV, ao mesmo tempo que dava esteril e simulada satisfação ás queixas da Hollanda, retirando do governo geral do Brazil Antonio Telles da Silva, o glorioso preparador da insurreição pernambucana contra o poder neerlandez, despachava secretamente o general Francisco Barreto de Menezes para tomar o commando em chefe dos independentes.

Barreto de Menezes trouxe em duas caravellas o fraco auxilio de trezentos homens; mas por infortunio, chegando á altura da Parahyba, foi cercado por alguns navios de guerra hollandezes, e ficou prisioneiro com as suas pobres caravellas.

Conduzido ao Recife, soube este notavel capitão portuguez occultar do inimigo a patente regia que o nomeava general em chefe do exercito pernambucano, e, ao cabo de alguns mezes de paciencia e de habil dissimulação, tendo emfim conseguido ganhar a amisade de um dos seus guardas, com elle fugio da ainda capital do Brazil hollandez, e apresentou-se no arraial do Bom Jesus.

João Fernandes Vieira era desde 1645 o proclamado *governador da independencia*; o mestre de campo André Vidal de Negreiros exercia tambem, desde o mesmo anno, o commando militar: os

hollandezes tinham sido constantemente batidos ; mas Vieira e André Vidal de Negreiros, como todos os outros bravos capitães dos independentes, saudaram com alegria o general que lhes mandara D. João IV, e á cuja autoridade obedeceram immediatamente.

Barreto de Menezes mostrou-se digno do commando que tomou, e logo no mesmo anno e no seguinte cobrio-se de gloria como geral vencedor das duas batalhas dos *Guararapes*, nas quaes recebeu golpe mortal o poder hollandez no Brazil.

25 de Janeiro

Em 1500, Vicente Yanez Pinzon descobre o cabo que chamou de *Santa Maria de la Consolation* e que, com toda probabilidade, é o que depois foi chamado de S. Agostinho.

Pedro Alvares Cabral não foi o primeiro navegador que chegou ao Brazil. Antes d'elle Alonzo de Hojeda, acompanhado de Americo Vesputio e de João de la Caza, achou-se em cinco grãos ao sul da equinocial em frente de uma terra alagada, provavelmente sobre uma das boccas do rio das Piranhas.

Vicente Yanez Pinzon, um dos irmãos Pinzon que acompanharam Colombo ao descobrimento do novo mundo, sahio de Palos com quatro caravellas a 18 de Novembro de 1499, e navegando para sudoeste, na altura de oito grãos de latitude meridional avistou a 25 de Janeiro seguinte a ponta de terra, á que deu o nome de cabo de Santa Maria de la Consolation.

Depois de Vicente Pinzon, Diogo de Lepe, em Fevereiro ou Março de 1500 tambem aportou á algum ponto da costa do Maranhão.

Não é por certo menor a gloria de Pedro Alvares Cabral, que, desconhecendo os resultados daquellas viagens, foi tambem verdadeiro descobridor do Brazil, como se refirirá no competente dia, e de descobridor deste paiz lhe ficaram exclusivas honras, tanto por seu legitimo direito, como porque Portugal se apressou a annunciar aos soberanos da Europa a sua nova possessão, e a Hespanha não teve que disputal-a, visto que o Brazil estava comprehendido no *hemispherio portuguez*, conforme o celebre tratado de *Tordesilhas*.

O cabo descoberto por Vicente Yanez Pinzon em 1500, foi tambem descoberto em 1501 pela primeira esquadriha exploradora do Brazil mandada por el-rei D. Manoel, e foi então que recebeu o nome de cabo de S. Agostinho.

26 de Janeiro

Morre na cidade do Rio de Janeiro, em 1812, o notavel estadista portuguez e ministro, Conde de Linhares.

O principe D. João, tomando o governo da monarchia portugueza, em consequencia da alteração das faculdades mentaes da rainha D. Maria I, sua mãe, chamou para os seus conselhos a D. Rodrigo de Souza Coutinho, que depois teve o titulo de Conde de Linhares.

D. Rodrigo, distincto fidalgo portuguez, era descendente de uma brazileira, e, como ministro, procurando o merecimento sem indagar a patria e a familia de quem o tinha, honrou e elevou a diversos brazileiros assignalados nas sciencias e nas lettras. Este proceder tão justo, como politico, fôra até então desconhecido, ou tão pouco observado, que o illustre ministro foi reputado protector zeloso dos brazileiros.

Si o foi realmente por inspiração de estadista, D. Rodrigo adivinhou proximo futuro, porque deu daquelle modo bons fundamentos á gratidão e ao amor dos brazileiros, á familia real portugueza e particularmente ao principe regente D. João, que em 1807 tiveram de emigrar para o Brazil.

Assentada a nova capital da monarchia lusitana na cidade do Rio de Janeiro, o Conde de Linhares, pela sua maior influencia no governo, por grande espirito politico, e por illustrada pratica administrativa, foi o sabio inspirador da fundação de instituições, fontes de progresso e de civilização, além daquellas que na justiça, na fazenda, na administração geral, emfim, eram como de obrigado estabelecimento na *capital do novo Imperio*.

Não admira, pois, que na cidade do Rio de Janeiro o dia sinistro do fallecimento do Conde de Linhares fcsse de dôr e de luto para a população agradecida.

De Portugal tinha esse ministro trazido a fama de amigo, e de protector dos brazileiros ; no Brazil os factos demonstraram que elle não poupou actividade, diligencia e constancia para organizar grandemente a administração geral do *novo Imperio* e para dotar a respectiva capital com instituições bellas e uteis, que vingaram e que estão florescendo.

O Brazil deve honrar a memoria do Conde de Linhares.

27 de Janeiro

Em 1564 tremula a bandeira portugueza na cidade do Recife, e termina depois de vinte e quatro

annos a guerra hollandeza com a maior gloria para os independentes.

O grandioso acontecimento deste dia foi o resultado da capitulação da campina do Taborda.

João Fernandes Vieira, commandante da vanguarda do exercito pernambucano, teve a dita de ser o primeiro a entrar triumphante na capital do Brazil-hollandez; os outros chefes o seguiram immediatamente á frente de suas columnas e tomaram posse da cidade e dos fortes. Imagine-se o entusiasmo das phalanges heroicas.

Magnanimo em sua modestia, generoso e grande em seu proceder, Francisco Barreto de Menezes, desde 1648 general em chefe daquelle exercito vencedor, não quiz commandal-o, não se ostentou como de direito o podia fazer, mostrando-se na dianteira da entrada triumphal; deixou as transportadoras commoções do primeiro dia aos bravos e inclytos chefes que, antes da sua chegada e do seu commando, tinham preparado o complemento das victorias em pelejas e combates de audacia incrivel e de resultados assombrosos. Antes d'elle entraram, deviam entrar no Recife, Vieira, Vidal de Negreiros, Henrique Dias, Cardoso, e tantos outros, menos D. Antonio Felipe Camarão, o indio afidalgado, que morrera em 1649.

Francisco Barreto de Menezes, o general em chefe entrou no Recife no dia 28 de Janeiro de 1654.

Os artigos da capitulação do Tabordo garantiram aos hollandezes tudo quanto a generosidade dos vencedores podia conceder a inimigo incapaz de resistir por muitos dias; tudo foi bem regulado para absoluta aniquillação do poder hollandez, e para a segurança de completa abstenção de vingativas perseguições possiveis em vencedores, inverosimeis em heroes que elles eram.

A capitulação é o menos, a integridade do Brazil é o mais na esplendida memoria deste dia.

O Brazil hollandez ainda limitado ás suas mais precisas, conseguidas e conservadas conquistas do Rio Grande do Norte ao rio Real ao sul, quebrava pelo meio o Brazil portuguez, e naturalmente preparava o futuro de tres Brazis independentes, um da extrema meridional, do arroio do Chuy até a Bahia, outro o hollandez até o Rio Grande do Norte, o terceiro do Ceará até o Amazonas. A fidelidade portugueza debalde quererá apertar nós de união entre o Norte e o Sul, reparados longamente pela Hollanda brasileira, espaçando-se immensa no meio de ambos. No futuro regenerador inflexivel teriam de haver tres Brazis, tres Estados com seus nomes de convenção, de geographia, ou de

systema politico: tres repulsões em vez de tres harmonias fraternaes.

A quéda do Brazil hollandez, a reunião de todo o Brazil sob o dominio de Portugal, foi a sancção dada pela Providencia aos destinos miraculosos do Brazil unido, integro, imperio monumental, que com um pouco de juizo do seu governo e dos seus filhos e habitantes poderá deslumbrar o mundo pelo seu esplendor.

Mas não o esqueçais: o poder hollandez no Brazil foi destruido depois de vinte e quatro annos de guerra terrivel pela força herculea de dous sentimentos magnificos e irresistiveis; o da fé, e o da liberdade.

Fé catholica, que não é fanatismo, nem theocracia. Liberdade que não é licença, nem anarchia.

A lição falla com eloquencia.

28 de Janeiro

E' deste dia e do anno de 1808 o decreto que o Principe Regente D. João promulgou na cidade da Bahia, franqueando os portos do Brazil ao commercio de todas as nações amigas.

A familia real portugueza sahira de Lisbôa imigrante para o Brazil á 29 de Novembro de 1807 ao annuncio da invasão de Portugal por inimigo.

"Nas um bem lhe devemos que gozamos!"

(Napoleão em Waterloo - (S. Magalhães))

— 53 —

exercito francez commandado por Junot, general de Napoleão Bonaparte.

Sem pensar Junot em nome de Napoleão I fazia a primeira campanha para a independencia do Brazil.

O Principe Regente D. João, de improvizo, rematou pouco depois a segunda campanha involuntaria, não calculada.

A esquadra que conduzia a familia real portugueza foi estramalhada por grande tempestade.

Em quanto alguns navios chegavam com a rainha D. Maria I. e parte da familia real ao Rio de Janeiro, o Principe Regente D. João desembarcava na cidade S. Salvador da Bahia, à 23 de Janeiro de 1808.

Alli todas as explicaveis attracções e fascinantes empenhos se multiplicaram para que a cidade filha de Thomé de Souza, e antiga capital do Brazil-Colonia fosse preferida para capital temporaria da monarchia luzitana.

D. João negou-lhe essa preeminencia reservada para a cidade do Rio de Janeiro; deu-lhe, porém esplendida gloria, assignando em seu seio o decreto revogador da condição colonial do Brazil,

Dizem que o sabio bahiano José da Silva Lisbôa, depois do Visconde de Cayrú, fôra o aconselhador dessa transcendente providencia regeneradora.

Sobram informações para se admittir que o conselho fosse dado por varão já prestigioso por sua reconhecida e admirada sabedoria ; mas idéas anteriores, inspiradas por D. Rodrigo de Souza Coutinho, em Lisbôa, como o da vinda do Principe D. Pedro para o Brazil, no character de Condestavel, e outras tendentes á elevação politica do Brazil, no empenho do preparado asylo para a familia real portugueza, podem fazer suppôr que o Principe Regente D. João já trazia o animo preparado para a adopção de medida tão garandiosa ; mas ainda assim não é menor a gloria que compete ao brasileiro José da Silva Lisbôa, pelo patriotismo e pela sabedoria do seu conselho.

O Brazil deixou de ser colonia no dia 28 de Janeiro de 1808.

Suas portas commerciaes abriram-se ao mundo. Não havia poder humano que conseguisse fechal-as depois desse dia.

29 de Janeiro

E' deste dia e do anno de 1698 a carta regia, regulando o preço por que se devia vender o tabaco no Maranhão e no Pará.

A carta regia de 29 de Janeiro de 1698 dictada com a melhor intenção parecia não ter em vista

de não regular o preço do tabaco; mas positivamente fixava-o, ordenando ao governador do Estado do Maranhão, que não consentisse que os lavradores do Maranhão e do Pará levantassem o preço daquelle producto, e que pelo contrario os obrigassem a vendel-o, como até então costumavam, conforme as qualidades superiores e inferiores.

O governo da metropole, na segunda metade do seculo decimo setimo, distinguio-se por gravissimos e successivos erros, que já podiam tel-o ensinado a deixar em liberdade os mercados da sua colonia da America.

A Companhia Geral do Commercio do Brazil, creada em 1649, foi de grande proveito, concorrendo para a feliz terminação da guerra hollandeza; mas em seguida vexou enormemente o povo com o seu monopolio de importação de quatro dos principaes generos. O governo vio-se obrigado a reformal-a.

A companhia do Estanco do Maranhão com o monopolio mais illimitado produzio no fim de mezes a revolta de Beckman em 1681.

Depois de enforcados Manoel Beckman e Jorge Sampaio, e de perseguidos e castigados outros revoltosos, o governo de Lisboa ainda metteu-se a regular preços de generos, e, o que é mais, de modo absoluto, e sem ao menos attender á circums-

tancias economicas, que necessariamente alteram os preços.

O assumpto da carta regia, de que se trata é de menor importancia em relação ás proporções do vexame; é porém de notavel transcendencia, porque denuncia o ruim systema adoptado pelo governo que sómente se póde desculpar com a ignorancia que então havia dos verdadeiros principios economico-politicos.

30 de Janeiro

E' deste dia e do anno de 1819 a convenção demarcadora dos limites da provincia do Rio Grande do Sul e da Banda Oriental que precedeu á incorporação desta ao *Reino do Brazil*.

A guerra do Sul, começada em 1816, tinha chegado ao seu termo: o exercito portuguez vencedor occupava a Banda Oriental; sem duvida, porém, D. João VI precisava attender á considerações politicas de importancia, que o levaram a demorar o muito almejado fruto da victoria, que era plantar o limite meridional do Reino do Brazil na margem esquerda do Prata.

Em 1819 o cabildo de Montevideo prestou-se a nomear um plenipotenciario, D. Prudencio Morguiondo, para tratar com o coronel de engenhei-

ros João Baptista Alves Porto uma convenção demarcadora dos limites da provincia do Rio Grande do Sul e da Banda Oriental, afim de se prevenirem contestações possiveis no futuro.

Pelo consequente ajuste que teve a data de 30 de Janeiro de 1819 o Rio Grande dilatou-se de um lado (o do mar) até á angustura de Castilhos e do outro até o rio Arapehy, em compensação de favores de outra natureza garantidos pelo rei á Banda Oriental.

Não parece que se deva dar grande importancia á esta convenção.

A Banda Oriental continuou a ficar em situação anomala e indeterminada ; porque o rei de Portugal nem fazia cessar a sua occupação militar, nem lhe impunha as condições de conquista e de absorpção, como podia fazel-o.

D. João VI, o rei de Portugal, tinha enfim segura, apertada em suas mãos a Banda Oriental, objecto das ambições da politica portugueza desde D. Pedro II, ou desde o ultimo quartel do seculo XVII ; mas tranquillo pela certeza do dominio, não quiz impol-o francamente, e esperava que lh'o viessem offerecer.

Se condemnarem pelo emprego de taes meios a D. João VI, hão de condemnar tambem certas conquistas européas do nosso seculo.

O que muito importa determinar e esclarecer bem positivamente neste assumpto, nesta questão geographo-politica da Banda Oriental, é que nella actuava, desenvolvia-se e triumphava, emfim, a politica, a aspiração já tradicional do governo portuguez no sul da sua grande colonia, e recente reino da America.

Essa politica foi incontestavelmente de absorpção da Banda Oriental.

O Brazil, Imperio independente desde 1822, sómente conhece e reconhece politica brasileira internacional a do seu governo desde 7 de Setembro de 1822.

E o Imperio do Brazil nunca teve, nem deve ter politica de absorpção e de conquistas.

31 de Janeiro

Em 1618 morre o rei de Portugal o cardeal D. Henrique, o Casto.

Successo natural e acontecimento politico, a morte de D. Henrique, o cardeal-rei, poderia afigurar-se, mas não é, de importancia exclusiva da historia de Portugal.

Os destinos do Brazil-colonia estavam ligados aos de Portugal-metropole, e o passamento daquelle rei abrio as portas da monarchia portugueza e de

seus dominios ao sinistro e fatal dominio hespanhol, dominio estrangeiro.

A' parte os sentimentos nacionaes, os brios, dil-o-hemos, a honra de sua população colonisadora e mais ou menos civilisada, que era em sua quasi totalidade toda procedente de Portugal, ao Brazil-colonia poderia ser indifferente que a capital da sua metropole estivesse assentada nas margens do Tejo ou do Mançanares.

Mas a morte do rei-cardeal e o dominio hespanhol, marcaram na historia do Brazil colonial o periodo mais doloroso e mais cheio de calamidades e de sangue; foi o periodo funesto das assolacões de piratas, da occupação da ilha do Maranhão pelos francezes, das pelepas para expulsal-os dahi, e da tremenda guerra hollandeza, que durou 30 annos a contal-a do ataque e da tomada da cidade de S. Salvador da Bahia em 1624.

Ao Brazil cabe lamentar as consequencias da morte desse rei-cardeal, rei sem prole, rei fatal que em seu prestito mortuario arrastou logo moribunda a independencia da patria!

A historia de Portugal mais profundamente interessada e mais competente que julgue esse rei hesitante, fraco, réo de lesa patriotismo, que deixou a corôa portugueza abandonada a todas as pretenções as mais illegitimas, e as mais preten-

ciosas, e que si em sua verdadeira ou fingida hesitação e animo vacillante servio de preferencia a alguma, foi ao de rei de Hespanha, pois que dissimulado facilitou favores, e prestou auxilio voluntario ou não ao dominio hespanhol que pesou horrivel sobre Portugal, e sobre os dominios e colonias deste durante sessenta annos.

A data da morte de D. Henrique o Casto, rei de Portugal, marca a vespera do dominio hespanhol, e é sinistra na historia do Brazil.

O imperio americano nada tem que ver com os vagos, e mais poeticos do que politicos planos ou sonhos da união iberica ; mas é certo que em 1641 saudou enthiasmado a revolução regeneradora de Portugal electricamente realizada em Dezembro de 1640.

Nunca houve élo mais fraternal, mais apertado e mais enthusiastico do que entre Portugal metro-pole e o Brazil colonia na acelamação de D. João IV, que era a acclamação da liberdade, da independencia e da gloria da patria commum.

FEVEREIRO

1 de Fevereiro

E' deste dia e do anno de 1614 a carta régia, pela qual o rei de França permittio que viessem doze religiosos capuchos para a *Nova França* (Maranhão) afim de ensinarem nella a doutrina Catholica Apostolica Romana, e determinando o que esses padres deveriam levar para desempenho de sua tarefa.

A occupação da ilha do Maranhão pelos francezes, commandados por La Ravardière, terminou, sendo estes expulsos em Novembro de 1615, como se dirá; mas o facto, que é recordado pela data de 1 de Fevereiro de 1614, tem notavel importancia historica; pois que (como outros) prova que a expedição de La Ravardière trouxe character official, e era desempenho de ordens do governo francez.

Não admira a franqueza dessa ambição illicita.

Já antes e com o mesmo apoio do governo francez, Willegaignon e seus successores no commando tinham occupado a bahia do Rio de Janeiro, pontos do respectivo continente, e algumas ilhas, desde 1555 até 1567.

E ainda antes Francisco I protestava não conhecer a verba testamentaria em que Adão tinha deixado o novo mundo exclusivamente aos reis de Hespanha e de Portugal.

A França enamorou-se muito do Brazil, e bem longe de nós o accusa-a por isso de máo gosto.

O que admira é que em plena paz offendesse em seus direitos uma nação amiga, atacando Portugal em uma sua possessão reconhecida.

A Hollanda, invadindo o Brazil e conquistando parte delle, esteve em seu direito de potencia beligerante; porque se achava em guerra com a Hespanha, e o Brazil seguira os destinos de sua metropole, curvando-se ao dominio hespanhol.

O mesmo se póde dizer da Hespanha, quando absorveu ephemeramente immenso territorio do Rio Grande do Sul, ou quando tomou e occupou por menor tempo a ilha de Santa Catharina. A guerra explica perfectamente esses factos.

Para aquelles abusos e violencias do governo francez é que não ha explicação bastante accetavel.

2 de Fevereiro

Data lugubre : em 1849 os revoltosos praieiros atacam a cidade do Recife e são derrotados e esmagados depois de sanguinolenta peleja.

Foi o dia da catastrophe da revolta imprudente e fatal.

Os revoltosos deviam atacar a cidade por dous lados e dividiram por isso suas forças em duas columnas : uma, commandada pelo capitão Pedro Ivo, penetrou no coração do Recife, onde achou preparados auxiliares em boa parte do povo ; a outra, dirigida pelo deputado Peixoto de Brito, recuou desanimada por terrivel golpe que recebeu nas vizinhanças da Veneza brasileira. A alma do seu entusiasmo, o objecto da quasi idolatria popular, o bravo e generoso deputado Nunes Machado, que a electrifava com a sua voz e com o seu exemplo, cahio morto por uma bala, e diante do seu cadaver a segunda columna revoltosa desfez seu valor em lagrimas, e quasi toda retirou-se.

Na cidade o combate foi sustentado pela gente de Pedro Ivo e pelos auxiliares com que elle contava alli ; nenhum dos chefes revoltosos, porém, tinha podido calcular com o magnifico vapor *D. Affonso*, chegado inesperadamente da Europa e

commandado pelo intrepido e heroico Sr. Marques Lisboa, hoje Visconde de Tamandaré, valente e leal guerreiro, como o Bayardo, de quem a França se ufana. O commando e a guarnição da *D. Affonso*, e a falta de concurso da segunda columna revoltosa, que desanimada se retirára, deram a victoria ás armas legaes.

Mas a peleja durou longas e horriveis horas.

De ambos os lados a bravura, e o valor heroico dos brazileiros praticaram acções incriveis, quasi inverosimeis; mas verdadeiras!...

Pedro Ivo era o audacioso provocador da morte; seus commandados o imitavam.

Corria a jorros o sangue de irmãos: ah! maldita intolerancia politica!... quanto heroismo dissipado e perdido!...

Por fim Pedro Ivo recuou, retirou-se com os restos de sua columna, que levou para as matas.

A legalidade cantou victoria, mas contou centenas de cadaveres de pernambucanos, enchendo as ruas do Recife.

A revolta praieira estava vencida.

O partido liberal do Imperio, trajando luto pelas victimas, carregava com a responsabilidade do crime politico, a que aliás negára sua approvação, e ainda mais, seu apoio e sua complicitade; mas sem que fosse complice, passou por tel-o sido.

Generosidade, vaidade, fatalidade, eis os mais fortes elementos da imprudente e desastrada revolta praieira.

Nunes Machado, o generoso martyr, tinha sido vidente e propheta, quando dizia, no Rio de Janeiro a seus amigos politicos: « Vocês empurrando-me para Pernambuco, empurram-me para a morte; eu não quero a revolta; mas não poderei obviar-a... eu vou ser a victima. »

E elle a foi.

A revolta praieira, grande erro politico, comprometteu todo o partido liberal do Brazil.

3 de Fevereiro

E' deste dia e do anno de 1691 a carta régia, ordenando ao governador do Maranhão que não permittisse a sahida de navios para o reino, senão a tempo de chegarem ás Ilhas Terceiras, de 10 de Agosto a 10 de Setembro, o mais tardar, sendo obrigados os mais navios que não estivessem aviados a invernar naquelle mesmo Estado, afim de não se exporem, navegando fóra de monção, a serem apresados pelos piratas, sob pena de pagarem com suas fazendas o valor das presas aquelles governadores que infringissem esta ordem.

Os piratas argelinos infestavam com effeito os mares e causavam ás vezes grandes prejuizos ao

commercio, apresando navios que iam para Portugal, além de reduzirem a captiveiro as pessoas que em seu poder cahiam.

Outras providencias foram tomadas para obviar tão grande mal; todas porém foram mais ou menos nocivas ao commercio, que não pode florescer sujeito á pêas. Uma dellas, a mais consideravel foi a que regulou as viagens dos navios por frotas periodicas, o que em verdade inutilisava as tentativas dos piratas em face dos vasos de guerra que comboiavam os mercantes.

Mas, á parte outras considerações, como por exemplo as tempestades que podiam separar os navios e annullar a providencia tomada, essas viagens em frotas destruiam todos os calculos do commercio.

Ainda assim taes medidas se observaram mesmo além do tempo em que os argelinos foram coagidos a pôr fim á sua horrivel pirataria.

O Marquez de Pombal, a quem tanto deveu o Brazil, foi o sabio revogador dessas viagens por frotas.

4 de Fevereiro

E' deste dia e do anno de 1662 a carta régia ordenando ao governador geral do Brazil Francisco Barreto de Menezes que promovesse a contribuição

devida á Hollanda, conforme o tratado de paz de 1661, e o dote da infanta D. Catharina, esposa do rei de Inglaterra

A paz de Portugal com a Hollanda, firmando a casa de Bragança na inteira posse do Brazil custou áquelle reino a indemnisação de doze milhões, que deveriam ser pagos em dinheiro, mercadorias, ou por diminuição de direitos dos navios da Hollanda nas alfandegas de Portugal.

Coube ao Brazil pagar cento e vinte mil cruzados, durante dezeseis annos, em dinheiro, assucar ou tabaco.

O dote da infanta D. Catharina veio ao mesmo tempo augmentar os sacrificios do povo; mas a paz tinha sido conseguida com o concurso do governo inglez.

A monarchia portugueza regenerara-se gloriosa; mas todos os seus recursos estavam então esgotados, e Portugal em face da Hespanha precisava da paz com a Hollanda.

E' preciso attender ás circumstancias em que foi negociada a paz e feito o tratado para não se condemnar a imposição onerosa á que Portugal se sujeitou.

Entretanto, muito devia repugnar o pagamento dessa retribuição aos brazileiros, aos colonos do Brazil e principalmente aos bravos e heroicos guer-

readores que, depois de vinte e quatro annos de pelepas, tinham vencido os hollandezes, obrigando-os á capitulação da campina do Taborda, pela qual foram elles expulsos do territorio e das praças que ainda occupavam no Brazil.

Devia custar muito aos vencedores pagar contribuição aos vencidos.

5 de Fevereiro

Em 1818 o senado da camara da cidade do Rio de Janeiro sahe solemnemente ás ruas, annunciando para o dia seguinte o acto da acclamação do rei D. João VI.

Offerecem algum interesse os costumes antigos que se observaram no Rio de Janeiro em tal solemnidade.

Pelas 11 horas da manhã sahio o senado da camara com os seus officiaes da casa respectiva, então na rua do Rosario, em cavalgata, na ordem seguinte :

Uma escolta da guarda real da policia em grande uniforme; varios criados da casa real, conduzindo tres azemolas carregadas de fogo do ar e cobertas com mantos de velludo agaloados de ouro; numerosa banda de musica dos regimentos da guarnição e milicianos em grande uniforme,

trazendo as barretinas ornadas de flores, e montando em cavallos das reaes cavallariças, enfeitados com fitas; os officiaes de justiça, os almotacés, e o senado da camara com o seu presidente, todos a cavallo, ricamente vestidos, trazendo capas de seda preta com bandas de seda branca, bordadas com primor as dos senadores e almotacés, e chapéos ornados de plumas brancas e joias de grande valor; numeroso estado de cavallos das reaes cavallariças soberbamente ajaezados, e com enfeites de penachos e fitas de diversas côres, e sendo conduzidos por criados da casa real em grande uniforme; os cavallos dos senadores e almotacés com riquissimos telizes e conduzidos pelos criados de uns e de outros, fardados com apurado luxo; outra banda de musica, e emfim uma companhia de cavallaria da guarda real da policia.

A cavalgata dirigio-se primeiro á Quinta da Boa Vista, onde estava o rei com os principes reaes e os infantes, e alli foi lida pela primeira vez o bando, seguindo-se o hymno nacional, ruidosos vivas e muito fogo do ar. Da Boa Vista voltou a cavalgata e veio ter ao paço da cidade, onde se achavam a rainha e suas augustas filhas, repetindo-se ahi a leitura do bando e as mesmas demonstraçoens de regozijo.

Passaram depois os cavalleiros e sua comitiva a percorrer a cidade, lendo-se e affixando-se nas esquinas o bando.

A cavalgata recolheu-se ás quatro horas da tarde.

E' inutil dizer que a cidade estava em festa, e que o povo em multidão admirava e applaudia o preludio da magestosa solemnidade, que pela primeira vez se effectuava no Rio de Janeiro.

6 de Fevereiro

Em 1818 realiza-se, na cidade do Rio de Janeiro, o acto solemne da coroação e acclamação de El-Rei D. João VI.

Já duas vezes depois dessa, uma em 1822, outra em 1841, têm-se repetido igual solemnidade. A cerimonia religiosa e a publica, a grandeza e a pompa que as acompanham, são bem conhecidas e dispensam descripções.

A festa do povo em honra da coroação e da acclamação do novo rei que aliás já desde muito governava como principe regente, avultou pelas illuminações : quem dellas quizer ter pleno e circumstanciado conhecimento, póde ir bebel-o em fonte rica, nas *Memorias* do padre Luiz Gonçalves.

Nessa obra ha fundamento para se admirar a

opulencia da cidade do Rio de Janeiro, porque só opulenta poderia alimentar, como alimentou, além de extraordinarias despezas, série de festas brilhantes e custosas de 1808 a 1818.

Neste ultimo anno as festas de Fevereiro pela coroação e acclamação do rei foram por certo muito mais solennes e magestosas; mas não foram mais esplendidas do que as de Outubro, que duraram seis dias em publico regozijo pelo consorcio dos principes reaes, que aliás se effectuara em 1817.

Leiam as felizmente prolixas Memorias do padre Luiz Gonçalves e hão de reconhecer que, em parte, um pouco primitivas, aquellas festas de Outubro, nas quaes se ostentou emulação de luxo, ainda não tiveram iguaes no Brazil.

O povo, que as fez, estaria já sem o pensar adivinhando no principe real o fundador do Imperio independente?...

Cumpre voltar ao dia 6 de Fevereiro de 1818.

A rainha D. Maria I tinha morrido em Março de 1816; o luto filial adiára, como devia, o acto da coroação e acclamação do herdeiro da corôa, que em 1817 o espaçou, ainda dolorosamente contrariado, pela revolução republicana de Pernambuco, que foi em poucos mezes esmagada.

Seguiu-se á victoria legal reacção cruelissima e tão frenetica que Luiz do Rego, capitão general e

governador notavel pelo mais exagerado rigor, horrorisou-se da furia da alçada que em Pernambuco se installára e que punha em tormentos culpados, suspeitos e innocentes, e contra ella reclamou.

No dia de sua coroação e acclamação, a 6 de Fevereiro de 1818, D. João VI excedeu em brilhantismo a todas as magnificas illuminações, com que o festejavam na cidade do Rio de Janeiro, fazendo lavrar e assignando o grandioso decreto, pelo qual mandou pôr termo ás perseguições inauditas da famosa alçada, algoz de Pernambuco.

E que tambem não seja esquecido o outro decreto da mesma data, que concedeu o privilegio de aposentadoria passiva aos moradores da cidade do Rio de Janeiro, victimas das *célebres aposentadorias*, o maior attentado contra a propriedade, abuso inqualificavel, violencia insolente e revoltante pela qual os fidalgos e a gente que de Portugal tinham vindo com a familia real, tomavam para sua habitação e a seu capricho, as casas que mais lhes agradavam, e das quaes eram despedidos e expulsos immediatamente, não só os locatarios, mas os proprietarios !

O caso é inverosimil, e todavia verdadeiro.

O direito de propriedade foi restaurado na cidade

do Rio de Janeiro por esse decreto, que traz a data do dia da coroação e da aclamação do novo rei, filho e successor de D. Maria I.

7 de Fevereiro

Em 1632, os holandezes, dirigidos por Calabar, tomam o forte do Rio Formoso.

Este acontecimento nefasto enche de brilho heroico, e de inexcedível gloria não os vencidos, mas os Alcides mortos no forte do Rio Formoso.

Domingos Fernandes Calabar, o desertor indigno e fatal, tinha levado o condão da victoria para o campo do estrangeiro invasor de Pernambuco.

Calabar, já capitão do exercito hollandez, conduz uma expedição de quinhentos soldados de desembarque, em uma esquadilha, sob o commando do major Schkoppe.

A esquadilha sahio do porto do Recife, no dia 4 de Fevereiro ; a 6 fundeou tres milhas ao sul da barra do Rio Formoso, e ahi desembarcou em sitio favoravel, escolhido por Calabar, parte da força para atacar o reducto por terra, enquanto em lanchões, outra força o atacaria pelo rio.

O forte do rio Formoso tinha duas peças de

ferro e por toda guarnição *vinte* homens comandados pelo capitão Pedro de Albuquerque.

No dia 7 de Fevereiro, pela madrugada, começou o ataque: quatro assaltos successivos foram repellidos; mas por fim não houve mais quem repellisse!... dos vinte bravos *desenove* estavam mortos, o capitão Pedro de Albuquerque, ferido por bala de fuzil e por uma chuçada, cahira semi-morto no meio dos *dezenove* çadaveres. Jeronymo de Albuquerque, parente do capitão, e unico ainda alentado, mas com tres feridas, lançou-se a nado e conseguiu escapar.

Pedro de Albuquerque voltou á vida e, prisioneiro dos hollandezes, foi por elles tratado com o maior desvelo em honra de sua heroicidade.

Netscher, historiador hollandez, diz que nunca houve soldados que cumprissem mais á risca o seu dever.

Esses vinte bravos mataram aos hollandezes, nos quatro assaltos, oitenta homens.

8 de Fevereiro

Em 1615, celebra-se a primeira missa na igreja de Santo Antonio do Rio de Janeiro, no convento dos padres capuchos da provincia da Conceição.

Esse convento de franciscanos que nos deu S.

Carlos, S. Paio, Rodovalho e Monte Alverne é hoje apenas memoria do passado; fôra, porém, ingratição esquecel-o.

De Pernambuco vieram para o Rio de Janeiro os primeiros capuchos em 1606, e estabeleceram-se na ermida de Santa Luzia; dalli passaram-se para a Casa da Misericordia, e desta para a ermida de Nossa Senhora da Ajuda, que então se erguia no ponto, onde ultimamente se levantou o edificio para escola de instrucção primaria.

Como os carmelitas não se tinham aproveitado do monte que para elles se reservára na cidade e que por isso se chamava do *Carmo*, o governador e a camara fizeram aos franciscanos doação desse monte, que em breve tomou a denominação de *Santo Antonio*.

Isto se passou em 1607 (á 9 de Abril) e tanto trabalharam os capuchos que a 7 de Fevereiro de 1615 mudaram-se para o seu convento, construido onde ainda hoje se vê, e celebraram na sua igreja a primeira missa com toda solemnidade no dia seguinte.

Mas então nem a igreja, nem o convento estavam de todo acabados, nem a imagem de Santo Antonio que occupava o altar-mór era a mesma, que pouco depois alli foi religiosamente collocada.

A tradição, relativamente a esta ultima, é curiosa.

A imagem de Santo Antonio, que de tanta devoção foi objecto naquelle convento até os nossos dias, foi obra de um dos capuchos.

O frade artista, trabalhando zeloso e fervente, conseguira merecer applausos pela feliz execução e disposição do corpo da imagem; mas, por ultimo, de dez ou mais cabeças que fez, nenhuma ajustou ao corpo. O frade affligia-se debalde, e não podia acabar a obra, como desejava, porque não lhe sahia das mãos cabeça que servisse.

Uma noite, sôa em deshoras a campainha da portaria; correm alguns capuchos, abre-se a porta; não apparece pessoa alguma, encontra-se, porém, depositada no chão uma cabeça do Santo Antonio! e, o que é melhor, essa cabeça ajusta-se perfeitamente ao corpo da imagem.

Nunca se soube donde e de quem viera a cabeça para a imagem do Santo.

Ainda no seculo actual se conservava esta tradição no convento de Santo Antonio.

9 de Fevereiro

Em 1630, chega a Pernambuco, em uma pinaça enviada pelo governador das ilhas do Cabo Verde, a noticia de que a esquadra hollandeza, destinada á conquista de Pernambuco, já dalli tinha sahido.

A Hollanda, em guerra com a Hespanha, tinha creado a Companhia das Indias Occidentaes, a qual, com o incentivo de grandes privilegios e monopólios, devia ser fortissimo auxiliar. O Brazil attrahio as vistas da companhia e do governo. Em 1624, como se dirá, a cidade do Salvador foi atacada e tomada por consideravel expedição hollandeza, que perdeu-a logo em 1625.

Este revez não desanimou nem á companhia nem á Hollanda que em 1629 fizeram partir de Amsterdam, de Texel e de Goréa mais de sessenta vasos de guerra entre grandes e pequenos, trazendo além de suas guarnições, poderoso exercito de desembarque.

O governo de Madrid fôra avisado de que essa tremenda expedição tinha por fim a conquista de Pernambuco; mas cumprindo-lhe tomar cuidados de defeza que igualassem ás proporções da força ameaçadora, limitou-se a nomear governador de Pernambuco a Mathias de Albuquerque e a fazel-o partir com o ridiculo soccorro de vinte e sete soldados na caravella que o conduzio.

A escolha de Mathias de Albuquerque para governador das capitancias de Pernambuco até o Rio Grande do Norte, e com independencia do governo geral do Brazil, foi bem inspirada: elle já tinha governado Pernambuco, era sobrinho do respectivo

donatario, e gozava de boa reputação como militar. Mas que poderia fazer um general sem soldados, e com fraquissimos recursos pecuniarios ?

Peior que tudo : a capitania de Pernambuco era talvez a mais florescente. Olinda, sua capital, a cidade mais rica do Brazil ; dominavam, porém, nella o luxo, a vaidade, a lascivia e a corrupção dos costumes, e tanto que nesse mesmo anno de 1629 Fr. Antonio Rozado bradou do alto do pulpito, como propheta : « Sem mais differença do que uma só lettra está *Olinda* chamando por *Olanda*, e por *Olanda* ha de ser *abrazada*, que, onde falta tanto a justiça da terra, não tardará muito a do céo. »

Um povo corrompido é povo condemnado á expiação.

Escreptores daquelle seculo, apaixonados e ruins historiadores portuguezes da guerra hollandeza não pouparam censuras nem aleives a Mathias de Albuquerque, accusando-o de desmasellado e descuidoso da defeza de Pernambuco.

As censuras foram injustas, a accusação firmou-se em bases falsas.

Mathias de Albuquerque fez quanto era possivel a general sem soldados, sem dinheiro, e sem o concurso da população.

Os habitantes de Olinda e das circumvisinhan-

ças negavam-se a acreditar no imminente ataque dos hollandezes. O aviso mandado pelo governador das ilhas de Cabo Verde, em vez de destruir augmentou sua incredulidade; elles diziam: « si a esquadra hollandeza se destinasse a Pernambuco, teria chegado antes da pinaça, que sahio de Cabo Verde depois della. »

Mathias de Albuquerque foi quem aproveitou o aviso: dispoz as forças mal disciplinadas: concentrou os cuidados extremos nos fortes principaes, designou chefes e commandantes de confiança, armou e preparou para resistencia navios, não esquecendo-se de encher-os de materias inflammaveis para que se incendiassem em caso desesperado; prohibio a sahida e retirada dos habitantes de Olinda e do Recife nascente para obrigar-os pelo amor das familias e dos cabedaes a cumprir o dever da defeza; regulou tudo, como habil general, e si tudo quanto regulou foi inutil, a culpa corre por conta do governo de Madrid, que o desamparou, e por conta dos pernambucanos de Olinda e das proximidades que se mostraram no dia da invasão estrangeira tão fracos e tão acobardados, como immediatamente depois bravos e estupendos até o maior explendor do heroismo.

Mas, ninguem o esqueça, o chefe dos bravos e dos heróes foi Mathias de Albuquerque, o general

glorioso e admiravel do primeiro periodo dessa guerra que durou vinte e quatro annos.

Mathias de Albuquerque é vulto monumental na historia do Brazil.

10 de Fevereiro

Em 1821 pronunciam-se na cidade de S. Salvador da Bahia a tropa e o povo no sentido da revolução de Portugal em 1820, e é creada a primeira junta provisoria que toma o governo da provincia.

Os annos de 1821 e 1822 marcaram a epocha das juntas governativas provisorias no Brazil.

A revolução constitucional que rebentara no Porto, e que a 15 de Setembro de 1820 estabelera seu governo em Lisboa, achou echo nas provincias do Brazil, onde influíam as guarnições portuguezas, a principio muito apoiadas pelos brazileiros enthusiasmados pelas idéas liberaes, e tanto mais que a maçoneria trabalhava com ardor na propagação dos mesmos principios.

O primeiro pronunciamento constitucional no Brazil effectuou-se na cidade de Nossa Senhora de Belém, capital do Gran-Pará, a 1 de Janeiro de 1821.

O segundo foi este da cidade de S. Salvador a 10 de Fevereiro do mesmo anno.

O tenente-coronel Manoel Pedro de Freitas Guimarães, de accordo com outros commandantes de corpos militares, proclamou a *futura constituição* que a constituinte portugueza havia de promulgar. Não houve resistencia e tudo teria acabado sem conflicto, se o marechal Felisberto Caldeira Brant Pontes, cumprindo a ordem de ir ver o que se passava no quartel de artilheria, commandado por Manoel Pedro de Freitas, não fosse recebido a tiro de peça, do que resultou a morte de um official e de dez soldados, escapando o mesmo Felisberto Caldeira com grande risco, e á todo correr de seu cavallo.

Elegeu-se a Junta Governativa : o Conde, depois Marquez de Palma, que era o governador e capitão-general da Bahia, recusou a presidencia da junta, da qual se encarregou Luiz Manoel de Moura Cabral.

A promptidão e facilidade com que se effectuavam estes pronunciamentos, indicam bem que para elles já estavam preparados os animos pelo desenvolvimento das idéas liberaes, e por activa propaganda secreta.

11 de Fevereiro

Em 1618 morre no Maranhão o benemerito e intrepido capitão Jeronymo de Albuquerque.

Já ficou dito que este illustre brasileiro era filho

do capitão portuguez que lhe passou seu nome, e de uma india, filha de morubixaba, de cabilda amiga, que se alleava nas proximidades de Olinda.

O mameluco exerceu desde sua mocidade, por seu valor indomavel e pela sua procedencia gentia pela parte materna, consideravel influencia sobre os indios, e disso se jactava orgulhoso: filho não negado de Jeronymo de Albuquerque, o qual era cunhado do primeiro donatario de Pernambuco, era muito considerado pelos portuguezes.

Experimentado bem cedo em rigidas pelepas todos o reconheceram não sómente bravo até a temeridade; mas como que nascido para comandar.

Jeronymo de Albuquerque, o brasileiro, foi o conquistador do Rio Grande do Norte, demonstrando alli sua habilidade e denodo em dous annos de tremendo labor, que tanto durou a valente resistencia dos selvagens *potiguarés*.

A maior gloria, porém, deste illustre chefe brasileiro foi a que galhardamente ganhou batendo com diminuta força os francezes commandados por La Ravardièrre e occupadores da ilha do Maranhão muito superiores em numero e em recursos.

Jeronymo de Albuquerque foi justamente considerado o vencedor dos francezes e conquistador

daquella ilha ; por isso deram-lhe depois de tão brilhante victoria o appellido de Maranhão, ou elle mesmo tomou-o ; pois era bom juiz de si proprio, e não lhe faltava orgulho.

Expulsos os francezes, Alexandre de Moura, governador de Pernambuco, uzando dos poderes que trazia da metropole, nomeou Jeronymo de Albuquerque capitão-mór da nova capitania do Maranhão a 19 de Novembro de 1615.

A importancia e elevação do cargo de capitão-mór naquelles tempos dão testemunho do distincto merecimento de Jeronymo de Albuquerque.

No fim de dous annos e tres mezes incompletos e na idade de setenta annos um dos nossos mais antigos heróes morreu no Maranhão, deixando seu filho Antonio de Albuquerque encarregado do governo da capitania.

Os descendentes de Jeronymo de Albuquerque ainda hoje uzam o appellido de *Maranhão*.

12 de Fevereiro

Em 1761 os governos portuguez e hespanhol firmam o ajuste que declarou nullo o tratado de Madrid, de 13 de Janeiro de 1750.

O ajuste de 12 de Fevereiro de 1761 tinha-se tornado necessario ; porque as duas metropoles ri-

quissimas de vastas colonias não queriam entender-se, sacrificando por amor da paz disputas sobre alguns pontos de limites.

O tratado de Madrid resolvera precisamente a questão principal, cedendo Portugal á Hespanha a colonia do Sacramento e portanto suas pretensões sobre a margem esquerda do Prata ; mas em compensação comprehendendo em seu dominio o extenso territorio dos Sete Povos das Missões do Uruguay.

Eram grandes, muito consideraveis essas duas concessões reciprocas ; mas por isso mesmo desagradaram aos portuguezes e aos hespanhoes, que, esquecendo o que ganhavam, sómente lembravam o que perdiam. No interesse e no empenho da paz foi sabiamente inspirado na solução do antagonismo geographo-politico principal esse tratado de Madrid, que aliás recebeu maldições logo no berço.

Foi um tratado *infelizmente infeliz*.

Na demarcação dos limites que elle estabeleceo e determinou, vencidos os jesuitas que armavam os indios e os commandavam em bellicosa resistencia nas Missões, os commissarios demarcadores pareceram mais adversarios do que amigos desejosos de mutuo accordo, e, chegados ao Paraguay, foram no alto Paraná achar-se em taes desintelligencias a proposito do Igurey e de outros pontos que ahi afogaram o tratado, sendo certo que os

commissarios hespanhoes excederam aos portuguezes em habilidade e manha.

Em vista de tanto desaccordo na demarcação de limites, tornou-se insustentavel o tratado de Madrid, e portanto consequente o ajuste de 12 de Fevereiro de 1761.

Mas em verdade o que assignaram as duas potencias nessa data não foi ajuste de amigos, foi ajuste dissimulado de ampla liberdade de acção inimiga.

Logo no anno seguinte rompeu a guerra que começou tão desastrosa para o Brazil-portuguez, e que, tendo por descanso curtos intervallos, terminou tão fatal em 1777.

O ajuste de 12 de Fevereiro de 1761 foi sinistro: porque abriu as portas de Jano.

13 de Fevereiro

E' deste dia e do anno de 1645 um officio do Supremo Conselho do Brazil Hollandez á assembléa dos dezanove, na Hollanda, informando sobre a situação da colonia.

O principe Mauricio de Nassau tinha partido para a Hollanda em Maio de 1644 e a Companhia das Indias Occidentaes ia colher os fructos de seus grandes erros.

O officio ou carta official do Supremo Conselho de 13 de Fevereiro de 1645 expõe os riscos em que se acha a colonia hollandeza.

A força militar muito diminuida chegava apenas para guarnecer as praças e fortes; mas não bastava para o caso em que fosse necessario operar no interior.

Havia falta de munições nas fortalezas, e dos viveres que de costume vinham da Hollanda.

A retirada de Mauricio de Nassau animára os pernambucanos que conspiravam contra o poder hollandez.

A conspiração fôra inspirada por André Vidal de Negreiros que, em Agosto de 1644, viera da Bahia a Pernambuco, e ali dispozera muitos animos para terrivel levantamento.

Devia-se inferir do quanto se passava que o proprio rei de Portugal era quem mandava excitar a revolta contra o dominio hollandez.

O supremo conselho já tinha recebido denuncia da conspiração e de que eram seus principaes autores e directores João Fernandes Vieira e Francisco Berenger, sogro do mesmo Vieira.

Os conspiradores não ousavam ainda sahir a campo, sem duvida por terem tido conhecimento da denuncia e arreceiarem-se das prevenções tomadas. Vieira e Berenger não tinham sido presos

porque não eram sufficientes as provas colhidas contra elles, e ainda mais porque o supremo conselho fôra avisado de que a prisão de algum pernambucano por suspeita ou motivo de conspiração, e a ordem para desarmamento da gente do paiz seriam seguidos logo de levantamento geral, que pelo menos faria perder a *safr*a do anno e exporia á terrível matança os hollandezes estabelecidos no interior.

Abunda este officio em outras curiosas informações, e é importante documento historico, que lança muita luz sobre a insurreição que rebentou a 13 de Junho do mesmo anno, sem que os hollandezes se pudessem dizer apanhados de surpresa.

14 de Fevereiro

Em 1630 começam a avistar-se de Olinda os navios da numerosa esquadra hollandeza destinada á conquista de Pernambuco.

Foi ao meio dia que do alto de seu monte Olinda vio como que rompendo do horizonte por L. N. as brancas velas da sinistra expedição. Do cabo de S. Agostinho chega ao mesmo tempo aviso do que não carecia mais de annuncio.

A' medida que passavam as horas, augmentava

a evidencia do perigo com o numero avultado dos navios inimigos que vinham se approximando.

Não houve mais incredulos ; para maior mal, porém, os incredulos se transformaram em medrosos.

Tocava-se á rebate na cidade, e a consternação do povo era geral, facto quasi incrível comparado com o heroismo que se observou rompente e magestoso logo um mez depois.

Mathias de albuquerque multiplicou-se em urgentissimos cuidados. Atacou a consternação com o exemplo de sua serenidade e com a eloquente palavra do bravo que se exalta ao annuncio da peleja ; envidou todos os esforços para inspirar confiança e chamou ás armas, e fez tomal-as a quantos estavam no caso de entrar em combate.

Ao mesmo tempo o general reforçava os fortes e tomava providencias sobre todos os meios de defeza, impondo principalmente o cumprimento do dever sagrado do serviço da guerra aos habitantes de Olinda.

Mas se a disciplina militar póde no fim de algum tempo fazer do homem de animo fraco um valente soldado, nenhum general consegue tornar de improviso em algumas horas, homens tomados de terror em valentes e firmes pelejadores.

Olinda estava condemnada.

A profecia de frei Rosado tinha de cumprir-se.

15 de Fevereiro

Em 1661 chega á cidade da Bahia a noticia da revolução regeneradora de Portugal e a acclamação de D. João IV, que é no mesmo dia acclamado na capital do Brazil.

O commandante da caravella, que sahira de Lisboa com o unico fim de trazer a transcendente noticia, desembarcou só, deixando o navio longe da praia, para que não transpirasse o que convinha ser ainda segredo, e foi entregar ao Marquez de Montalvão, vice-rei do Brazil, a carta que lhe escrevera o proprio rei D. João IV, no interesse de sua causa, que era tambem a da patria.

O Marquez vice-rei chamou immediatamente a conselho secreto as principaes autoridades civis, militares, ecclesiasticas e pessoas de maior consideração e influencia, e lendo-lhes a carta do rei, exigio que cada qual dêsse por escripto o seu parecer.

Não poucos hesitaram, pedindo adiamento da decisão para o dia seguinte; mas declarando o vice-rei que forçosa e immediatamente se resolveria sobre o assumpto, o mestre de campo João Mendes de Vasconcellos, depois de breves palavras electrificadoras, exclamou com a mão na espada: « Real, real, por D. João IV, rei de Portugal!... »

A aclamação foi por todos repetida.

Sem mais demora foram reunidos dous regimentos portuguezes, que havia, desarmados os castelhanos de guarnição e logo sahio o vice-rei com o senado da camara, autoridades e homens bons, precedido de um rei d'armas que annunciou ao povo a restauração de Portugal, e a proclamação do rei *portuguez*. Os vivas e o enthusiasmo dos habitantes da cidade de S. Salvador cobriram a voz do rei d'armas.

No mesmo dia o bispo D. Pedro da Silva, na cathedral, depois de acções de graças a Deus pelo faustoso acontecimento, presidio ao acto de juramento, de fidelidade ao rei de Portugal D. João IV, que prestaram o vice-rei Marquez de Montalvão e as principaes autoridades.

Foi um dia cheio; e a noite correu em festas e em jubilos do povo.

16 de Fevereiro

Em 1630 os hollandezes marcham sobre a cidade de Olinda e a tomam facilmente.

A 14 de Fevereiro chegara a esquadra hollandeza, e a 15 começou horrivel bombardeio contra os fortes e o Recife; o bombardeio era mais do que o rompimento de vigoroso ataque, era calcu-

lado meio para dissimular um movimento e acção importantes: quando a esquadra se achou encoberta por espessas nuvens de fumo, o general Waerdenburch, levando em dezeseis navios, setecentos marinheiros e dous mil e duzentos soldados, foi desembarcar, antes da noite, na praia do Pão Amarello, e ahi acampou, pondo-se em marcha, no dia seguinte, para atacar Olinda, que lhe ficava doze milhas para o sul.

A marcha era feita pela praia, e apenas incommodada por invisiveis picadores, que descarregavam tiros do seio dos matos proximos; chegando, porém, ao Rio Doce, Waerdenburch vio na margem do sul, rude trincheira e, alguma força combatente; mas sem leve hesitação, ordenou o ataque.

Eram cerca de seiscentos e cincoenta homens commandados pelo proprio Mathias de Albuquerque: bravo commando inutil!... favoravel posição desaproveitada! Ao primeiro impeto dos holandezes debanda e foge a aterrada gente, desamparando o general e os officiaes.

Mathias de Albuquerque corre a conter os fugitivos, a animal-os, a dizer-lhes que, defendendo a passagem do rio *Tapado*, que os holandezes precisariam atravessar com agua pelos peitos, cada pernambucano bastaria para cinco ou mais soldados inimigos: tempo e esforço perdidos! os deban-

dados do Rio Doce fogem e desaparecem, mettendo-se pelos matos.

Mathias de Albuquerque, com os officiaes e poucas dezenas de soldados, perdeu a esperança de salvar Olinda, e retirou-se para o Recife.

Em Olinda, apenas o desespero aconselhando morte, sacrificio esteril, provocou o fogo da artilleria e dos fuzis do inimigo, Salvador de Azevedo com vinte e dous homens á fazerem-se matar no collegio dos jesuitas; um reducto mal defendido e logo entregue, por traição de dous hollandezes, ha muitos annos estabelecidos nessa cidade, foram os unicos estorvos que se apresentaram aos hollandezes. Olinda corrompida não soube defender-se, entregou-se.

Os soldados vencedores ostentaram licença brutal, embriagaram-se, e foram escandalosos.

No meio de tanta vergonha dos que fugiram sem combater, e de tantos abuzos dos que venceram sem pelear, fulgurou a flamma catholica do mais sublime despresador da vida.

O capitão André Pereira Temudo, vendo a maneira indigna com que a soldadesca hollandeza profanava os templos, indignado e só, investe contra um bando que saqueava a igreja da Misericordia, e de espada em punho, é morto, depois de matar a alguns dos saqueadores.

Olinda ficou em poder dos hollandezes, sem oppor-lhes verdadeira resistencia.

Realisara-se a primeira parte da terrivel prophcia de Frei Rosado :

« Sem mais differença do que a de uma lettra está *Olinda* chamando por *Olanda*. »

A segunda parte da prophcia, a parte mais sorprendente e admiravel; porque á risca se cumprio, como no dia competente se dirá, foi a seguinte :

« E por *Olanda* ha de ser abrazada *Olinda*. »

17 de Fevereiro

Em 1531 Pero Lopes de Souza entra no porto do Recife com os navios da esquadra commandada por seu irmão Martin Affonso de Souza que alli se reune a elle.

A necessidade de guardar as costas do Brazil, muito frequentadas por navios francezes que faziam o contrabando da madeira daquelle nome, e não menos a de se dar principio á colonisação da America-portugueza, levaram el-rei D. João III a mandar Martin Affonso de Souza, do seu real conselho, com o titulo de governador das terras do Brazil, commandando uma armada de cinco navios com quatro centos homens, a cumprir aquellas duas tarefas.

Trazia o capitão-mór da armada o poder de repartir terras e dar sesmarias, e de nomear tabelliães e mais officiaes de justiça nas colonias que estabelecesse no Brazil.

A armada sahio do porto de Lisboa a 3 de Dezembro de 1530, e a 31 de Janeiro do anno seguinte avistou a costa de Pernambuco, e logo uma náó franceza seguindo rumo do norte, a qual foi aprisionada defronte da ponta de Olinda, como tambem outra que se achava fundeada aleindo cabo de Santo Agostinho.

No dia seguinte Pero Lopes, tenente do capitão-mór, a seu irmão, a quem este mandara com duas caravellas até a ilha de Santo Aleixo a procurar duas náós francezas que informaram estarem alli fazendo carga de páo-brazil, descobrio uma que se afastava para o norte, e deu-lhe caça, travando com ella durante a noite combate, que, continuou no dia seguinte, e acabou, rendendo-se o navio francez.

Martin Affonso de Souza a 4 de Fevereiro separara-se de Pero Lopes, adiantando-se para o porto do Recife, afim de preparar mantimentos.

A 17 de Fevereiro Pero Lopes, entrando naquelle porto, encontrou a náó almiranta, uma das francezas tomada a 31 de Janeiro, chegando dous dias depois o capitão-mor em uma caravella, para a qual se tinha passa lo.

Das tres náos francezas nma foi queimada, outra remettida para Lisboa com sua carga de páo brazil, e a terceira dada ao commando de Pero Lopes, que a denominou *Nossa Senhora das Candêas*, em lembrança do dia em que a tomára.

A armada seguiu depois o rumo do sul.

A expedição commandada por Martin Affonso de Souza deve ser de perto acompanhada pela sua nctavel importancia na historia patria.

18 de Fevereiro

Em 1637 fere-se a batalha de Porto Calvo em Pernambuco, na qual os hollandezes, commandados pelo principe Mauricio de Nassau, ficaram senhores do campo.

O principe Mauricio de Nassau, nomeado governador geral do Brazil-hollandez chega ao Recife a 23 de Janeiro de 1637; e logo em Fevereiro sahe a frente de cinco mil homens a atacar o general Bagnuolo, que se achava fortificado em Porto Calvo.

A 18 desse mez deu-se asperrimo e sanguinolento combate junto ao rio que corre pela Barra Grande, pelega terrivel a que chamaram batalha de Porto Calvo.

Bagnuolo mandou o seu tenente-general Affonso

Ximenes de Almiron com quinhentos soldados, D. Antonio Felipe Camarão com trezentos indios, Henrique Dias com os seus oitenta negros, e depois Martins Ferreira com trezentos homens a 17 de Fevereiro para disputar o passo ao inimigo : eram mil cento e oitenta valentes contra cinco mil.

Bagnuelo conservou-se em reducto, não muito afastado, e deixou de commandar a acção.

A's 8 horas da manhã avançaram as columnas hollandezas e logo depois travou-se prolongada e furiosa peleja.

De um lado a superioridade do numero esmagava a bravura ; do outro o perfeito conhecimento do campo do combate e das circumvizinhanças multiplicava recursos.

Pelejou-se horas longas e com furioso impeto.

Os indios desanimavam, e menos heroicos que dantes combatiam ao vêr a multidão de hollandezes que os atacava ; mas Felipe Camarão os continha, fazendo prodigios de valor, e, dizem-nos alguns escriptores do tempo, sua esposa D. Clara Camarão immortalisou-se, batendo-se ao lado do marido.

Os negros de Henrique Dias eram oitenta e valeram por mil em inexcedivel denodo e bizarrria, e obrigados estavam a fazel-o ; porque seu grandioso capitão, esse Henrique Dias estupendo,

aliás de bem inspirada politica, não tem verdadeira importancia; porque até o reinado de D. José I o systema administrativo do Brazil-colônia, ainda mesmo em relação ao governo das capitanias, esteve sujeito a tantas excepções, que é difficilimo o seu estudo.

Pernambuco e o Rio de Janeiro tiveram por vezes governadores independentes do governo-geral do Brazil.

O Rio de Janeiro foi além disso por duas vezes capital de um governo-geral do Sul, em ambas com ephemera duração.

O Ceará pertenceu ao Estado de Maranhão e mal se sabe ou não se sabe, quando e como foi d'elle separado.

E, prova notavel de que nessas providencias ordinariamente não havia estudo zeloso e reflexão da parte do governo da metropole, a Resolução Regia de 25 de Fevereiro de 1652 vigorou durante o periodo de tres annos! . . .

Em Maio de 1655 André Vidal de Negreiros tomou posse do cargo de Governador Capitão-General do Estado do Maranhão e Grão-Pará.

26 de Fevereiro

Em 1821 as tropas portuguezas de guarnição na cidade do Rio de Janeiro pronunciam-se no sentido

da revolução de Portugal em 1820, e conseguem fazer o rei D. João VI jurar a futura constituição que as côrtes promulgariam.

O rei contemporisava ou estava perplexo em face da revolução triunphante em Portugal: naturalmente os pronunciamentos do Pará a 1 de Janeiro e da Bahia a 10 de Fevereiro modificaram sua politica, ou determinaram sua resolução.

Em decreto de 18 de Fevereiro, D. João VI patenteou o seu plano politico: o principe real D. Pedro seguiria para Portugal, *onde logo poria em execução as medidas convenientes ao restabelecimento da tranquillidade geral daquelle reino, ouviria as representações e queixas dos povos, e estabeleceria as reformas, melhoramentos e leis que podessem consolidar a constituição portugueza, devendo esta ser-lhe transmittida para receber sua sanção real.*

Ao mesmo tempo o rei convocava para o Rio de Janeiro os procuradores eleitos pelas camaras e villas do Brazil e das ilhas do Atlantico que tivessem juizes letrados, para que, formando côrtes, sob a presidencia de pessoas por elle designadas, examinassem o que dos artigos da futura constituição portugueza fosse adoptavel no reino do Brazil, e propozessem as reformas e providencias essenciaes ou uteis a este reino, cujas condições eram diversas das de Portugal.

E para acelerar estas medidas, o rei creou, para entrar logo em exercicio e depois trabalhar com os procuradores convocados, uma commissão de vinte membros.

A commissão effectivamente nomeada compoz-se em grande parte de brazileiros.

O decreto de 18 de Fevereiro era programma politico e plano habilissimo sob o ponto de vista das duas idéas que dominavam o espirito do rei.

Não sahir do Brazil — Contrariar a revolução liberal.

Para contrariar a revolução, que exigia precisa e peremptoriamente a volta do rei para Lisboa, e ahí restabelecida a séde da monarchia, bastava que o rei ficasse no Rio de Janeiro.

E D. João VI ficava no Rio de Janeiro, mandando para Lisboa o principe real D. Pedro, representante e centro do partido realista, que tinha raizes fortes e profundas em Portugal.

O decreto de 18 de Fevereiro creava ainda poderoso elemento de antagonismo—*as côrtes do Rio de Janeiro* em opposição imprescindivel *ds côrtes de Lisboa*.

D. João VI levantava o Brazil contra Portugal. A consequencia do decreto de 18 de Fevereiro não podia ser outra.

Si tivesse tido plena execução, o decreto de 18

de Fevereiro de 1821 houvera por outro modo produzido os resultados do «Fico» de 9 de Janeiro de 1822.

O *outro modo* teria sido separar-se Portugal do Brazil, como o Brazil separou-se de Portugal. D. Pedro IV lá; D. João VI tornado D. João I cá.

Quem inspirou esse decreto ao rei?... a historia não o diz; mas quem quer que fosse o estadista aconselhador, a habilidade que lhe sobrava não chegou para fazel-o calcular com duas fataes contrariedades. O animo fraco do rei e a falta immediata do concurso dos brazileiros, que ainda em Fevereiro sómente viam e queriam ver a idéa liberal na revolução de 1810.

O instincto nacional do Brazil sómente acendeu-se depois da reacção portugueza contra o decreto de 18 de Fevereiro, e foi doudejar imprudente e manifestar-se tarde e inoportuno a 20 de Abril na Praça do Commercio para receber alli seu baptismo de sangue.

Ao conselheiro inspirador do decreto de 18 de Fevereiro faltou o animo forte do rei, e a este faltou o apoio dos brazileiros.

O decreto foi publicado a 25 de Fevereiro.

Os brazileiros o receberam sem comprehender a sua transcendencia; os portuguezes, patrioticamente dedicados á revolução do Porto enthronisada

em Lisboa, sentiram a profundidade do golpe, e reagiram em sedição militar.

No dia 26 os corpos da guarnição da cidade reuniram-se no largo do Rocio (depois Praça da Constituição) em attitude tal que em breve appareceu a ouvil-os o principe real D. Pedro: a troça exigia nada menos que o juramento da futura constituição, e o principe, partindo para S. Christovão, de lá voltou com um novo decreto, datado de 24 de Fevereiro, pelo qual o rei declarava *aprovar desde ja* a constituição que as côrtes fizessem, e recebel-a no Brazil.

Inmediatamente o senado da camara foi convocado, e no theatro de S. João, na mesma praça, o principe real D. Pedro e seu irmão D. Miguel prestaram em nome do rei e nos seus proprios o juramento á futura constituição.

O decreto de 24 de Fevereiro não dissimula por antidatado a fraqueza de D. João VI, submettendo-se tão promptamente ás exigencias da sedição portugueza.

27 de Fevereiro

Em 1777 o general hespanhol D. Pedro Cevallos tomou a ilha de Santa Catharina, por vergonhosa capitulação do seu governador.

Desde 1632, Portugal no Rio-Grande do Sul, e a Hespanha em Buenos-Ayres, aproveitavam seus conflictos na Europa, e futeis pretextos alli na America para, com os olhos na margem esquerda do Prata, guerrearem-se quasi constantemente.

Em 1762 e 1763, Cevallos tomou a colonia do Sacramento, invadio o Rio-Grande, apode-roou-se da villa, hoje cidade deste nome, e á despeito do ajuste com que as duas potencias fixaram a linha separadora dos respectivos acampamentos, manteve a occupação abusiva daquella villa.

Em 1767, 1775 e 1776, os portuguezes e rio-grandenses levaram de vencida os hespanhóes, e tomaram quanto no Rio Grande tinham perdido.

A Hespanha irritada com as aggressões e com as perdas que experimentára nesse ultimo anno, prepara e manda poderosa expedição de terra e mar, sob o commando daquelle mesmo D. Pedro Cevallos, que tanto fizera em 1762 e 1763.

Os portuguezes dão á Cevallos mais de vinte mil homens de desembarque, mas é licito, e parece seguro, que apenas se aproximava da metade desse numero a força que devia operar em terra, e nem a Hespanha estava então no caso, e que o estivesse, não tinha necessidade de mandar exercito de vinte mil homens para operar no sul do Brazil.

D. Pedro Cevallos desembarcou na ilha de Santa

Catharina, e avançou com suas forças sobre a villa capital e fortalecida, cuja guarnição, sem o exemplo do dever e da coragem daquelle que lh'o devia dar, tomou-se de terror, e foi vencida, ainda antes que a julgasse tal o vencedor, que apenas a estava ameaçando.

O governador Antonio Carlos Furtado de Mendonça capitulou indignamente sem combater, entregou-se e entregou a guarnição, a ilha de Santa Catharina, sacrificando o dever proprio e o interesse da patria.

O anno de 1777 era fatal.

Em Maio, a colonia do Sacramento cahio em poder de Cevallos, que fez saltar pelos ares suas fortificações.

Em Fevereiro, tinha já morrido D. Jose I, e o Marquez de Pombal, o primeiro estadista de Portugal, cahio em desgraça e soffreo o des-terro.

E enfim, a 1 de Outubro, assignava-se o tratado de S. Ildefonso, que restituia a ilha de Santa Catharina ao dominio de Portugal; mas que, no sul do Brazil, impunha ao governo portuguez condições de vencido resignado, e em seu abatimento como que satisfeito com a generosidade do vencedor.

Depois do anno de 1578, o da batalha de Alca-

cer-Quibir, precursor da dominação hespanhola, o de 1777 foi o mais desastroso para a monarchia portugueza.

28 de Fevereiro

Em 1644 os hollandezes evacuum a capitania do Maranhão, onde em 1641 tinham facilmente entrado e estabelecido seu dominio.

Abusando da imprudente demora da ractificação do armistício de dez annos tratado já entre a Hollanda e Portugal, Mauricio de Nassau, obedecendo á politica do seu governo, estendeu os limites do Brazil hollandez para o Sul até o rio Real, absorvendo Sergipe, e para o Norte até o Maranhão, sendo a cidade de S. Luiz conquistada sem difficuldade, graças á cobardia do governador Bento Maciel Parente. A posse do Ceará ficou tambem assignalada pelo forte chamado de Schou-nembareh.

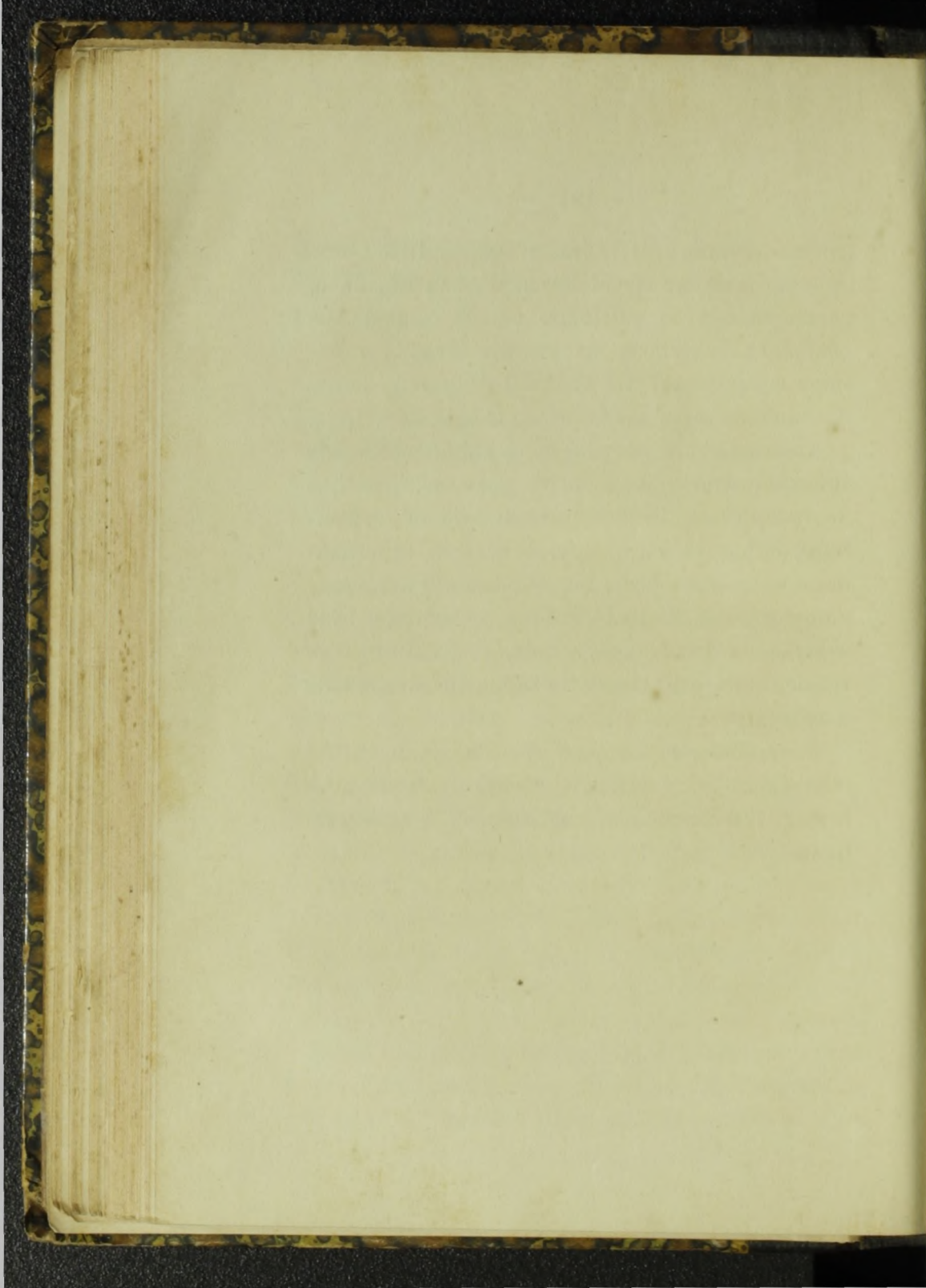
Realmente era grandioso esse Brazil hollandez desde Sergipe até o Maranhão, comprehendendo não menos de sete das actuaes provincias do Imperio! . . .

Mas no Maranhão, logo em 1642, o heroico Antonio Muniz Barreiros proclama a regeneração, que se inicia por inauditas proezas; activa-se a

guerra patriótica; Barreiros morre em 1843; mas Antonio Teixeira de Mello herda sua espada e, commandando os patriotas, vai de combate em combate e de victoria em victoria levando o inimigo conquistador até abatido abrigar-se dentro dos muros e atraz dos fortes da cidade de S. Luiz.

Absolutamente privados de communicações pelo interior e sem recursos vindos por mar, pois que desde muito não lhes chegava auxilio de Pernambuco, já por fim em mingoa de viveres, os hollandezes arranjaram como lhes foi possível umas tres embarcações e no dia 28 de Fevereiro de 1644 sahiram da cidade de S. Luiz, tendo antes destruido muitos edificios, e deixando encravada toda a artilharia.

A restauração da capitania do Maranhão foi obra gloriosa e magnifica do patriotismo do povo maranhense, que tudo empreendeu e conseguiu quasi que só por si.



MARÇO

1 de Março

Em 1870 o dictador do Paraguay, D Francisco Solano Lopez, é derrotado e ferido, e não querendo entregar-se, é morto em Aquidaban.

S. Alteza o Senhor Conde d'Eu, general em chefe de todas as forças brazileiras, depois de encetar em Agosto de 1869 as operações contra as fortes posições em que Lopez se fortificára na serra, e de marcar esse mez por victorias successivas e brilhantes, que determinaram a fuga precipitada do dictador para o norte, desenvolveu, infatigavel e energico a mais habil perseguição do tyranno do Paraguay, que fugia com os restos de seu exercito.

De Agosto de 1869 a Fevereiro de 1870 o dictador, em marchas constantes pelo interior quasi inhospito do paiz, mas sempre em direcção ao norte, embora ás vezes dissimulada, conseguira escapar ás forças brazileiras que activamente o perseguiam.

Em Fevereiro occupou elle na serra as alturas que se separam pelos arroyos tributarios do Aquidaban. O seu acampamento era na collina de Aquidabanigui, encerrada entre o rio deste nome e o de Aquidaban, tendo a E. linha de serros escarpadas e a O. selvas impenetraveis, margeando o Aquidaban.

A posição estava fortalecida com a artilharia que ainda restava ao dictador.

Foi ali que, com celeres marchas e com admiravel manobra, o muito distincto brigadeiro José Antonio Corrêa da Camara, depois marechal e Visconde de Pelotas, surpreendeu em impetuoso ataque o inimigo ao romper do dia 1º de Março.

(8º) Uma força de clavineiros e um batalhão de infantaria, precedendo os outros corpos da columna brazileira, penetraram no acampamento, e encetaram com o maior denodo a peleja, que em breve terminou ainda antes da chegada de todas as forças.

As estradas foram tomadas por lanceiros, clavineiros e alguma infantaria, que logo vieram arremessar-se sobre algumas centenas de soldados que cercavam o dictador o qual pela primeira vez em toda a guerra combatia de espada em punho.

Mas em face da derrota dos seus, Lopez lança-se a todo correr de seu cavallo, e, perseguido tenazmente por alguns cavalleiros que o tinham reco-

nhecido e queriam matal-o, sente-se ferido, apeia-se, consegue transpor o arroio Aquidabanigui e cahe de joelhos na barranca opposta.

Nesse momento, para elle supremo, chega o general Camara, salta do cavallo, corre ao dictador que conseguira levantar-se, intima-o a render-se, garantindo-lhe a vida.

Lopez responde com um golpe de espada.

O general ordena então a um soldado que o desarme, e o dictador expira ao executar-se a ordem.

Morreu como fêra, quem como fêra governara.

Sua oração funebre foi terrivelmente feita alli mesmo em Aquidaban.

A mãe de Lopez chorava sobre o cadaver do filho.

— Não chore, minha mãe, exclamou Raphaela, irmã do dictador; esse monstro nem foi filho, nem irmão!...

Dizem que Lopez ao expirar, murmurara:

— Morro com a patria.)

2 de Março

Em 1630 capitula o forte de S. Jorge, em Pernambuco, e rende-se aos hollandezes, que a 16 de Fevereiro tinham tomado Olinda.

O forte de S. Jorge guardava pelo isthmo a en-

trada da povoação do Recife que, embora nascente apenas, era indispensavel aos conquistadores pelo seu porto.

Commandava o forte o capitão Antonio de Lima, tendo sob suas ordens trinta e sete homens.

A 20 de Fevereiro, pela meia noite, um tenente-coronel hollandez, dirigindo seiscentos homens (os escriptores portuguezes dizem mil e quinhentos), atacara vigorosamente a fortaleza, mas fôra rechaçado com sensível perda pela pequena guarnição, auxiliada pelo fogo de uma bateria que se levantara á entrada do Recife.

Não julgando dever tentar novo assalto, Waerdenburch marcha de Olinda á frente de quatro mil homens com todos os meios materiaes para o assedio regular do forte, cuja guarnição fôra augmentada por algumas dezenas de auxiliares enviados por Mathias de Albuquerque.

O forte resistio quatro dias ao assedio e ao bombardeio continuo

Reduzido a um montão de ruinas o glorioso forte de S. Jorge capitulou no dia 2 de Março.

A guarnição sahio com suas armas, sem bandeiras, porém, e sem morrões accesos, e prestou juramento de não pegar em armas contra a Hollanda durante seis mezes.

Parte da guarnição recusou prestar esse jura-

mento, pelo que foi por algum tempo conservada prisioneira em Olinda.

Fr. Raphael de Jesus no *Castrioto Lusitano*, e quantos depois escreveram, reproduzindo o que nesta obra se lê, attribuem romanescas maravilhas a João Fernandes Vieira na defeza do forte de S. Jorge.

Não ha nem prova, nem indicio de que Vieira alli tivesse estado.

3 de Março

Em 1630. depois da rendição do forte de S. Jorge e do de S. Francisco, ou forte do mar que immediatamente se seguiu, os hollandezes entram no Recife sem dar um tiro e o occupam.

Festas e demonstrações de regosijo manifestaram a importancia da victoria alcançada no dia 2 pelo inimigo invasor de Pernambuco.

No dia 3 de Março a armada hollandeza entrou gallarda e triumphante no porto do Recife, e ao mesmo tempo o tenente-coronel Callenfels, commandando parte da columna, occupou sem combate, nem leve opposição a ilha de Antonio Vaz, ou de Santo Antonio, apoderando-se dos poucos predios que havia de habitação de particulares e de um

convento de franciscanos, junto do qual construíram um forte com quatro baterias.

Os moradores da ilha e os frades tinham-se retirado todos, logo que tiveram por certa e próxima a entrada dos inimigos.

Até aqui, de 16 de Fevereiro a 3 de Março, os holandezes conseguem facéis e grandes victorias; facéis, porque o povo aviltado pela corrupção dos costumes não soube defender a patria, mostrando-se dedicado e valente; grandes, porque a 16 de Fevereiro tomaram a capital da capitania, a rica cidade de Olinda; e a 3 de Março fizeram ancorar no porto do Recife sua esquadra triumphante.

Mas a fortuna vai mudar de face por algum tempo. A heroicidade pernambucana vai brilhar depois das vergonhas do dia 16 de Fevereiro.

O forte de S. Jorge já escreveu uma pagina de gloria.

O Campo real do Bom Jesus resplenderá admiravel na historia.

Esse Campo começou á formar-se logo no dia seguinte, á 4 Março.

4 de Março

Em 1567 o governador geral Mem de Sá nomeia governador do Rio de Janeiro a seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá.

Estacio de Sá, que viera fundar a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, e expellir a colonia franceza que Villegaignon estabelecera, tinha no combate de Uruçumirim (2) de Janeiro) recebido no rosto uma flexada, da qual veio a morrer poucos dias depois.

Mem de Sá, vencidos e lançados fóra da bahia do Rio de Janeiro os francezes, tratou de providenciar sobre tudo quanto exigia a criação da nova capitania, começando por nomear para succeder á Estacio de Sá, no cargo de governador a Salvador Corrêa de Sá, seu sobrinho, como aquelle.

No mesmo mez de Março, distribuiu sesmarias aos jesuitas, e ao bravo indio Martim Affonso de Souza Ararigboia que recebeu para si e para a gente de sua cabilda a de S. *Lourenço* no outro lado da bahia, tendo de extensão uma legua sobre duas de fundo.

Ararigboia tinha vindo da capitania do Espirito Santo com os indios da sua aldeia em companhia do governador geral.

Mem de Sá mudou o assento da cidade para o monte que se chamou de S. Januario e depois do Castello, e a n la se demorou no Rio de Janeiro até Agosto do mesmo anno, em que voltou para a cidade do Salvador, deixando na nascente Sebastianopolis

o governador Salvador Corrêa de Sá, que cabalmente desempenhou a tarefa difficil que lhe fôra incumbida.

5 de Março

Em 1822 annunciou-se á barra do Rio de Janeiro a esquadra portugueza que, sob o commando de Francisco Maximiano de Souza, vinha incumbida de acompanhar o principe D. Pedro para a Europa.

Retirado com a divisão portugueza que commandava, para a Praia Grande, Jorge de Avilez, promptos os navios que tinham de leval-o para Portugal, recusára-se a embarcar, pretextando que lhe cumpria esperar por uma expedição que pres-tes chegaria de Lisboa; mas já a esse tempo acampavam no campo do Brandão, proximo da Praia Grande, diversos corpos de milicias do interior, e alguma tropa regular ao mando do general Curado.

O principe regente, contando com aquella força, obrigou Avilez a effectuar immediatamente o embarque, ameaçando-o com o fogo que faria logo romper.

Avilez sahio barra á fóra a 15 de Fevereiro.

A 5 de Março chegou a esquadra, com que o

chefe da divisão auxiliadora calculava; mas as circumstancias estavam já mudadas no Rio de Janeiro.

Tratada como se inimiga fosse, a esquadra de Francisco Maximiano de Souza sómente obteve permissão de entrar a barra no dia 10 de Março, não se permitindo desembarcar senão áquelles soldados que se quizesse alistar em corpos do Brazil.

Francisco Maximiano, tendo-se abastecido dos mantimentos e refrescos de que precisava, voltou para Portugal á 23 de Março, levando de menos a fragata *Real Carolina*, cuja guarnição adoptou a causa do príncipe.

D. Pedro, passando o Rubicon á 9 de Janeiro, não hesitava mais: no seu ministerio accentuava-se o espirito da revolução, e a repulsa da esquadra que viera para conduzi-lo á bem longe do Brazil, voltava com a noticia da ostentosa desobediencia do príncipe aos decretos das côrtes portuguezas, e com o tratamento quasi hostil que recebera.

6 de Março

Em 1817 rebenta em Pernambuco uma revolução republicana.

Sociedades secretas trabalhavam em Portugal pela revolução que deveria restituir á Lisboa a

côrte da monarchia, e que por suas tendencias liberaes acharam faceis ramificações e apoio no Brazil.

Em Pernambuco as idéas liberaes propagaram-se com ardor; mas o antigo odio separou em dous partidos os portuguezes e os pernambucanos.

Entre os officiaes e os corpos militares esse antagonismo fervente era sobretudo manifesto.

Caetano Pinto de Miranda Montenegro, depois Marquez da Praia Grande, e então capitão-general de Pernambuco, tendo debalde procurado harmonisar os officiaes portuguezes e pernambucanos e sabendo que estes apoiavam conspiração republicana, de que eram propugnadores Domingos José Martins e outros, reunio a 5 de Março em conselho os officiaes generaes portuguezes e com elles resolveu a prisão de alguns officiaes militares e paisanos mais compromettidos.

A 6 de Março o brigadeiro Salazar prendeu o ajudante do regimento de infantaria Souza Teixeira; foram tambem presos Domingos José Martins e outros: o brigadeiro Barboza quiz de sua parte, antes de prender, reprehender alguns officiaes do regimento de artilharia que commandava e fazendo-os reunir, começava a fallar, quando o capitão José de Barros Lima, por alcunha *leão coroadado*, arrancou da espada e matou-o de um golpe.

Rebentou a revolução : o povo unio-se á tropa pernambucana , as portas das prisões foram abertas, e emfim o capitão-generall que abandonara o palacio e se encerrara na fortaleza do Baum , capitulou no dia seguinte , convindo os vencedores em que elle partisse para o Rio de Janeiro.

A revolução rompeu e victoriosa ficara no dia 6 de Março. A 7 organizou-se o governo provisorio, no qual foi elevado a governador das armas o capitão de artilharia Domingos Theotonio Jorge, a governador provisorio o padre João Ribeiro Pessoa; sendo ainda membros o Dr. José Luiz de Mendonça, Domingos José Martins e Manoel José Corrêa de Araujo; instituiu-se um conselho de cinco membros, entre os quaes se contaram o ouvidor e corregedor de Olinda, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva, depois tão famoso orador parlamentar, e Antonio de Moraes e Silva, o lexicographo tão conhecido e estimado.

Augmento de soldos e de promções no exercito, abolições de diversos impostos, adopção do simples tratamento — vós — , e da bandeira branca symbolisadora da paz, providencias para a defeza, e algumas medidas financeiras marcaram os primeiros actos do governo provisorio.

Sobravam espiritos esclarecidos e enthusiasmo aos revolucionarios; havia, porém, muita inexpe-

riencia em seus directores, e faltava á revolução de Pernambuco o concurso das outras capitánias do Brazil e a opporlunidade que é marcada pelo desgosto e resentimentos profundos do povo.

As provincias da Parahyba e do Rio Grande do Norte, satellites de Pernambuco, abandonaram quasi logo a esta, que no proprio seio viu a reacção no districto das Alagoas, logo que se annunciaram proximas as primeiras Forças legaes. A conspiração que lavrava na Bahia e no Ceará não os sou pronunciar-se.

Faltava opporlunidade á revolução; porque desgosto e resentimento havia por certo, e justificavam-se em Portugal; mas no Brazil a proeminencia politica sobre a antiga metropole satisfazia o orgulho, e mesmo a vaidade do reino que nove annos antes ainda era colonia, e o impulso das idéas liberaes, vigoroso e ardente nos animos illustrados, e na pequena minoria dos homens que então pensavam em cousas politicas, fraquissima ou quasi nulla influencia directa exercia sobre a massa geral da população, creada no culto obediente e respeitoso do rei absoluto.

A revolução de 1817 em Pernambuco foi erro tão grande que apenas o excedeu o phrenesi da mais horrivel perseguição da autoridade legal depois de havel-a esmagado.

7 de Março

É deste dia, e do anno de 1821, o decreto em que o rei D. João VI annuncia a sua volta para Lisboa, deixando o reino do Brazil sob o governo do principe real D. Pedro.

Esta resolução indeclinavel, depois do acontecimento do dia 26 de Fevereiro, foi arrancada ao velho rei pelo voto da quasi unanimidade dos seus conselheiros e pelo rigoroso empenho do Conde, depois Duque de Palmella.

Pretenderam alguns que tivesse influido muito no espirito de D. João VI o conselho officioso e insistente do ministro inglez Thornton; isso não é exacto; o ministro inglez sómente lhe dobraria o desejo de ficar no Brazil, onde se achava mais livre da Inglaterra.

D. João VI chorou, assignando o decreto de 7 de Março de 1821.

Mas era rei sem vontade, sem energia, sem acção. grande contemporizador só por fraqueza, a inspiradora de suas perplexidades.

D. João não tinha que hesitar; ou devera ter já voltado para Portugal, e em todo caso cumpria fazel-o immediatamente, ou de uma vez e decididamente sujeitar-se á perder a corõa portugueza.

Ficando no Brazil poderia ser sómente rei do Brazil.

Portugal estava no seu direito e no seu dever, exigindo o throno da monarchia a fulgurar em Lisboa.

D. João VI não podia exigir de Portugal mais prolongada paciencia nos tormentos Moraes que soffria com a proeminencia politica da sua antiga colonia.

D. João VI preferia o Brazil a Portugal; mas em tal caso era preciso escolher um dos dous.

A independencia do Brazil já lhe parecia inevitavel depois da revolução de Portugal; mas sempre perplexo, preferindo o Brazil, voltava para Portugal, esperando, quasi sem esperar, lá reacção possível, e cá união impossivel dos dous reinos, que o Atlantico e as exagerações da politica das côrtes separavam como inimigos.

No entanto elle deixava no Brazil o principe, seu filho, herdeiro da corôa, e com este duas idéas politicas.

Uma : forte elemento de opposição ás cortes de Lisboa, no representante legitimo da soberania absoluta do rei.

Outra : um principe de sua familia, seu filho primogenito para rei ou imperador do Brazil, na hypothese que se lhe afigurava quasi certa, da independencia deste reino ainda portuguez.

O decreto de 7 de Março de 1821 encerrou evidentemente todos estes calculos politicos.

Os brazileiros, enthusiasmados pelos principios liberaes da revolução portugueza de 1820, viram com indifferença, ou não souberam vêr os empenhos temerosos, os desejos sem applausos, os impulsos sem apoio popular do velho rei apprehensivo e sem energia.

Se os brazileiros se tivessem pronunciado em Fevereiro e Março de 1821 pela permanencia de D. João VI no Brazil, como em Dezembro de 1821 e em Janeiro de 1822 se pronunciaram em relação ao principe regente D. Pedro, é bem de acreditar que o velho rei cedesse facilmente á doce violencia.

Mas Deus tinha marcado para o Brazil outro destino.

8 de Março

Em 1808 desembarca na cidade do Rio de Janeiro, e nella faz sua entrada solemne o principe regente, mais tarde rei D. João VI.

Já ficou dito como ao violento impulso de terrivel tempestade se tinham separado os navios da numerosa esquadra, que conduzia e acompanhava a familia real portugueza, emigrante para o Brazil.

Enquanto algumas náos, com uma parte da real familia chegavam ao Rio de Janeiro, outras ancoravam na Bahia, levando o principe regente, como que para preparar na cidade de S. Salvador, com o decreto de 28 de Janeiro, a entrada triumphal mais bem merecida na sua nova capital da monarchia portugueza.

D. João sahio da Bahia a 26 de Fevereiro, entrou a barra do Rio de Janeiro a 7 de Março e determinou effectuar o seu desembarque na tarde do dia seguinte, 8 de Março.

A rainha D. Maria I, por achar-se doente, só desembarcou no dia 10.

Quem desejar inteirar-se do desembarque, e da solemne entrada e recepção do principe regente no dia 8, das cerimoniaes religiosas, das festas publicas, das illuminações durante nove noites, pôde ir fartar-se nas informações abundantes das *Memorias* do padre Luiz Gonçalves dos Santos, a quem nada parece ter esquecido em seu enthusiasmo.

D. João, o principe regente que em todo o caso seria recebido jubilosamente, desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, quando esta já sabia que o Brázil pelo decreto de 28 de Janeiro tinha deixado de ser colonia.

O principe regente chegava abençoado.

Ao vê-lo desembarcar o povo não gritou « viva o príncipe regente! » nem mesmo « viva a rainha! » gritou : « viva o imperador! »

E ninguém tinha ensinado esse grito ao povo.

O instinto patriótico adivinhava o *Imperio do Brazil*, adivinhando a grandeza do seu futuro.

D. João não viera acollher-se á um asylo ephemero ou passageiro em seus dominios da America; criou capital, assentou sua côrte, fez da cidade do Rio de Janeiro cabeça de monarchia, e poucas semanas depois, em manifesto de guerra á Franca, disse ufanso: *A côrte levantar! a sua voz do seio do novo imperio que vai crear.*

O novo Imperio era o Brazil.

A historia de Portugal tomará ao príncipe regente, depois rei D. João VI, contas de seu egoismo e de sua fraqueza em Portugal no fim do anno de 1807, de suas vacillações, de seus juramentos que era facil a pre-tar, e a não cumprir fielmente, de suas contradicções por animo timorato, de seu desamor de Lisboa e do patrio solo, e de quantos outros erros quizerem.

A' historia de Portugal seu direito.

Ao Brazil seu dever de gratidão.

O brasileiro que esquecer os serviços, e amor que o Brazil deve ao príncipe regente, depois rei D. João VI, será ingrato.

9 de Março

Em 1490⁴ parte de Lisboa para as Indias Pedro Alvares Cabral, o descobridor do Brazil.

Commandando dez caravellas e tres navios redondos, Cabral ia ás Indias continuar a grande obra do dominio portuguez começada por Vasco da Gama.

Pois que desde 1493 Colombo dirigira e ensinára aos hespanhóes a navegação para o novo mundo do occidente, que se ia revelando immenso, querem alguns que Cabral de proposito se desviasse do rumo que devia seguir para chegar a algum ponto daquellas terras, cahindo muito para o Oeste.

Não ha base justificada em que assente semelhante julizo, e sobram razões para se acreditar que o feliz descobrimento do Brazil não foi calculado.

A tarefa incumbida a Pedro Alvares Cabral era de tanta transcendencia, que não é licito suppôr que elle a sujeitasse ás contingencias de navegação dirigida por diverso rumo e por mares não conhecidos ainda dos portuguezes. A responsabilidade do capitão seria grande.

Descoberto o Brazil, dado esse brilhante á corôa portugueza, o valor do presente escusaria por certo o calculo do navegador; mas nem da carta de Ca-

minha ao rei D. Manoel, nem de escripto algum, transpira idéa que não seja a de descobrimento inesperado.

Até aqui argumentos de natureza negativa: agora avultam os argumentos positivos.

Lá vai Cabral; em observancia das instrucções do rei, as quaes tem diante dos olhos, elle, para evitar as calmarias e as tempestades da Costa da Africa, afasta-se para o Occidente quanto lhe é preciso, e em sua mente procura o cabo das Tormentas seguindo rumo, que figura grande arco de circulo.

Lá vai Cabral; mas, cahindo para o Occidente, elle encontra e não sente, porque então não se conheciam, as correntes oceanicas que o levam ainda para o occidente muito e muito mais do que elle tem calculado e pensa.

As correntes o impellem sem que elle se sinta impellido. . .

Lá vai Cabral. . .

A' 22 de Abril o saudaremos, ouvindo-o soltar o grito: — terra!

10 de Março

Em 1557 chega ao Rio de Janeiro a expedição de Bois le-Comte que partira de França em auxilio

de Villegaignon. (Veja-se o artigo de 17 de Novembro).

A expedição calvinista foi recebida com a maior alegria, sendo Bois-le-Comte e seus companheiros abrigados em grandes palhoças no forte Coligny (ilha de Villegaignon).

Este importante socorro foi de pouco proveito para a colônia franceza; porque Villegaignon logo provocou viva desharmonia, exagerando ainda mais as praticas do calvinismo, e suscitando questão sobre a doutrina da Ceia, de que mandou pedir decisão a Calvino na Europa.

No correr do mesmo anno de 1557 Villegaignon começou a manifestar mudanças em suas idéas religiosas: dizem que já então o cardeal de Lorena e alguns outros catholicos da França, em cartas que lhe escreveram, o tinham induzido a abandonar o calvinismo.

Melancolico, desconfiado e violento, Villegaignon pretendeu ter descoberto uma conspiração contra sua vida e castigou severamente os chefes principaes, defendendo-se aliás em carta que ainda escreve a Calvino das accusações de vingança cruel que lhe foram feitas.

Logo depois expellio do forte quarenta e cinco protestantes que, sem conhecimento seu, tinham uma noite celebrado o mysterio da Ceia.

Cada dia mais obumbrado, irascivel e desconceituado na colonia, Villegaignon, disposto já a abraçar em França o partido do Duque de Guize, deixou o Rio de Janeiro em 1558, voltando para a sua patria, onde os calvinistas lhe deram a terrivel alcunha de *Saim d'America*.

Em 1557 Villegaignon diminuiu as forças da colonia franceza do Rio de Janeiro com as suas perseguições, e com a expulsão dos quarenta e cinco protestantes que foram mandados para França, e ainda mais com os companheiros que levou consigo em 1558, quando se retirou da colonia que fundara.

Tudo isso foi conveniente á integridade do Brazil-portuguez, que, com menor difficuldade pôde ser mantida, expulsos do Rio de Janeiro os Francezes.

11 de Março

Em 1831 chegam de volta de sua viagem á provincia de Minas Geraes e recolhem-se ao paço de S. Christovão o Imperador D. Pedro I e sua augusta esposa.

D. Pedro I voltava de Minas desgostoso e de animo um pouco abatido pelas desillusões que experimentára. Durante a viagem mais de uma vez

em conversação confidencial com um ou outro dos mais intimos cavalleiros de sua côrte, não conteve a idéa da possibilidade da sua abdicção, lembrando tambem então o interesse dynastico, que em Portugal tinha a defender.

A causa de sua filha, a princeza D. Maria da Gloria, em quem abdicára a corôa portugueza, estava sendo nociva ao seu poder no Brazil.

Em Portugal D. Miguel tinha tomado a coroa, dissolvido a camara, esmagado e perseguido horriavelmente os liberaes que em grande numero emigraram, vindo muitos para o Brazil.

Os emigrados eram em geral homens de boa sociedade, alguns de notavel merecimento; mas D. Pedro que por sua filha D. Maria II devia apoiar-se nelles, foi além, e em Londres o ministro brasileiro Visconde de Itabayana, empregou avultadas sommas na sustentação de emigrados, compra de armas e fretamento de navios para um desembarque na ilha Terceira, que não se effectuou, porque o obstaram navios inglezes.

D. Pedro I compromettia assim o Brazil em uma questão européa, que era só de Portugal e da princeza D. Maria da Gloria.

Ainda mais: D. Pedro por sua filha, a rainha D. Maria II, teve muito explicavelmente de não só proteger no Brazil os emigrados, mas de pro-

curar para ella as sympathias e o concurso favoravel dos portuguezes que predominavam no commercio do Rio de Janeiro.

Isso nada tinha com o governo do Imperio ; mas por um lado a independencia do Brazil apenas se declarára ha oito annos e seis mezes, e os ciumes internacionaes ainda eram ardentes ; e por outro emquanto os liberaes exaltados no empenho da revolução atiçavam esses ciumes, os portuguezes com a maior imprudencia e com gravissimo arriscado erro pronunciavam-se a favor de D. Pedro, compromettendo-o fatalmente no Brazil.

D. Pedro I, de volta de Minas Geraes, veio esbarrar com essa fatalidade no Rio de Janeiro.

12 de Março

E' deste dia e do anno de 1641 a resposta dada pelo principe Mauricio de Nassau á carta em que o Marquez de Montalvão, vice-rei do Brazil lhe participára a elevação de D. João IV ao throno de Portugal.

O governador geral do Brazil hollandez respondeu com a maior cortezia ao vice-rei, felicitando-o pela restauração de Portugal, e agradecendo-lhe a certificação do acontecimento, do qual um mez antes recebera aviso da Inglaterra.

Quanto ao assumpto que mais devia interessar ao vice-rei, assim escreveu o principe :

« Os delegados desta nossa parte que vão a tratar das conveniencias da guerra, estavam avisados e o estão para partir : supposto que ao reino vejo mudança, me parece que não deve essa alterar alguma cousa, antes dispôr mais suavidade nos meios das conveniencias da guerra ; pelo que não tratei de emendar o estylo, e nossas proposições ainda que no methodo pareçam a V. Ex. diversas ou dissonantes da jurisdicção que hoje corre nessa Bahia, na qual o conserve Deus felizes annos e a V. Ex. com tão nobilissimos progressos e augmentos, como sua illustre pessoa merece.

« Mauricia, 12 de Março de 1641. »

O principe, depois deste periodo com que fechava a sua resposta, e na qual apenas indicava por unica alteração *mais suavidade nos meios das conveniencias da guerra*, accrescentou de sua propria mão, como para mitigar aquelle desengano, o *P. S.* que se segue :

« Mando a V. Ex., neste barco, nove marinheiros e dous passageiros portuguezes, que aqui tinha prisioneiros, porque entendo que nisso dou gosto a V. Ex. Estimarei haver outras occasiões de seu serviço, em que possa dar-lh'o, como desejo, cuja

peessoa Deus guarde muitos annos. — *Mauricio, Conde de Nassau.* »

13 de Março

Em 1531 Martim Affonso de Souza entra com a sua esquadra na Bahia de Todos os Santos.

Trata-se da esquadra que D. João III confiára ao commando de Martim Affonso de Souza, o qual devia fundar no Brazil as primeiras colonias.

Logo que vio tremular a bandeira portugueza, commoveu-se fortemente Diogo Alvares, o qual se apressou a apresentar-se a Martim Affonso, e lhe referio a historia do seu naufragio em 1510, e seus vinte e um annos de vida passados entre os selvagens.

Graças á confiança que depositava em Caramurú, os tupinambás não se mostraram hostis a Martim Affonso, antes o trataram de modo respeitoso.

Diogo Alvares deu conta ao capitão portuguez das condições geraes daquella terra da Bahia, exaltando sua fertilidade e louvando-a muito.

Deve-se saber que Martim Affonso de Souza levava a idéa de começar a colonisação em algum ponto do Sul do Brazil, todavia não fundou estabelecimento algum colonial na Bahia, sendo certo que apenas alli deixou a Caramurú um ou dous portuguezes e diversas sementes.

Querem alguns que Diogo Alvares tivesse na Bahia companheiros de naufragio : não consta porém, que além d'elle outro portuguez se apresentasse a Martim Affonso, de modo que é preciso concluir ou que esse juizo carece de fundamento, ou que já tinham morrido ou tomado diverso destino os outros naufragos.

Em todo caso é claro que a historia do Caramurú tem pontos muito obscuros.

Martim Affonso de Souza seguiu da Bahia para o sul a 17 de Março, e trazido outra vez a ella a 26, por ventos contrarios, de novo e já não contrariado pelo tempo, proseguio em sua derrota no dia 27 de Março.

14 de Março

Em 1831, durante a noite, brazileiros e portuguezes em terrivel conflicto batem-se na rua da Quitanda e em outras do commercio da cidade do Rio de Janeiro.

Manifestam-se os preludios de revolução imminente.

D. Pedro I tinha chegado de Minas Geraes a 11 de Outubro.

Os brazileiros em sua quasi unanimidade liberaes em opposição, mostraram-se indifferentes ; os portuguezes festejaram a chegada do Imperador.

Na noite de 12, arderam fogueiras, e brilharam illuminações nas ruas da Quitanda, do Rosario e outras, cujas casas eram quasi todas portuguezas do commercio.

Um grupo de brasileiros chegou a uma dessas ruas e parado observava as fogueiras e regosijo dos portuguezes, que dirigindo-se para elles, soltaram vivas ao—*Imperador D. Pedro I*: os brasileiros responderam : «*Viva D. Pedro I, Imperador do Brazil, enquanto Constitucional.* » Então aquelles estrangeiros provocadoramente arrojaram sobre os nacionaes garrafas e pedradas.

Os brasileiros desarmados e em numero muito inferior, se retiraram resentidos e irritados.

Na noute de 13 de Março o conflicto repetio-se muito mais fortemente. Apresentaram-se brasileiros em numero mais avultado diante das fogueiras dos portuguezes, e dentro em pouco e pelo mesmo pretexto, o — *Viva o Imperador enquanto Constitucional*, choveram sobre elles garrafas e pedras : os brasileiros então destruíram as fogueiras, e lançaram sobre os portuguezes achas e tições : trocaram-se tambem dous ou tres tiros de pistola.

A 14 de Março os brasileiros, em consideravel numero, reuniram-se de manhã no Campo de Sant'Anna (praça da Acclamação) em attitude ameaçadora ; mas o juiz de paz da parochia con-

seguio fazel-os retirar, compromettendo-se a reclamar do governo providencias que satisfizessem o resentimento nacional.

E até então nem um soldado, nem uma autoridade policial, para impedir os conflictos !

A' noite aggravaram se os factos.

Os brasileiros irritados reuniram-se em grupos e os portuguezes, redobrando de ousadia, sahiram em aggressão, e foram apedrejar, além de outras, a casa de Evaristo Ferreira da Veiga, deputado liberal e redactor da *Aurora*, na rua da Quitanda; ali, quasi logo, encontraram-se as phalanges inimigas; a brasileira já trazia a dirigit-a alguns officiaes militares; travou-se furioso combate, que terminou, emfim, pela intervenção da força policial, sendo presos tres officiaes brasileiros e alguns paizanos.

As noites de 12, 13 e 14 de Março ficaram designadas na historia com o nome de *noites das garrafadas*.

O que mais espanta nessas noites fataes é o *crime* da iudifferença do governo.

E, note-se bem, no dia 15 de Março, immediatamente depois das *noites das garrafadas*, D. Pedro I ia fazer entrada solemne na capital do Imperio ! . . .

Era cegueira ou fatalidade ? . . .

15 de Março

Em 1789 é denunciada ao Visconde de Barbacena, governador de Minas-Geraes, a conspiração mineira, a que a historia chama do *Tira-dentes*.

No ultimo quartel do seculo XVIII a colonia portugueza da America, o Brazil, começara a manifestar tendencias á nacionalidade propria e distincta de Portugal. Não ha meio de negar importancia ao pronunciamento instinctivo, incalculado talvez, das lettras e das artes: Bazilio da Gama, no seu poema *Araguay*, o padre Durão no *Caramurú*, o mestre Valentim no *Passeio Publico* do Rio de Janeiro, ostentavam exclusivo brazileirismo na poesia e na arte architectonica e ornamental, e já então tambem S. Carlos imaginava o *Paraizo* do seu poema a *Assumpção* todo celestial-brazileiro.

Quasi ao mesmo tempo estudantes brazileiros em Coimbra e em Montpellier sonhavam com a independencia da patria, e della tratavam com a leviandade propria de generosos, mas imprudentes jovens patriotas.

A prioridade do bello sonho da independencia do Brazil pertence a estudantes; a prioridade da primeira conspiração para tão gloriosa e esplendida obra coube a uma pleiade illustre de poetas Estu-

dantes e poetas, mocidade entusiasta e genios inspirados, foram os precusores infelizes da magestosa victoria de 1822.

Conspirava-se em Minas Geraes e os soffrimentos do povo aproveitavam aos conspiradores, quando o Visconde de Barbacena rendeu no governo dessa capitania a Luiz da Cunha de Menezes.

Entre os conspiradores distinguiam-se Ignacio José de Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa, poetas muito estimados ainda hoje, e o Dezebargador Thomaz Antonio Gonzaga, outro poeta de grande merecimento que sempre negou ter tomado parte na conspiração; mas que provavelmente de tudo era sabedor, e esperava cauteloso os resultados da perigosa empreza.

Além desses e de outros figurava com os principaes chefes Francisco de Paula Freire de Andrade, e, mais imprudente que todos, andava pregando a revolução o alferes Joaquim José da Silva Xavier, por alcunha o *Tira-dentes*, que tinha de ser a mais desgraçada das victimas.

Em breve prazo deveria romper a revolta, para a qual se esperava o lançamento da derrama que muito irritaria o povo.

Foi então que a 15 de Março de 1789 o coronel Joaquim Silverio dos Reis, e depois d'elle o mestre de campo Ignacio Corrêa Pamplona, e o tenente-

coronel Bazilio de Brito Malheiro denunciaram a conspiração ao Visconde de Barbacena.

O governador limitou-se a impor segredo absoluto aos denunciantes, e communicando tudo reservadamente ao vice-rei Luiz de Vasconcellos, preparou o primeiro e bem calculado golpe que desfechou, como se verá, a 23 de Março.

16 de Março

Em 1560 Mem de Sá, governador geral do Brazil, ataca o forte Coligny na ilha de Villegaignon, e o destróe depois de bater e pôr em fuga os francezes.

Mem de Sá, em obediencia ás ordens da rainha regente D. Catharina, parte da Bahia com a força que pôde reunir para lançar fóra do Rio de Janeiro os francezes alli estabelecidos.

« Fiz-me logo prestes o melhor que pude, que foi o peor que podia um governador. » Assim escreveu Mem de Sá á rainha.

Recebendo alguns auxiliares da capitania de S. Vicente, Mem de Sá entra á barra do Rio de Janeiro, e poucos dias depois, apezar das vantagens da fortaleza e da superioridade numerica do inimigo, dá o combate á 16 de Março.

Eram cento e vinte soldados portuguezes e cento

e quarenta indios auxiliares contra cento e cinquenta francezes e mil indios tamoyos.

A habilidade e energia do general portuguez conseguiram a victoria.

Em quanto os navios, entre os quaes duas náos de alto bordo, bombardeavam a fortaleza, Mem de Sá, á frente dos seus soldados e indios, desembarca na ilha pelo lado que olha para a cidade, de que elle sete annos mais tarde foi o fundador, e subindo o monte das Palmeiras (destruido no seculo decimo oitavo) mostrou-se de subito a cavalleiro da fortaleza, e começou a ataca-la por terra com grande vantagem pela posição que tomára.

O inimigo, quasi cinco vezes mais numeroso, oppoz resistencia tenaz e veio tomar-lhe o passo: de parte a parte houve como que disputa em primazia de bravura; Mem de Sá, porém varria a fortaleza com as balas de pequenas boccas de fogo e, descendo do monte, fuzilava os francezes e tamoyos que se arrojavam a aproximar-se e a travar peleja com a sua força.

Os tamoyos recuaram e fugiram e os francezes enfim desanimados correram a embarcar em canoas que tinham, e em precipite retirada escaparam, indo para o muito proximo continente met-

ter-se pelos mattos, onde os indios amigos os dirigiram e protegeram.

Mem de Sá, formando juizo sobre esta victoria, mas a hesitar modesto pela gloria principal, que lhe cabia, disse que *ha muitos annos não se fizera igual entre os christãos.*

Foi, porém, victoria esteril.

Mem de Sá, não tendo gente e recursos para deixar na ilha estabelecimento permanente de portuguezes, destruiu a fortaleza, recolheu a artilharia, e retirou-se, navegando para S. Vicente.

E dentro em pouco voltaram os francezes fugitivos e construíram novas e mais fortes defezas em Villegaignon, em Uruçumirim e em outros pontos da bahia do Rio de Janeiro.

17 de Março

Em 1831 é entregue ao ministro da justiça, Visconde de Alcantara, uma representação para ser apresentada ao Imperador, levando as assignaturas de um senador e de vinte e tres deputados.

No dia 15 de Marco, ao mesmo tempo que D. Pedro I fazia sua entrada solemne na capital, sendo nella recebido com a maior frieza pelos brazileiros, reuniam-se na casa do padre José Custodio Dias, á rua da Ajuda, o senador Nicoláo Pe-

reira de Campos Vergueiro, notabilidade liberal, e vinte e tres deputados (inclusive o mesmo padre José Custodio Dias) todos do partido liberal.

O objecto da reunião era estudar e resolver o procedimento que lhes cumpria observar na situação critica em que se achava o paiz, e em face dos ultimos e ainda provaveis acontecimentos.

Os deputados reunidos representavam dous matizes do mesmo partido, uns eram monarchistas liberaes, alguns republicanos ; todos, porém, se pronunciaram unanimes, adoptando duas resoluções: representar ao Imperador, pedindo instantes providencias, que restabelecessem a ordem publica perturbada, e castigassem, dentro dos limites das leis, os autores e cúmplices dos attentados contra o brio nacional, e tomarem os deputados liberaes a direcção do movimento que se pronunciava, afim de não deixal-o aos revolucionarios intransigentes, que ameaçavam, não só o reinado do primeiro Imperador, mas tambem as instituições monarchico-constitucionaes.

Evaristo Ferreira da Veiga, patriota sem jaça e o *bom senso* de 1831 e dos quatro annos seguintes, foi o encarregado de redigir a representação, que lhe sahio do animo energica e vehemente; mas modelada pelo respeito ao Imperador e ás leis.

Essa representação, assignada pelo senador e pe-

los vinte e tres deputados, foi entregue ao ministro da justiça, o Visconde de Alcantara, no dia 17 de Março, e no dia seguinte o mesmo ministro deu, em carta dirigida aos representantes, a seguinte resposta: « O governo tem tomado as medidas necessarias e dado as convenientes providencias para manter o socego e tranquillidade publica e continuará a empregar os esforços conducentes ao mesmo fim. »

A resposta era banal ou illusoria. Nunca houve ministerio de monarchia que, em circumstancias ameaçadoras e tremendas, tanto abandonasse ao acaso, á louca imprudencia de amigos compromettedores, á conspiração e ás iras do povo a sorte da corôa.

A representação do dia 17 de Março é documento historico de maxima importancia, e a reunião do senador e dos vinte e tres deputados, em que ella se resolveu a 15 de Março, foi providencial e de extraordinaria e benefica influencia sobre os destinos do Brazil.

Essa representação deu e assegurou ao senador e deputados que a dirigiram indisputavel direcção dos acontecimentos subsequentes; porque, com o prestigio de representantes da nação, declarando-se orgãos ostensivos dos desgostos, das queixas, dos

resentimentos do povo, o povo os tomou e os preferio a todos para seus chefes.

Mas o grande, extraordinario, providencial resultado da reunião do dia 15 de Março foi outro, e pronunciou-se ainda muito depois, e provavelmente sem calculo de futuro entre o senador e deputados que conferenciaram e em accordo unanime procederam.

Nessa reunião gloriosa e sabiamente inspirada, republicanos, como Custodio Dias e Odorico Mendes, federalistas, como outros, monarchistas constitucionaes, como Evaristo, Honorio Hermeto (Marquez de Paraná, mais tarde) e muitos mais, todos patriotas, e todos apprehensivos do desenfreamento da anarchia pela revolução imminente, susceptivel e ameaçadora de phrenetica direcção, se colligaram, fraternisaram no santo e patriotico sentimento commum de todos os sacrificios para sustentação da liberdade constitucional firmada pela ordem; para defeza das instituições e da monarchia, e vieram a formar o partido liberal moderado, o qual salvou a monarchia e a integridade do Imperio em 1831, e nos seguintes annos da menoridade do Senhor D. Pedro II.

D. Pedro I não comprehendeu a lealdade e o patriotismo da representação de 17 de Março.

Ainda podia e não soube salvar sua corôa; con-

fiando-se absolutamente, constitucionalmente e sem reservas do governo pessoal, aos liberaes da escola de Evaristo, que era a da nacionalidade, da monarchia constitucional pura, e, o que é mais, a do *bom-senso*.

Os signatarios da representação de 17 de Março devem ser perpetuamente lembrados.

Foram elles:

Senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro—
Deputados: Evaristo Ferreira da Veiga, Antonio Paulino Limpo de Abreu (Visconde de Abaeté), Honorio Hermeto Carneiro Leão (Marquez de Paraná), padre José Martiniano de Alencar, Manoel Odorico Mendes, Candido Baptista de Oliveira, José Joaquim Vieira Souto, Venancio Henriques de Rezende, Antonio José da Lessa, José Maria Pinto Peixoto, Augusto Xavier de Carvalho, José Custodio Dias, Joaquim Manoel Carneiro da Cunha, Francisco de Paula Barros, Baptista Caetano de Almeida, Manoel Pacheco Pimentel, Antonio de Castro Alvares, João Fernandes de Vasconcellos, Antonio José da Veiga, Manoel do Nascimento Castro e Silva, Vicente Ferreira de Castro e Silva, Honorato José de Barros Paim e Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto, gloria do passado, ainda hoje venerada pelos liberaes, nobre, velho, respeitavel cégo, que ainda hoje luz e res-

plende pelo amor da patria e pelas flammas do mais sabio espirito liberal.

18 de Março

Em 1711, em horas mortas da noite, é assassinado Carlos Duclerc, na casa que estava occupando na cidade do Rio de Janeiro.

Depois da sua capitulação, a 19 de Setembro de 1710 (veja-se o artigo desse dia) Carlos Duclerc, prisioneiro com todos os seus soldados, foi recolhido á fortaleza do Castello; mas no fim de dous ou tres mezes teve a cidade por homenagem, e habitava pequena casa com um mirante, ou na rua da Quitanda ou em outra proxima desta.

Onde quer que fosse a casa, uma sentinella lhe vigiava a porta durante a noite; mas, ainda assim, a 10 de Março de 1711, a deshoras, dous embuçados penetraram na casa e assassinaram Duclerc.

Naturalmente o ouro fez adormecer a sentinella.

Os autores desse crime nunca foram descobertos.

Duguay-Trouin e os francezes quizeram julgar o seu compatriota victima de assassinato official.

Falta fundamento a semelhante juizo.

Não havia interesse algum, condemnavel em-

bora em todo o caso, que aconselhasse o governador, do Rio de Janeiro a fazer assassinar Duclerc, que nem era inimigo notavel, a quem se temesse vivo, nem pesava como prisioneiro de alta cathegoria, nem ao menos suscitava apprehensões de perigo futuro.

Não ha consideração que desculpe o assassinato frio e premeditado ; si, porém, o governador, por tarda e perversa vingança, determinasse o de Duclerc, teria meios de sobra para fazel-o morrer na prisão com falsas apparencias de natural passamento e sem o apparatus dos embuçados, e do horrivel e manifesto crime.

Quem quizer explicar o assassinato de Duclerc só concluirá por probabilidade mal seguras.

A mais accetivel das explicações que se tem dado e que sendo racional bem póde não ser verdadeira, basea-se nos seguintes juizos conjecturaes:

Duclerc era francez e, além de francez, militar; trazia da França e, mais do que da França, de Pariz, os costumes lascivos e desenfreados daquelle tempo, e tendo por menagem a cidade do Rio de Janeiro, attractivo pela recommendação do infortunio, pelo prestigio de audaciosa valentia, e pela distincção de estrangeiro graduado, Duclerc, galanteador de damas por educação e liberdade francezas, muito provavelmente não poderia ter-se

contido bastante, e nada mais facil do que haver amado e merecido amor, ou pelo menos tentado merecel-o.

Os portuguezes e seus descendentes daquelle tempo eram mouriscos na escravidão e nos ciumes das esposas, das filhas e das irmãs, e seus ciumes muitas vezes se saciavam em sangue.

Os dous embuçados vingaram-se talvez de uma affronta, ou de tentativa de affronta.

Duclerc não tinha no Rio de Janeiro divida de odios, nem antagonismo de interesses, nem pretenções, nem pleitos, nem outras fontes de inimizades.

Duclerc era vencido, prisioneiro ha *seis mezes* e militar francez galanteador e lascivo.

Não é licito admittir sem o mais leve indicio que o governador mandasse assassinar o prisioneiro a quem já tinha dado a cidade por menagem; é licito conjecturar que os dous embuçados que foram em horas mortas cravar punhaes no peito de Duclerc, escondessem em seus mantos e nas sombras da horrivel noite a vingança de uma familia.

O mysterio em que ficou o crime é explicavel em cidade que não tinha policia, e onde crimes ainda mais ruidosos e de extensas cumplicidades não se castigaram por não se descobrirem os seus perpetradores.

19 de Março

Em 1654, chegou a Lisboa a caravella em que ia o mestre de campo André Vidal de Negreiros dar a D. João IV a noticia da restauração das capitánias, que os hollandezes tinham conquistado no Brazil.

André Vidal de Negreiros sahira de Pernambuco a 2 de Fevereiro: nenhum portador mais digno de levar a nova faustosa!

D. João IV exultou e Lisboa inteira applaudio enthusiasmada a victoria dos heróes da grande colonia portugueza da America.

Na manhã de 20 de Março, o dia seguinte, o rei fez celebrar na Capella Real solemne *Te-Deum* em acção de graças, concorrendo ao acto todos os ministros e grandes da côrte.

Em todas as igrejas de Lisboa foi repetida a mesma solemnidade religiosa.

A 21 de Março, D. João IV ainda rendeu publicas graças a Deus por tão grande beneficio, indo com a sua côrte á Sé, e ahi assistindo á apparatusa procissão.

Vidal de Negreiros era objecto de curiosidade, de admiração e de manifestações de alto apreço: referiam-se e applaudiam-se os feitos gloriosos desse brazileiro que, em bravura e heroicidade

igualava os *varões assignalados*, que Luiz de Camões cantara nos Luziadas.

El-Rei D. João IV, tendo cumprido o seu dever para com Deus, tratou de satisfazer a dívida, de que eram credores os benemeritos *independentes* de Pernambuco, que tinham *desobedecido ao rei para servir melhor ao proprio rei*.

Era a dívida das recompensas, e André Vidal de Negreiros, ouvido e interrogado, como a mais legitima e esclarecida autoridade, fez avultar o merecimento e os serviços de todos os seus companheiros de pelejas e de victorias; mas de si nada disse, nem para si pedio cousa alguma.

Mas D. João IV, que estava bem informado do que fizera Vidal de Negreiros, deu-lhe o fôro grande, as commendas de S. Pedro do Sul, e as alcaidarias-móres de Marialva e Moreira.

Entre os heróes e benemeritos recompensados foi esquecido um só—Henrique Dias—o bravo homem *preto*, que entre os heróes e os benemeritos podia achar um ou outro, dous ou tres capazes de rivalisar com elle; nenhum, porém, que o excedesse em denodo, em dedicação, em honestidade, em constancia e em virtudes.

Foi esse o esquecido por D. João IV ! . . .

Quem o esqueceu ? . . . Vidal de Negreiros ou o

rei?... Vidal de Negreiros não podia esquecel-o, porque lhe devia boa parte de suas victorias.

O rei foi ingrato para com aquelle homem de côr preta, de bravura inexcedivel, de probidade sem macula e de character magnifico.

20 de Março

Em 1831 o imperador D. Pedro I muda quasi todo o ministerio e nomeia ministros liberaes.

A situação politica, depois das noites de 12, 13 e 14 de Março, cada dia se tornava mais perigosa. A conspiração revolucionaria penetrara nos corpos militares. Muitos officiaes brazileiros se declaravam promptos a auxiliar qualquer pronunciamiento contra o governo.

O imperador comprehendeu, sem duvida, toda a gravidade das circumstancias, e querendo, emfim, satisfazer aos brazileiros para desarmar a emmente revolução, infelizmente fez lhes apenas incompletas e insufficientes concessões.

Em situação tão melindrosa e critica D. Pedro I não tinha recurso no meio termo, o caso era dos extremos, ou repressão energica, activa e imponente, acceitando todas as consequencias, ou o governo constitucional entregue com ampla e abso-

luta confiança a ministerio composto dos chefes liberaes mais prestigiosos e influentes na Camara dos Deputados.

O imperador não fez uma nem outra cousa: conservou no gabinete ministerial Hollanda Cavalcanti (depois Visconde de Albuquerque) e Carneiro de Campos, e lhes deu por collegas nas diversas pastas os generaes José Manoel de Almeida e José Manoel de Moraes, o Visconde de Goyana e Manoel José de Souza França, liberaes sem assento no parlamento, e sem influencia nem prestigio no seu partido.

Manifesta-se em tudo isso a ignorancia, porque não podia ser desprezo, dos preceitos do systema representativo.

O imperador quer um ministerio liberal, e o organisa sem chamar para elle membros da camara electiva.

Hollanda Cavalcanti e Carneiro de Campos achavam-se até 20 de Março no ministerio em opposição á politica dos seus collegas Marquez de Paranaguá, Visconde de Alcantara e Visconde do Rio Pardo, e não se demittiam nem tinham provocado crise ministerial.

Homens sem influencia no partido liberal a que pertenciam, accetavam o poder sem accordo e in-

telligencia com os chefes do mesmo partido, nas mais perigosas circumstancias.

Ministerio liberal a 20 de Março só devia ter sahido dos signatarios da representação de 17 do mesmo mez.

Todavia o ministerio de 20 de Março obteve o apoio dos liberaes monarchistas. Evaristo o animou na *Aurora*, e louvou as providencias com que elle iniciára o seu governo, demittindo os commandantes das armas e da policia, nomeando para esses lugares brazileiros de confiança e de merecimento, mandando soltar os officiaes presos na noite de 14 de Março e abrir devassa sobre os motins de 13 e 14 desse mez.

Mas esse ministerio, liberal embora, não contava ministros cujos nomes obrigassem a confiança e o enthusiasmo do povo irritado e de ouvidos abertos aos revolucionarios. Vergueiro, Evaristo, Odorico, Honorio Hermeto, Limpo de Abreu, Alencar, Muniz Barreto, e ainda outros dos signatarios da representação de 17 de Março, teriam com o prestigio que sobre o povo exerciam, annullado Borges da Fonseca, redactor do *Republico*, e outros tribunos populares exaltados e federalistas que a todo transe aticavam a revolução.

Evaristo era sobre todos o homem da situação

pelo *bom-senso*, e Vergueiro era como o idolo da confiança do povo.

Com esses dous estadistas e chefes liberaes ou tudo seria ainda possivel para o throno constitucional de D. Pedro I, ou não haveria poder humano que impedisse a revolução.

D. Pedro I, ou por desconfiar da lealdade desses dous chefes liberaes, aliás homens de honestissimo character, ou por vaidade, que lhe afigurou fraqueza recurso politico á tão pronunciados opposicionistas do seu poder pessoal, preferiu um ministerio de liberaes sem força influente, ao que poderia organizar forte pela popularidade, e dominante pela sabedoria auxiliada pela confiança dos brazileiros.

O resultado foi a sequencia da conspiração dos revolucionarios, e a acção quasi impotente do ministerio de 20 de Março, que foi sómente nocivo á causa do primeiro imperador do Brazil.

21 de Março

Em 1823 chega ao Rio de Janeiro lord Cochrane, trazendo consigo alguns officiaes de marinha.

O governo imperial do Brazil prudentemente resolveu preparar-se para a guerra, no caso de querer Portugal oppôr-se á independencia.

Na Bahia, no Maranhão, no Pará, em Montevideo as guarnições portuguezas mantinham-se ainda fieis ao governo de Lisboa: na Bahia a guerra estava travada entre as tropas lusitanas, commandadas pelo general Madeira e as brazileiras sob o commando do general Labatut.

Em taes circumstancias o governo brazileiro, entre outras providencias, mandou sob condições vantajosas, convidar para tomar o commando, da esquadra imperial a lord Cochrane, que então estava no Chile, e que alli muito se distinguira, servindo na guerra da independencia como habil e bravo almirante.

Lord Cochrane accitou o convite, e ajustadas as condições, embarcou para o Brazil, trazendo ainda como auxiliares alguns officiaes de marinha de sua confiança.

A 21 de Março de 1823 chegou elle ao Rio de Janeiro, e tendo logo depois arvorado o seu pavilhão de almirante na náó *Pedro I*, deu á vela com direcção á Bahia a 3 de Abril, e a 4 de Maio achou-se com oito vasos de guerra sob seu commando diante da esquadra portugueza muito mais numerosa.

As duas esquadras não se bateram: a portugueza, constante de treze navios de guerra e seguida de mais de setenta barcos mercantes, reti-

rou-se a 2 de Julho para Portugal, conduzindo o general Madeira e seus soldados e grande numero de negociantes portuguezes que deixaram a Bahia.

No Maranhão e no Pará, a esquadra commandada por lord Cochrane prestou ainda grandes serviços á causa da independencia do Brazil.

Opportunamente se dirá quando e como abusiva e desabridamente sahio do Brazil para a Inglaterra o almirante lord Cochrane.

22 de Março

E' deste dia e do anno de 1766 a carta régia, em cumprimento da qual o Conde da Cunha, 1º vice-rei e capitão-general de mar e terra, deu principio ao alistamento dos habitantes da capitania do Rio de Janeiro, para formar quatro terços novos de infantaria auxiliar.

A mudança da capital do Brazil-colonia para a cidade do Rio de Janeiro em 1763, tinha sido determinada principalmente pela necessidade de achar-se o governo geral muito mais próximo do Rio da Prata, onde, desde o fim do seculo XVII, estavam Portugal e a Hespanha em antagonismo e por vezes em conflicto.

Por isso mesmo o governo do Rio de Janeiro ou

dos vice-reis teve de occupar-se muito da organização militar, de fortificações e de recursos bellicos.

Mas a carta régia de 22 de Março de 1776 não teve real ou verdadeira execução: o alistamento dos habitantes da capitania foi-se effectuando, como era possível, mais ou menos contrariado pela desconfiança e pelo receio do povo; dos quatro terços de infantaria, porém, apenas realizou-se a nomeação de mestres de campo, sargentos môres e ajudantes, ficando sem organização os corpos, como posteriormente o informou o 3.^o vice-rei Marquez do Lavradio.

E' certo que o Conde da Cunha certificou ao governo da metropole que os quatro terços de infantaria auxiliar estavam organizados e recebendo disciplina; mas foi depois demonstrado o contrario, e a unica desculpa que pôde aproveitar ao Conde da Cunha é (conforme diz Pizarro) que por velhice e molestias que o acabrunhavam, este vice-rei acabára por deixar a administração aos cuidados do seu official da sala, Alexandre Cardoso de Menezes, o qual se celebrou por falsidades, abusos e escandalos, chegando a vender em seu proveito particular aquelles postos de mestres de campo, sargentos-môres e ajudantes dos terços, que ficaram sendo cabeças sem corpos.

23 de Março

Em 1789 o Visconde de Barbacena, governador da capitania de Minas Geraes, manda suspender o lançamento da derrama.

A cobrança do imposto do ouro estava atrasada, em Minas Geraes, e o lançamento da derrama, tendo de ser muito oneroso, já excitava desgostos e murmurações e em sua execução havia de produzir grande abalo e encontrar viva opposição.

Calculavam com isso Freire de Andrade, Alvarenga, Claudio Manoel da Costa e os outros conspiradores mineiros para o rompimento da sua revolução republicana e da independencia.

O Visconde de Barbacena procedeu habilmente, suspendendo o lançamento da derrama a 23 de Março. A causa principal e effectiva do desgosto e das apprehensões da população mineira arrefeceu, e fallhou a oportunidade á erupção revolucionaria.

Os conspiradores começaram a esmorecer, bem que Alvarenga insistisse pela necessidade do rompimento immediato da conjuração.

Mas o Visconde de Barbacena, aproveitando activo, o effeito da suspensão da derrama, embora temeroso e cercando sua pessoa de quantos cuida-

dos e prevenções póde inspirar o medo, mandou prender os chefes conspiradores.

Foram com effeito presos em Minas Geraes, Gonzaga, Alvarenga, Claudio Manoel da Costa, Freire de Andrade, o vigario da villa de S. José, Carlos Corrêa de Toledo, o padre Manoel Rodrigues da Costa, José de Rezende Costa e seu filho, joven do mesmo nome, e no Rio de Janeiro o Dr. José Alves Maciel e o alferes Xavier o *Tiradentes*.

A prisão destes conjurados ou suspeitos de conjuração desanimou a todos quantos estavam dispostos ao pronunciamento revolucionario.

Derramou-se o terror.

A conspiração mineira, que mais tarde se chamou do *Tiradentes*, foi assim baldada; suas consequencias, porém, como opportunamente se dirá, chegaram a ser horriveis pela cruel exaggeração do castigo dos chefes conspiradores.

24 de Março

Em 1633 os hollandezes, commandados pelo coronel Lourenço von Rembach, atacam o Campo Real do Bom Jesus (em Pernambuco) e são rechaçados com grandes perdas.

Em 1633 a Quinta-Feira Santa era a 24 de Março.

Calabar, contando que no Campo Real do Bom Jesus portuguezes e pernambucanos, todos profundamente catholicos, estariam na Quinta-Feira Santa occupados com o fervor do costume nesse dia em exercicios religiosos, demonstrou aos holandezes a oportunidade de um ataque vigoroso.

Calabar tinha sido até então feliz em todos os seus conselhos que eram condões de victoria.

Ao romper do dia Rembach sahio á frente de mil e duzentos homens da fortaleza *Principe Guilherme*, cuja construcção adiantava nos *Afogados*, e avançando pela Varzea, atravessou o Capiberibe, no lugar que se chamava Passo de Ambrosio Machado, e ahi deixou Calabar para, em caso de necessidade, proteger a retirada.

Provavelmente Calabar, acompanhando a Rembach, teria ainda a tempo reconhecido que o seu plano estava baldado; porque os holandezes, antes de chegar ao Campo Real do Bom Jesus, começaram a receber vivo fogo.

Com effeito, Mathias de Albuquerque, avisado do movimento do inimigo, tomára todas as disposições para o combate.

Rembach apenas avistou a fortaleza, esperando surprender o pequeno exercito pernambucano, fez

avançar para ella os seus soldados, como a querer tomal-a de inopinado assalto; mas terrível fogo de metralha varre as fileiras hollandezas, o major Von Padburch cahe morto e Rembach é mortalmente ferido.

Os hollandezes combatem ainda, mas já em desordem e divididos; e raros escapariam, se Mathias de Albuquerque tivesse sahido da fortaleza a perseguil-os, como Duarte de Albuquerque propunha e elle ia fazer, quando a isso se oppoz o general Bagnuolo, apprehensivo de emboscadas do inimigo, e de maiores forças á espera de apanhal-os fóra das trincheiras.

Só por isso pôde a peleja prolongar-se até ás cinco horas da tarde, tendo começado ás onze da manhã.

Os hollandezes retiraram-se, completamente batidos, deixando quinze prisioneiros, e subindo a quatro centos os seus mortos e feridos. Os pernambucanos tiveram vinte e cinco mortos e quarenta feridos; mas sua victoria muito maior tivera sido se a apregoada experiencia de Bagnuolo não houvesse influido tanto no espirito de Mathias de Albuquerque.

25 de Março

Em 1824 foi solememente jurada a Constituição do Imperio outorgada pelo Imperador D. Pedro I.

Dissolvida a Constituinte a 12 de Novembro de 1823, o Imperador aconselhado a não convocar outra, como tinha declarado ir fazer, nomeou um conselho de estado de dez membros para organizar a Constituição do Imperio.

Sob a presidencia do Imperador encetou o conselho de estado esse importante trabalho, que foi concluido com apressado empenho.

Em principios de Janeiro de 1824 publicou-se o projecto da Constituição que foi remettido a todas as camaras municipaes do Imperio para serem ouvidas, como em consulta do voto e da opinião nacional. Diversas camaras responderam, pedindo que a Constituição fosse promptamente adoptada.

Era realmente o que mais convinha, e o que aconselhava a mais sabia politica, desde que fôra dissolvida a Constituinte, e que outra não se convocára.

O Imperador satisfez o pedido daquellas camaras e ao seu maior interesse politico. A Constituição foi com brilhante apparatus e solemnidade jurada no dia 25 de Março de 1824.

Não faltaram festejos publicos a tão grande acontecimento.

A' noite o Imperador, a Familia Imperial, sua côrte, e numeroso concurso de cidadãos foram ao theatro já então chamado de S. Pedro.

O Imperador exultou, sendo recebido com acclamações e vivas espontaneos do povo, que desde 12 de Novembro perdera o enthusiasmo com que o saudava em todas as opportunidades; mas ao terminar o spectaculo, que fôra o de um drama sacro, pronunciou-se o incendio do theatro, sahindo as familias e o povo com precipitação e susto.

D. Pedro I e sua augusta familia retiraram-se sem o mais leve incommodo do theatro que em pouco tempo ficou reduzido ás suas grossas paredes de pedras.

A calumnia espalhou então que o incendio fôra obra dos liberaes exaltados, que tinham planejado assassinar o Imperador, aproveitando para isso a desordem e commoção geral.

Reconheceu-se e verificou-se que o incendio fôre casual, e devido a descuido na caixa do theatro.

O 25 de Março, declarado por lei dia de grande gala do Imperio, é sem duvida um dos mais faustosos e regosijantes da nação, que tem nelle o principio de sua nobilitação constitucional.

O partido liberal resentido, desconfiado, disposto a conspirar pelo seu desencanto, e pelo golpe profundo que recebera na dissolução da Constituinte, não voltou com o seu amor e dedicação a D. Pedro I; consolou-se porém tanto que a revolução republicana de Pernambuco no mesmo anno de

1824 não achou echo fóra da orbita dessa provincia, e tel-o-hia achado em outras provincias, se não fóra o juramento da Constituição a 25 de Março.

Obra de homens essa Constituição tem defeitos; mas offerece a chave que abre portas a todas as reformas, e com todos os seus defeitos reaes e imaginaveis ella já tem salvado o Imperio do Brazil.

26 de Março

Em 1657 o mestre de campo André Vidal de Negreiros, nomeado governador e capitão-general de Pernambuco, toma posse do governo.

O heróe, que tanto figurára no ultimo periodo da guerra hollandeza, não foi feliz nem se mostrou sabio ao governo de Pernambuco.

Em nove annos de campanhas Vidal de Negreiros habituara-se talvez á obediencia passiva dos soldados que levava aos combates e ás victorias.

Nesses nove annos de guerra heroica e feliz avultou o orgulho dos pernambucanos, já em grande numero muito vaidosos de fidalguia, e exigentes de consideração e de respeito ao que entendiam de seu direito.

O resultado do character forte e do costume de ser sempre obedecido do mestre de campo Vidal de

Negreiros, e das disposições e ufancias dos pernambucanos, foi acharem-se estes muitas vezes em desintelligencia com aquelle seu governador, que, sem hesitar, impôz em todos os casos o poder de sua autoridade, fazendo sentir o peso do mando despotico militar.

Os queixosos e offendidos não se abateram: uns appellaram para o governador-geral Barreto de Menezes, e outros interpuzeram recurso dos actos arbitrarios para a Relação da Bahia; mas Vidal de Negreiros desobedeceu aos provimentos desta e ás ordens do governador-geral, que o mandára reparar diversas injustiças.

Barreto de Menezes tomou então providencias energicas: suspendeu por um alvará a Vidal de Negreiros do governo de Pernambuco, para o qual nomeou membros provisorios, e fez marchar um regimento de infantaria para obrigar a execução destas medidas.

Vidal de Negreiros, em face da attitude tomada pelo governador-geral, cumprio logo as ordens que deste recebera, e obedeceu aos provimentos da Relação, merecendo ainda, pela gloria dos seus feitos passados á revogação do alvará que o suspendera do governo, no qual continuou até 26 de Janeiro de 1661.

27 de Março

Em 1831 reúne-se á noute numerozo concurso de liberaes exaltados e federalistas no largo de Moura, em frente ao quartel onde estava a artilharia de posição, communicando-se elles com muitos officiaes e soldados.

O que se passou nesta noute, reproduzio-se nas seguintes.

Desde 20 de Março o pronunciamento ostentoso dos portuguezes tinha-se refreado consideravelmente; mas a audacia dos brazileiros exaltados ia em progressivo desenvolvimento.

Desde os dias 13 e 14 de Março todos os brazileiros puzeram nos seus chapéos o *tope nacional* por distincção de patriotismo: os exaltados e federalistas adoptaram por signal caracteristico a flôr vulgarmente denominada *sempre-viva*: os estrangeiros usaram quasi todos dos topes indicadores de suas nacionalidades.

Estas divisas tinham occasionado desordens e insultos.

Um ou dous dias antes de 17 de Março o deputado Baptista Caetano de Almeida fôra injuriado e ferido no acto revoltante de lhe arrancarem violentamente o *tope* brazileiro que trazia no chapéo.

Os portuguezes sérios, honestos e laboriosos

viam-se compromettidos pelos caixeiros e por novos, rudes e desordenados immigrants, que loucamente se prestavam a insultar os brios nacionaes brasileiros.

Os federalistas e exaltados reagiam, explorando o resentimento nacional.

A 25 de Março os liberaes festejaram o anniversario do juramento da Constituição com esplendissimo *Te-Deum* na igreja de S. Francisco de Paula.

A praça de S. Francisco de Paula estava cheia de povo que não coubera na Igreja.

Sem ter sido convidado o Imperador D. Pedro I, corajoso, e dessa vez habil politico apresentou-se sem guardas, e quasi só a tomar parte na solemnidade religiosa e de manifestação patriotica.

Acabado o *Te-Deum*, o Imperador magnificamente sereno, retirava-se apertado pela multidão de povo.

Gritaram-lhe : « Viva D. Pedro II ! . . . »

Era insolita ameaça ; elle respondeu, sorrindo : « ainda é muito menino. »

Ao montar a cavallo, bradaram-lhe : « Viva D. Pedro I emquanto constitucional ! »

Elle respondeu em voz alta e firme : « Fui, sou, e serei sempre constitucional. »

O povo rompeu em vivas ruidosos.

Ainda era possível conquistar os animos desse povo.

Evaristo, na sua *Aurora*, prégava, proclamava, aconselhava energicamente ao ministerio que se abraçasse confiadamente, que fizesse causa commum, e sem reservas com o partido liberal moderado, que se entregasse absolutamente a elle para contraminar e annullar os planos dos federalistas revolucionarios ; mas não foi attendido.

A força, a influencia predominante do partido liberal moderado ficaram provadas em sua supremacia politica desde o dia 7 de Abril.

D. Pedro I desconfiava ou não quiz ceder : a prevenção ou o capricho veio a custar-lhe o throno.

Os exaltados e federalistas ganharam pois todas as vantagens.

Lugar e prazo certo á noite no largo de Moura reuniam-se os revolucionarios. Ahi conquistavam a artilharia de posição, e dahi partiam emissarios e grupos a estabelecer intelligencias com outros quartéis e corpos militares.

E, inacreditavel tolerancia, e inverosimil mas verdadeira cegueira do governo naquelle tempo, os brazileiros exaltados e revolucionarios reuniam-se ás centenas, em multidão não em uma, mas em noites successivas em frente do quartel de Moura, mandavam conjurados a outros quartéis,

communicavam-se, entendiam-se com officiaes e soldados, preparavam a revolução, e o governo e a policia não se oppunham a essas reuniões suspeitas, nem ao evidente contagio revolucionario que o partido exaltado levava ao seio do elemento militar.

O governo não tinha acção, nem permittia que tivesse acção o partido liberal moderado, cuja influencia e poder eram ainda predominantes pelo prestigio dos deputados liberaes.

Evaristo pregou no deserto.

D. Pedro I perdeu-se por não querer ouvir-o.

Quem sabe?... talvez então já fosse tarde; se porém fosse tarde, D. Pedro I teria de cahir com a parte mais sã, mais sensata e mais patriota da sociedade brazileira.

28 de Março

Em 1825 chegam á noite e fundeam proximas á barra da Bahia, as esquadras hespanhola e portugueza, sob o commando em chefe de D. Fradique de Toledo Ozorio, Marquez de Valladolid, mandado para restaurar aquella cidade.

Em Maio de 1624, como se hade referir, numerosa expedição hollandeza tinha atacado e tomado a cidade de S. Salvador, capital do Brazil-colonia ;

ficára, porém, limitado a occupação della, e a esperar auxilios por mar, vindos da Hollanda ; pois que as forças que de subito se organizaram na capitania, e um contingente mandado de Pernambuco, puzeram o inimigo invasor em cerco cerrado pelo lado de terra.

A noticia da perda da rica cidade-capital despertá a o governo da metropole, donde vieram logo D. Francisco Rolim de Moura, natural do Brazil, com o titulo de *capitão-mór do reconcavo*, para tomar o commando das forças de terra, e alguns officiaes de merecimento.

Esta providencia fôra primeiro recurso de momento : uma esquadra portugueza composta de quatorze grandes navios e oito pequenos com quatro mil homens entre marinheiros e soldados, tendo por almirante D. Francisco de Almeida, por commandante das tropas o mestre de campo Antonio Muniz Barreto, e por general em chefe D. Manoel de Menezes, largou do Tejo a 22 de Novembro de 1624 e fundeu em Cabo Verde á espera da esquadra hespanhola, que só em Fevereiro chegou a reunir-se a ella, trazendo trinta e nove navios entre grandes e pequenos, sete mil e quinhentos homens entre marinheiros e soldados, por almirante D. João Fajardo de Querava e por commandante em chefe de ambas as esquadras D. Fradi-

que de Toledo com cinco substitutos ou successores designados em ordem precisa.

As esquadras reunidas navegam para a Bahia, e a 29 de Março lançam ancoras a seis milhas da entrada da barra.

A 29 entram galhardas no porto.

A 31 desembarcam quatro mil homens junto do forte de Santo Antonio, os quaes tomam logo dois baluartes e nelles se fortificam, rechaçando os holandezes que correram a disputal-os.

Desse dia até os tres ultimos do mez de Abril é quasi continua a serie de encontros e de combates entre os holandezes, apertados pelas esquadras que dominavam o porto e os tinham em bloqueio, e as tropas desembarcadas e as forças sitiadoras que cada dia os apertavam mais por terra.

Preciso, e justo é dizêl-o, em tão grande e desesperada angustia os holandezes, contando sem duvida com a chegada de imponente soccorro, foram na energia da resistencia, na habilidade da defeza, e em bravura nos combates soldados iguaes aos melhores do mundo.

Durante um mez inteiro esses valentes e como que indomaveis senhores de uma cidade bloqueada, cercada, suffocada por todos os lados, e apezar de muito inferiores em numero, souberam assoberbar o grande poder das armas mandadas de Portugal

e da Hespanha, e organizadas desde 1824 na capitania.

Por ultimo veio a indisciplina excitada por commando, que se tornára indigno, enfraquecer a virtude marcial da phalange hollandeza.

Será em dia competente materia de outro artigo o resultado de tão rigidos e sanguinolentos esforços, e combates, que foi a gloriosa restauração da cidade capital do Brazil.

29 de Março

Em 1549 chegou á Bahia de Todos os Santos, Thomé de Souza, primeiro governador geral do Brazil.

Como ficou dito no artigo de 2 de Fevereiro, D. João III reformára profundamente o systema das capitancias independentes e sem laço algum de união entre ellas, creando o governo geral do Brazil.

Thomé de Souza vinha inaugurar esse governo e fundar a cidade capital da colonia portugueza da America, e para isso trazia em sua expedição, ouvidor geral, mordomo-mór, e capitão-mór da costa já nomeados, engenheiros, officiaes de artilharia, e mil pessoas entre soldados, colonos e degradados, vindo tambem com elles seis jesuitas,

tendo por chefe o padre Manoel da Nobrega, incumbidos principalmente da catechese do gentio.

O governador, chegando a 29 de Março, foi recebido por Diogo Alvares, o Caramurú, pelos outros portuguezes já alli estabelecidos e pelos tupinambás, todos os quaes lhe prestaram obediencia.

Os fundamentos da nova cidade foram lançados distante cerca de meia legua da povoação que já havia, e assentou-se em uma altura escarpada proxima da praia.

A cathedral, a alfandega, a casa do governador começaram logo á construir-se: os jesuitas deram ao mesmo tempo principio a uma igreja e ao seu collegio. No fim de quatro mezes estavam edificadas cem casas com cercados e plantações feitas.

Os tupinambás sob a influencia de Caramurú prestaram-se a todos os trabalhos e foram de grande auxilio.

Thomé de Souza deu á cidade o nome de *S. Salvador*, segundo querem muitos, ou do *Salvador*, conforme sustenta o Sr. Visconde de Porto-Seguro.

O governo de Thomé de Souza, que se estendeu até 1553, foi sabio, zeloso, e feliz.

Os jesuitas celebrisaram-se logo pelos seus grandes serviços na catechese, custando-lhes ainda mais o muito que fizeram quasi desde logo no

empenho da regeneração dos padres que havia nas capitánias, e que desregrados viviam.

30 de Março

Em 1595 James Lancaster, munido de carta de corso, ataca e toma a nascente povoação do Recife, em Pernambuco.

Agente de uma companhia de Londres, audaz homem do mar, James Lancaster sahio de Inglaterra com direcção ao Brazil, em Novembro de 1594, trazendo tres navios bem armados, aos quaes ajuntou quatro barcos de João Venner, corsario como elle, a quem encontrou na ilha de Maio.

O vice-almirante Barker, que se demorára na viagem obrigado a reparar avarias do seu navio reunio-se a Lancaster na altura do Cabo Branco, apresentando-lhe alguns outros barcos portuguezes e hespanhóes aprezados, e dando-lhe a noticia do naufragio de um galeão com carregamento da India na costa de Pernambuco, tendo sido todas as mercadorias recolhidas a armazens do Recife.

Recebido pouco depois o concurso de Venner, foram os corsarios surgir em frente de Olinda ao anoitecer de 29 de Março.

No dia seguinte, Lancaster, levando boa parte

da sua gente em lanchas e escaleres, vai, a despeito da artilharia do forte do Bom Jesus que defendia o porto, desembarcar a pouca distancia das baterias, e immediatamente ordena o assalto do forte, avançando á frente dos seus fibusteiros.

Cerca de seiscentos homens, cuja resistencia poderia ter sido efficaz, fogem a medo de tão audazes inimigos, e atravessam o Beberibe, retirando-se em desordem.

Lancaster ficou senhor do porto, e dos armazens, deixando sufficiente guarnição no porto, cuja artilharia foi assestada contra Olinda para o caso de ataque provavel que lhe viesse desse lado.

No Recife encontraram-se os armazens cheios de generos do paiz e do galeão naufragado.

A' vista de tantos despojos que tinha de recolher, Lancaster mandou fortificar o isthmo que prestava communicação com Olinda, e demorou-se no Recife até 5 de Maio, como se dirá.

O Brazil começava a pagar bem caro o dominio hespanhol.

31 de Março

Em 1560 Mem de Sá, depois de ter batido os francezes no Rio de Janeiro, chega a S. Vicente e ali desembarca.

O terceiro governador geral do Brazil, tendo demolido o forte Coligny, deixou a bahia do Rio de Janeiro; antes, porém, de recolher-se á cidade de S. Salvador, quiz visitar a capitania de S. Vicente, que prosperamente se desenvolvia.

Cinco annos antes tinha-se inaugurado na planicie de Piratininga um collegio de jesuitas, que se denominou de *S. Paulo*, e no qual se celebrára a primeira missa a 25 de Janeiro, dia da conversão daquelle santo.

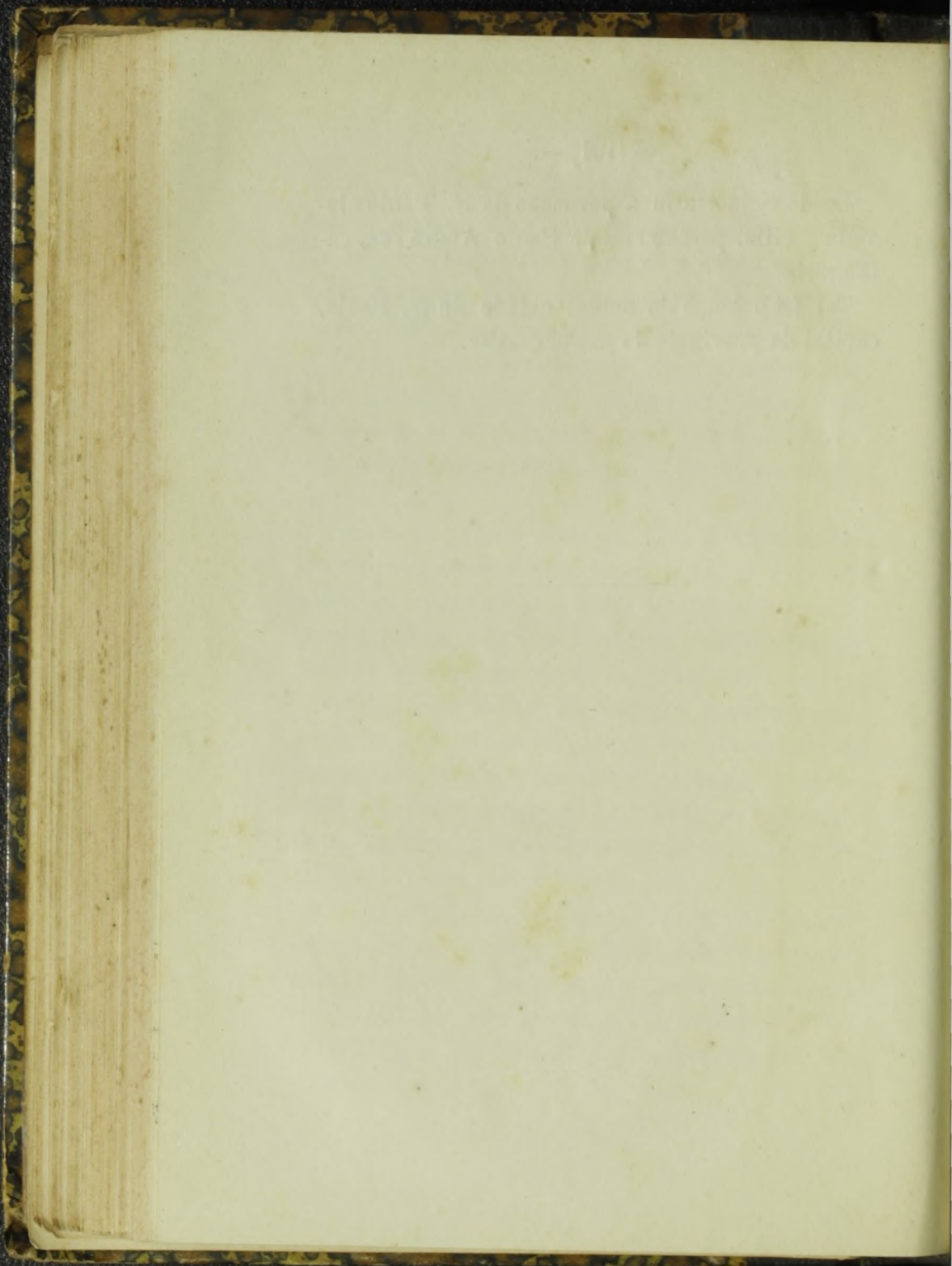
Contra os padres desse collegio se tinham declarado os colonos e mamelucos que chegaram a ir atacal-os, mas depois o antagonismo serenou um pouco, e logo começou a crescer um povoado á sombra do estabelecimento dos jesuistas.

O provincial Manoel da Nobrega, a quem se devia a fundação do collegio de S. Paulo e que muito merecidamente era venerado por Mem de Sá, aproveitou a visita do governador geral á capitania de S. Vicente e propoz-lhe a transferencia da villa de Santo André para S. Paulo.

O padre Nobrega era incapaz de conselho egoista ou vingativo, e firmou esse que offerencia em razões tão claras e justas que o governador geral Mem de Sá ordenou que se mudasse para defronte do collegio o pelourinho que estava erguido na villa de Santo André.

Desde então ficou a povoação de S. Paulo elevada a villa, perdendo a de Santo André essa categoria.

Tal foi o berço da actual cidade de S. Paulo, capital da provincia do mesmo nome.



ABRIL

1 de Abril

E' deste dia e do anno de 1536, a carta de doação da capitania dos Ilhéos a Jorge de Figueiredo Corrêa.

A capitania hereditaria de Jorge de Figueiredo constou de cincoenta leguas sobre o litoral, tendo por limite ao sul a extrema septentrional da capitania de Porto Seguro, e ao norte a barra da Baía de Todos os Santos.

Sendo escrivão da fazenda em Lisboa, Jorge de Figueiredo não pôde vir fundar a sua capitania; mandou porém como seu tenente a um castelhano de nome Francisco Romero, que sahiu de Portugal com bom numero de colonos, e chegando ao porto do Brazil, á que se destinava, assentou a colonia

no-morro de S. Paulo na ilha de Tinharé; mas pouco depois mudou-a para o porto á que chamou dos *Ilhéos*, nome que tambem tomou a capitania.

Romero mostrou-se valente e habil, batendo por vezes os *aymores* que lhe disputavam o territorio; escarmentados, porém, estes, por successivas derrotas, recolheram-se ás florestas.

Nem que o tivessem feito calculadamente!

Livres dos *aymorés* os colonos que eram portuguezes não se puderam haver com Romero que era hespanhol, e que segundo elles, mal os governava; revoltaram-se, prenderam o tenente do donatario e o mandaram para Lisboa.

Jorge de Figueiredo irritou-se com o proceder dos colonos, e impoz-lhes de novo Francisco Romeiro, reintegrando-o na direcção da colonia.

A consequencia foi o rompimento de desavenças, e a fraqueza proveniente da desunião e dos odios.

Os *aymorés* voltaram a atacar a colonia, e em parte a destruíram, quando já prosperavam alguns estabelecimentos agricolas em sólo tão fertil, e que tantas vantagens estava dando ao cultivo da cana do assucar, do qual se esperava a fabricaçãõ.

A capitania dos Ilhéos pôde comtudo manter-se; mas repetidamente acossada pelos implacaveis

aymorés nunca tornou a florescer com a animação dos seus primeiros annos.

Revertida á corôa, e não tendo nem população, nem recursos effectivos, e condições especiaes que lhe fizessem dar o grão de capitania administrativa nem mesmo subordinada, a capitania dos Ilhéos que pela uberdade de seu territorio, e consideraveis riquezas naturaes pudera ser pequena, mas interessante provincia do Imperio, foi enfim incorporada á da Bahia que tambem absorveu a de Porto Seguro.

2 de Abrii

E' deste dia, e do anno de 1648, a proclamação do supremo conselho hollandez no Recife aos insurgentes de Pernambuco e das outras capitancias de sua conquista, offerecendo-lhes perdão, uma vez que, no prazo de dez dias, depuzessem as armas, e prestassem juramento de fidelidade ao governo hollandez.

A insurreição pernambucana que rompêra a 13 de Janeiro de 1645, tinha de victoria em victoria, chegado a pôr o Recife em cerco, cada dia mais ameaçador.

Mas a 18 de Março de 1648 chegára aos hollandezes o poderoso soccorro de nove grandes navios

de guerra, quatro hiates e vinte e oito transportes carregados de viveres. Esta esquadra, sob o commando do almirante With Coornelisoen de With, trazia tambem seis mil soldados para o Recife.

Animado por tão grande reforço o supremo conselho hollandez dirigio a proclamação de 2 de Abril de 1648, na qual offerecia perdão aos insurgentes, e não poupava ameaças aos que ousassem Proseguir na insurreição.

A 7 de Abril João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, Camarão e Henrique Dias responderam ao supremo conselho hollandez, rejeitando o perdão offerecido, desprezando as ameaças e accetando todas as consequencias da guerra.

Cada qual desses illustres chefes soube escrever em resposta carta energica e digna, sem injurias mal cabidas, resplendente, porém, de hombridade e de patriotismo; mas a carta de Henrique Dias como que a todas sobresahe, pela simplicidade grandiosa, e por certa originalidade, que o chefe dos pretos pôde mostrar.

Já a 5 de Setembro de 1648 o supremo conselho do Recife tinha offerecido ampla amnistia aos insurgentes, que a regeitaram, provocando os hollandezes a combate.

3 de Abril

Em 1832 o partido liberal exaltado rompe na cidade do Rio de Janeiro em revolta, facilmente vencida.

Os vencedores de 7 de Abril de 1831, no fim de dous mezes, acharam-se desunidos e em opposição, formando dous partidos: o *moderado*, que assumira o poder e era dirigido pela grande maioria dos deputados, e o *exaltado*, á que se ligaram alguns destes, e quasi todos os federalistas e os liberaes mais ardentes.

Em Julho de 1831 (como se verá) a tropa indisciplinada, e *impellida ou não* por alguns tribunos exaltados, ameaçou de modo horrivel a cidade do Rio de Janeiro, que foi salva pela energia do padre Feijó, então ministro da justiça.

Dissolveram-se alguns corpos, e outros foram mandados para as provincias. Creou-se a guarda nacional e organizou-se o corpo de officiaes soldados.

A 7 de Outubro o governo, empregando esse corpo e aquella guarda civica, suffocou a revolta do corpo de artilharia de marinha na ilha das cobras.

Estes factos deram consideravel força moral

á regencia, e por isso mesmo incitaram ainda mais a opposição.

Em fins de 1831, já se achava organizado outro e mais perigoso partido, o *restaurador*, que se chamou tambem *Caramurú*, do titulo do periodico, seu orgão da imprensa, que em breve se publicou na capital do Imperio.

O partido *exaltado* urdia nesta mesma cidade vasta conspiração, que devia derribar a regencia e substituil-a por outra, que se acclamaria.

Diversos officiaes presos nas fortalezas contavam com as guarnições : de uma dellas o *exaltado* e energico major Miguel de Frias, que tambem preso se achava, viria desembarcar na cidade e ali tomar o commando das forças revoltosas, que se presumiam irresistiveis; porque batalhões de guarda nacional (dizia-se) e multidão de paisanos entravam na conspiração.

Marcou-se para o rompimento o dia 3 de Abril; mas na vespera os chefes da revolta por uma forte e inesperada contrariedade, adiaram de subito a erupção e mandaram prevenir disso os conjurados.

A prevenção não chegou ás fortalezas e estas se pronunciaram : Miguel de Frias desembarcou na cidade com algumas dezenas de soldados e duas peças de artilharia.

Ao desembarcar deram-lhe a noticia do trans-

torno do plano.—« Agora é tarde! respondeu elle; marchou para o campo de Sant'Anna; mandem-me já um batalhão da guarda nacional ao menos. »

Marchou e chegou ao campo das 6 para ás 7 horas da manhã do dia 3 de Abril. Em sua rapida marcha reunio aos soldados uma centena de paizanos exaltados.

A's 8 horas appareceu em frente do corpo de permanentes, que acabava de ser creado (tinha a 3 de Abril cento e sessenta e tantas praças, sendo vinte de cavallaria) o valente e dedicado major Luiz Alves de Lima (actual Sr. Duque de Caxias), amigo de Miguel de Frias, mas soldado leal.

Miguel de Frias, tenaz e imprudente, mandou fazer fogo: as duas peças de artilharia estrondaram para matar sómente a um pobre homem, que da rua dos Ciganos (hoje da Constituição) curioso observava a scena.

Foi tudo.

Uma descarga de fuzilaria, seguida da carga dos vinte cavalleiros, bastou para a derrota do grupo de revoltosos.

Miguel de Frias fugio e pôde escapar, seguindo ás occultas para os Estados-Unidos.

O partido *exaltado*, cobrio-se de luto e mal disfarçou o seu vexame.

Em 1832 e ainda depois por muitos annos cor-

reram sobre o modo porque o major Frias conseguiu escapar, versões diversas e todas falsas.

O facto se passou assim :

Debandada a sua gente, o major Miguel de Frias tambem procurou fugir á todo correr do cavallo, que montava.

O então major, o Sr. Luiz Alves de Lima, lançou-se á perseguil-o ; mas em breve ameaçado de um tiro de pistola por um partidista do fugitivo, dobrou um pouco o corpo, e o seu cavallo que corria sobre o campo coberto de orvalho prancheou, e Miguel de Frias pôde distanciar-se.

O Sr. Luiz Alves de Lima, continuando logo á seguir o chefe revoltoso, e tomando pela rua do Sabão, hoje do Visconde de Itaúna, foi informado de que Miguel de Frias procurara asylo em uma casa que lhe foi apontada, e dirigindo-se á ella, e declarando o dever que tinha á cumprir, foi recebido pelo morador da casa, e começou á corrê-la : atravessando um corredor viu fechada a porta de um quarto, deu volta á chave, e entreabrindo a porta, reconheceu o major Frias, que estava em pé no fundo do quarto : então generoso e nobre fingio não ver, tornou a trancar a porta, e retirou-se.

A revolta estava vencida, e o major o Sr. Luiz Alves de Lima, livre dos olhos do publico, não he-

sitou em poupar o seu companheiro de armas, então chefe revoltoso, aos vexames da prisão, e à acção severa das leis.

Foi pois o major o Sr. Luiz Alves de Lima, actual Duque de Cavias, quem á 3 de Abril de 1832, salvou o major Miguel de Frias.

4 de Abril

Em 1756 começa a cahir sobre a cidade do Rio de Janeiro grossa e copiosa chuva, que não cessa durante tres dias, inundando as ruas e causando grandes prejuizos.

Até o principio do seculo actual a *estação das chuvas* na cidade e provincia do Rio de Janeiro pronunciava-se muito mais regularmente do que hoje, durando desde Outubro até Abril.

Eram então muito frequentes á tarde fortes trovoadas e chuvas abundantes, que de ordinario no fim de uma ou duas horas acabavam, deixando em compensação suaves e beneficos resultados de sua influencia sobre a atmospherá.

Não foi assim a 4 de Abril de 1756.

De uma para duas horas da tarde desse dia rompeu medonha tempestade com horriveis trovões e violentos furacões, e logo depois principiou a chover fortemente, e de modo que á noite mui-

tas familias abandonaram suas casas inundadas e foram procurar asylo nas igrejas.

A valla da rua que hoje se chama da *Uruguayana* era insufficientissima para o esgoto das aguas a que servia em uma parte da cidade, e todas as outras ruas desta experimentavam as consequencias da falta de systema de facil impulsão das aguas para o mar.

No dia 5 de Abril a chuva continuava com igual força; as ruas dos Ourives e do Cano (hoje *Sete de Setembro*) apresentavam o aspecto de rios impetuosos. Sahindo da Sé (que estava na igreja do Rosario) o Santissimo Sacramento, o sacerdote que o levava e os irmãos da irmandade do Santissimo foram descalços. As ruas eram vadeadas por canoas.

No dia 6 de Abril a chuva ainda não tinha cessado. Uma canôa, conduzindo sete pessoas, navegou desde o Vallongo até a igreja do Rosario.

Felizmente nesse mesmo dia 6 de Abril parou a chuva, e respiraram desassombrados os habitantes da cidade, que cheios de terror, pediam a Deus misericordia.

Foram consideraveis os prejuizos: muitas casas pequenas cahiram, e muito maior foi o numero das que sem desabar soffreram estragos.

A edificação antiga, que ostentava a fortaleza

das grossas paredes das casas que construia, impedio mais extensas ruinas causadas por esta inundação.

A cidade do Rio de Janeiro experimentou ainda outra, e de consequencias mais lamentaveis, a que se chamou *das aguas do monte*, como opportunamente se dirá.

5 de Abril

Em 1831 o imperador D. Pedro I demitte o fraco ministerio liberal, que organisára a 20 de Março, e chama ao poder outro, composto de membros completamente adversos aos liberaes.

Os novos ministros foram : os Marquezes de Paranaguá, da marinha ; de Baependy, da fazenda ; de Inhambupe, do imperio ; de Aracaty, de estrangeiros ; o Conde de Lages, da guerra, e o Visconde de Alcantara, da justiça.

Eram todos impopulares, todos suspeitos de tendencias absolutistas, alguns em verdade merecedores dessa suspeição, outros assim julgados pela sua dedicação pessoal ao imperador.

Em todo o caso era ministerio que significava reacção energica e decidida, e repulsão franca do partido liberal.

D. Pedro I tinha boas e mil razões para demittir por fraquissimo, e quasi por inepto o ministe-

rio de 20 de Março, que deixava em livre, e deve-se dizer em publico trabalho os revolucionarios, o ministerio que tolerava as reuniões numerosas e nocturnas do povo em communicação com os corpos militares e aquartelados.

Mas, demittindo esse ministerio, D. Pedro I voltava a encarar de frente a escolha inflexivel de um dos dous extremos:—ou entregar-se sem reservas e com ampla confiança aos chefes liberaes do parlamento ou appellar para a maior força de compressão.

Os chefes do partido liberal moderado, que por systema de opposição ao imperador nunca tinham aspirado o governo, diante dos perigos da revolução e a tremer á medo da anarchia e da dissolução do Imperio, pareciam dispostos á aceitar o poder, se o poder lhes fosse dado com todas as condições constitucionaes.

Evaristo Ferreira da Veiga, orgão desse partido disciplinado, numeroso e predominante fallava ou escrevia na *Aurora* tão claro nesse sentido, quanto era licito fazel-o em dias arriscadissimos, em que, sem imprudencia, não se podia sacrificar popularidade fructuosa e patriótica.

D. Pedro I preferio o recurso da politica de compressão.

Foi o seu ultimo erro no Brazil.

Si essa politica pudesse ter sido util e efficaz á sua corôa a 11, ou 14, ou a 20 de Março (e é isso mais que duvidoso), a 5 de Abril de 1831 já não lhe poderia ser senão fatal.

Era muito tarde.

Diz-se que D. Pedro ainda contava com o exercito, e que a chegada de um batalhão procedente de Santa Catharina, e desembarcado na capital a 4 de Abril determinara o verdadeiro golpe de Estado de 5 de Abril.

Era muito tarde.

Metade da tropa aquartelada no Rio de Janeiro já estava disposta e prompta a apoiar a revolução.

O ministerio de 5 de Abril foi a mais impolitica provocação.

Todos os ministros eram impopulares, suspeitos, desestimados e á frente delles apparecia Francisco Villela Barboza, Marquez de Paranaguá, poeta de notavel merecimento, intelligencia illustradissima, probidade respeitada; mas com a suspeita de adverso á independencia de sua patria, com a fama ingloria de absolutista, com a infelicidade de então e desde alguns annos ser objecto da desconfiança dos liberaes, e até do odio de parte do povo.

6 de Abril

Em 1831 povo numeroso apoiado por diversos

corpos militares pronuncia-se no Campo de Sant' Anna (Praça da Acclamação), na capital do Imperio, contra o ministerio organizado na vespera pelo imperador D. Pedro I, reclamando que elle fosse demittido e reintegrado o de 20 de Março.

A noticia da combinação ministerial e do effectivo gabinete, que o imperador formára a 5 de Abril espalhou-se e foi verificada na manhã do dia 6 com erupção de protestos sediciosos da parte dos liberaes; os chefes populares sahiram á rua, as officinas despovoaram-se de operarios, grupos, cada vez mais numerosos, dirigiam-se para o Campo de Sant'Anna, onde ás tres horas da tarde subiam a mais de dous mil paizanos desarmados os primeiros que se pronunciavam : havia entre elles accordo geral para a resistencia, e desordem ou opposição de idéas, quanto á aspirações politicas : uns fallavam em monarchia federativa ; outros em republica ; outros sómente em demissão do ministerio ; mas a reunião do povo encolerizado e ameaçador ia sempre augmentando, os discursos dos tribunos aticavam a revolução, e o ministerio *energico e potente* de 5 de Abril não dava idéa de sua existencia !

Emquanto esse ministerio impopular dormia somno inverosimil, os deputados liberaes que se achavam na capital, convidando-se uns aos outros

foram reunir-se na casa do padre José Custodio Dias, e ahí discutiram urgentemente o que lhes cumpria fazer.

Alguns, como Odorico e o mesmo padre José Custodio, pronunciaram-se pela revolução, declarando que iriam para o Campo á despeito das observações de Evaristo, que ainda acreditava possivel impedil-a á medo de subsequeute anarchia.

Vendo sahir os mais exaltados, Evaristo, Honorio Hermeto, Paim, e outros assentaram que, assim pronunciados aquelles seus collegas, o que lhes cumpria era ir tomar a direcção do movimento para dirigil-o patrioticamente e a todo transe de modo a salvar as instituições e a restabelecer a ordem.

Ao anoitecer, a influencia dos deputados chefes liberaes fazia-se já sentir no seio da multidão em pleno e livre gozo de seu pronunciamento.

O povo convocára os juizes de paz, que foram chamados a reunir-se no quartel do Campo de Sant'Anna: no entanto o general das armas, então brigadeiro, Francisco de Lima e Silva, expedio immediatamente para S. Christovão o major Miguel de Frias a participar o que estava occorrendo ao imperador, que declarou-se prompto a receber os juizes de paz em nome do povo, e man-

dou recommendar ao general das armas a disciplina das tropas (*a disciplina das tropas já dispostas para a revolução!!!*) e remetteu uma proclamação, que rapidamente escrevera, e que nenhum effeito produziu; porque, lida pelo juiz de paz de Sant'Anna ao povo, este respondeu em brado terrivel: «Abaixo o ministerio!...»

Os juizes de paz apresentaram-se ao imperador das sete para as oito horas da noite, e o fizeram sciente do que o povo pedia, isto é, demissão do ministerio de 5 de Abril, reintegração do de 20 de Março, assegurando que o mesmo povo desejava sustentar o imperador, e a Constituição politica do Imperio.

D. Pedro não quiz ceder, firmando-se na sua prerogativa constitucional da livre escolha dos ministros.

A's 10 horas da noite os mais influentes deputados apresentaram-se no Campo, e, recebida a resposta que os juizes de paz tinham trazido do imperador, puderam, todavia, conter o povo irritado, e escolheram Odorico e Vieira Souto para irem pedir ao general das armas, Francisco de Lima e Silva, que fosse pessoalmente a S. Christovão empenhar-se em obter a demissão do ministerio.

O general das armas partio immediatamente ;

mas debalde expoz todos os perigos da situação : o imperador não se prestou a demittir o ministerio.

De volta ao Campo de Sant'Anna, o general das armas já alli achou reunidos ao povo o primeiro e segundo corpos de artilharia de posição ; dahi á pouco chegou o primeiro batalhão de granadeiros, e em breve o batalhão do imperador, que estava de guarda em S. Christovão, veio tambem pronunciar-se contra o governo.

Vendo isso, o general das armas Francisco de Lima fez partir outra vez para S. Christovão o major Miguel de Frias Vasconcellos, afim de supplicar ao imperador que sem demora demittisse o ministerio de 5 de Abril ; pois que já se tornava desesperada a situação, e era urgente attender a vontade do povo, com o qual a tropa estava-se reunindo.

Miguel de Frias chegou a S. Christovão minutos depois da meia noite.

Já começava o dia 7 de Abril.

7 de Abril

Em 1831 o imperador D. Pedro I abdica a corôa em seu filho o Senhor D. Pedro II, que então contava apenas cinco annos e quatro mezes de idade.

D. Pedro I, ouvindo a exposição do estado das cousas feitas pelo major Frias, (veja-se o artigo de

6 de Abril) e reconhecendo que se enganára, contando com a tropa, hesitou, reflectio e disse depois que « nunca reintegraria o ministerio demittido. »

Informam alguns e o Sr. conselheiro Pereira da Silva assegura na sua *Narrativa Historica do Segundo Periodo do reinado de D. Pedro I*, que o imperador demorara o major Frias no paço de S. Christovão, em quanto o intendente geral da policia ia procurar o senador Vergueiro, e autorizal-o a organizar novo ministerio e apresentar-se immediatamente com elle em S. Christovão e que infelizmente aquelle senador não fôra encontrado.

Uma de duas: ou a informação não é inteiramente exacta, ou D. Pedro I já estava absolutamente determinado a abdicar e não ligava importancia ao ministerio que Vergueiro organizasse.

Confiar-se naquellas circumstancias o imperador a Vergueiro, era confiar-se a Evaristo, a Honório Hermeto, a Odorico, ao Sr. Limpo de Abreu, (actual visconde de Abaeté), aos deputados liberaes, emfim, que já estavam dirigindo predominantemente o movimento, e isso era mais digno e muito melhor, do que reintegrar o ministerio de 20 de Março.

O senador Vergueiro, objecto da mais extensa popularidade e do maior prestigio no seu partido, embora não encontrado pelo intendente da policia,

estava na cidade, e sabido de muitos liberaes em lugar proximo, e se o major Frias levasse em resposta de D. Pedro I, que este nomeara Vergueiro ministro e organizador de um ministerio, o povo teria recebido a noticia com enthusiasmo, havia de achar facilmente o senador de sua quasi idolatria naquelle tempo, e em triumpho o levaria a S. Christovão.

Não era o caso da revolução de 1848 em França. No Brazil em 1831 não haveria *c'est trop tard* que abatesse a influencia dos deputados chefes liberaes. Então havia deputados e chefes do partido liberal, á quem o povo obedecia generoso, e de quem o povo era guarda dedicadissima.

Como quer que fosse, D. Pedro I, ás 3 horas da madrugada de 7 de Abril, sem consultar a pessoa alguma, deixou a esperal o os diplomatas da França e da Inglaterra, os membros do seu fatal ministerio, o major Frias, e alguns fieis criados, e pouco depois voltando, entregou ao major Frias o acto de sua abdicação que acabava de escrever.

— Aqui tem a minha abdicação — disse elle profundamente commovido, — estimo que sejam felizes. Eu me retiro para a Europa, e deixo um paiz que muito amei, e ainda amo.

E debulhou-se em lagrimas.

Nas lagrimas desse principè, que aliás no Brazil

comprometteu seu reinado com erros gravísimos, não podia haver nem saudades da corôa, nem ainda menos fraqueza de animo: só houve commoção nobre e digna, de quem se arrancava á patria que adoptára. D. Pedro I era de character imprudente, mas generoso e expansivo; ousado, imponente, dominador; mas tambem corajoso, inaccessible ao medo, desprezador de perigos e bravo em face da morte.

O ex-imperador e sua augusta esposa, a rainha de Portugal, sua filha, o Duque e Duqueza de Loulé, e alguns criados recolheram-se ao romper da Aurora de 7 de Abril, a bordo da não ingleza *Warspite*.

O major Frias chegou ao Campo de Sant'Anna com o acto da abdicção ás quatro horas da madrugada. Nos primeiros momentos a noticia do inesperado acontecimento atordoou a todos; logo depois rompeu um grito: «Viva o Imperador D. Pedro II!» e as acclamações responderam e repercutiram até ao romper do dia.

A ordem manteve-se no seio dos elementos de apprehensivel desordem.

Facto admiravel! Não houve um só protesto, nem uma unica nota desharmonica no côro geral.

Paizanos e soldados (e quasi todos os corpos militares tinham marchado á fraternisar com o povo),

republicanos, federalistas, liberaes moderados, todos gritavam unisonos : — « Viva D. Pedro II ! »

Na manhã do mesmo dia reuniram-se no Paço do Senado cincoenta e dous senadores e deputados, e, embora sem numero para deliberar legalmente, formaram-se em assembléa; receberam do commandante das armas Francisco de Lima o acto da abdição do imperador D. Pedro I, e investindo-se de poderes extraordinarios, muito explicaveis pelo melindre e riscos da situação, elegeram uma regencia provisoria, que se compoz do Marquez de Caravellas, senador Vergueiro, e general Francisco de Lima e Silva para governar o Imperio até á proxima eleição da regencia permanente em nome do imperador menor, o Senhor D. Pedro II.

O ministerio de 20 de Março foi de novo chamado ao poder; mas a escolha dos membros da regencia provisoria bastou para indicar que o partido liberal moderado tomava a direcção do governo, e, como prova ainda mais positiva, a assembléa encarregou ao deputado Evaristo, como relator de commissão, de redigir um manifesto e proclamação ao povo.

Nesse mesmo dia 7 de Abril, junto ao Paço do Senado, e no meio de multidão que o cercava, Evaristo da Veiga pronunciou em alta voz o programma, o mote patriotico do partido que tomara

o governo : « moderação !... moderação, compatriotas !... »

O partido liberal que desde então influio no governo, e salvou as instituições e a integridade do Imperio, chamou-se logo depois *moderado*.

Evaristo foi o pai, o primeiro chefe, a alma do *partido moderado*.

8 de Abril

E' deste dia e 8 do anno de 1684 a resposta do senado da camara de Belém, no Pará, ao do Maranhão que o convidára a fazer causa commum com a revolta que na cidade de S. Luiz rebentára e completamente predominára, substituindo o governo legal pelo dos seus principaes chefes.

Foi este o primeiro e profundo golpe recebido pela revolta de Beckman.

O Maranhão contava com o Pará que sempre o acompanhára contra a preponderancia dos Jesuitas, e a sua revolta victoriosa na noite de 24 de Fevereiro, não sómente expulsára da capitania os Jesuitas, como declarára o seu fim principal, annullando o terrivel monopolio do commercio de importação e de exportação da companhia do estanco, que tambem estava exasperando a capitania do Pará.

A coadjuvação paraense falhou, porém, aos revoltosos do Maranhão.

O governador do Estado, Francisco de Sá de Menezes, estava então na cidade de Nossa Senhora de Belém, capital do Pará, e sem a menor duvida a sua influencia immediata, a imposição de sua autoridade, e mais do que isso as suas promessas e seguranças de concessões legaes ao mesmo empenho da revolta contraria á companhia do estanco, arrancaram quasi á força ao senado da Camara de Belém, no Pará, a resposta que devia realmente confundir por inesperada aos amigos e constantes alliados que se tinham pronunciado no Maranhão.

Essa resposta ou fôra redigida ou pelo menos em todos os seus conceitos inspirada pelo governador Francisco de Sá, tanto ella se firmou em principios governamentaes e de preceituosa legalidade, que o Senado da Camara de Belém estava habituado á desconhecer.

A resposta declarava a revolta de Beckman criminosa e desatinada, que não teria rompido si houvesse antes exposto suas queixas e fundamentos de publico desgosto ao governador, delegado do rei, para que elle destruísse os males provindos dos padres da companhia e do estanco: além disso censurava a offensiva esperança da cumplicidade do Pará, e concluia, aconselhando aos revoltosos

arrependimento de seu crime para chegar a merecer perdão.

E' preciso dizer que o governador Francisco de Sá, tinha-se obrigado na cidade de Nossa Senhora de Belém a obter da côrte de Lisboa a expulsão dos jesuitas, e a abolição da companhia do estanco.

A revolta de Beckman, que boas razões tinha para contar com o mais forte concurso da capitania do Pará, achou-se pois reduzida ao Maranhão.

Foi este o primeiro echo da revolta muito popular no Estado a que pertencia a capitania do Pará, aliás disposta a abraçal-a.

9 de Abril

E' deste dia e do anno de 1622 o alvará que determinou que, acabado o tempo do seu governo, o governador *dêsse residencia*.

No governo absoluto, quando não havia imprensa sujeita á censura, quanto mais livre; quando o governador, separado da metropole pelo oceano, só não era absoluto, porque era despota, a providencia do alvará de 9 de Abril de 1622 offereceu ao povo importantissimo recurso contra as injustiças de que fosse victima.

Eis aqui como se *dava residencia*.

O ouvidor mandava apregoar pelos lugares diversos da capitania, ou por aquelles que principaes

considerasse, que ia devassar do procedimento do governador, para que o pudessem demandar e delle queixar-se todos quantos se julgassem aggravados.

O processo da residencia não podia exceder á trinta dias : o prazo estava decididamente marcado : mas sómente se iniciava o processo depois que o governador, além de substituído no governo, já se tivesse retirado para a Côrte; e para não ficar sem defeza, e sem immediata responsabilidade, elle deixava procurador á represental-o e defendel o ; mas com fiança abonada para pagar as indemnisações á que fosse condemnado.

Era nas colonias o poder executivo sujeito ao poder judiciario.

Do que deram em resultado esses processos de residencia dos governadores bem pouco ou quasi nada se sabe.

A historia administrativa do Brazil colonial é abysmo sem luz em muitos dos seus pontos.

Mas o governo portuguez julgou, sem duvida, muito util essa providencia do tempo do dominio hespanhol ; pois que, pela provisão de 11 de Março de 1718, mandou applical-a a outros funcionarios de gerarchia inferior.

Sabe-se que, por exemplo, os *juizes de fóra*, acabado o seu tempo de judicatura nas villas, e

destas retirados, soffriam o seu processso de residencia.

Isto é apenas simples lembrança do passado....

Hoje o systema é outro.

O Supremo Tribunal de Justiça julga sobre todas as accusações legalmente feitas aos presidentes de provincia, e é tão efficaz em sua acção zeladora da lei e das garantias dos cidadãos, como parece terem sido no outro tempo os *processos de residencia*.

10 de Abril

E' deste dia e do anno de 1661 a carta régia, convidando e autorizando os habitantes do Brazil a plantar *gengibre*, garantindo-lhes o gozo de meios direitos.

Eis ahi uma medida do governo, que porventura fará sorrir a muitos ; mas que na verdade encerra lição util.

A carta régia de 10 de Abril de 1671 promovia com a concessão de um favor economico a plantação da *gengibre* no Brazil, para ter mais um producto agricola neste paiz uberrimo.

A *gengibre* prosperou extraordinariamente no Brazil ; mas não era producto de exportação capaz de produzir rica fonte de renda para o Estado, nem

o seu consumo no paiz offerencia vantagens que animassem extensas plantações.

O Marquez do Lavradio calculava muito melhor quando no seculo seguinte, empenhava-se em desenvolver, e encorajar as industrias do anil, da coxonilha e outras.

Mas em todo o caso a lição é util.

Um paiz que ainda não tem para o commercio de exportação industria fabril, e cuja base de riqueza é quasi exclusivamente agricola está sujeito a crises que podem ser calamitosas, si se limita a dous ou tres generos agricolas de exportação.

O Brazil é no mundo o primeiro productor de café; nelle, porém, já deu-se o caso de assoladora molestia do cafeeiro durante alguns annos, e si este facto não tivesse coincido com a guerra civil dos Estados da Confederação Norte-Americana que deu extraordinariamente ao nosso algodão preço elevadissimo, a praga do cafeeiro houvera sido muito mais nociva ao Estado.

O nosso algodão tem rival desmedidamente superior na producção dos Estados-Unidos, sem falar na de outros paizes.

Do nosso fumo póde-se dizer o mesmo : são industrias agricolas ainda apenas auxiliares.

O nosso assucar está ameaçado de concurrencia abundantissima e de superior fabricação.

E' rei, e continuará a sê-lo nos mercados europeos o nosso café; mas o cafeeiro não está livre da molestia que já soffreu ou de outras.

A canna do assucar, está sob apprehensões de abatimento desanimador, que talvez sómente se vença com energico esforço dos fazendeiros para aprimorar os productos de suas fabricas.

E na hypothese do reaparecimento da praga do cafeeiro, a calamidade seria muito grave.

Dar-se-hia o caso de exclamar: « ah! se tivéssemos a gengibre! . . . »

E a gengibre do caso seria mais de uma industria agricola de grande recurso auxiliar.

Mas quaes essas industrias agricolas?

A difficuldade da resposta está sómente na escolha de algumas entre muitas que podem todas prosperar no solo maravilhoso e de condições variadas do Brazil.

A escolha devia ser determinada por estudo solícito e profundo das necessidades do consumo estrangeiro, das proporções da concorrência de outros paizes, e do calculo das despezas e dos lucros provaveis.

E finalmente a escolha, e a animação deveriam partir do tutor sempre maldito, e sempre solicitado, que é o governo.

Mas as *exposições nacionaes* podem e devem dar muita luz esclarecedora deste assumpto.

11 de Abril

E' deste dia e do anno de 1713 o tratado de paz ou reconciliação entre a França e Portugal concluido em Utrecht.

A paz de Utrecht não sómente restituiu a paz á Europa ; mas tambem reconciliou Portugal com a França, concluindo Luiz XIV e D. João V o tratado de 11 de Abril, cuja inteira execução ficava garantida pela Inglaterra, assegurando-se clara e positivamente os limites do Brazil com a Guyana franceza.

O tratado de 23 de Agosto de 1817, entre a França e Portugal, relativo aos limites da Guyana e assignado em Pariz, firmou plena e claramente os mesmos limites marcados ou determinados pelo art. 8º do de Utrecht.

As terras chamadas do Cabo do Norte, e situadas entre o rio Amazonas e o Oyapock ou de Vicente Pinzon, foram reconhecidas do dominio de Portugal.

O art. 1º do tratado de Pariz, dizendo que o rei de Portugal se compromette a restituir ao de França a Guyana franceza (conquistada em 1809), lembra e torna a *reconhecer* o limite *reconhecido*

e declarado pelo art. 8º do de Utrecht, e acrescenta que a embocadura do rio Oyapock está situada entre o 4º e o 5º grãos de latitude septentrional, e até aos 322º grãos de longitude O. da ilha de Ferro, pela paralelo do 2º grão 24, de latitude septentrional.

O artigo 2º do mesmo tratado de Pariz, regulando a demarcação dos limites, e para o caso de desaccordo no trabalho dos commissarios, assentando que a França e Portugal procederiam amigavelmente, sob a mediação da Grã-Bretanha, na solução das duvidas ou questões, salva o limite claramente marcado com o seguinte preceito : « e sempre conforme o sentido preciso do art. 8º do tratado de Utrecht, concluido sob a garantia desta potencia (a Grã-Bretanha. »

Mas passaram-se annos sem que se demarcassem os limites, e um dia a França, abusando de sua força, desconheceu o Oyapock ou rio de Vicente Pinzon, e quiz absorver grande parte das terras chamadas do Cabo do Norte.

Os tratados de Utrecht e de Pariz foram sophismados, e, diante da evidencia do direito do Brazil, a França adia o cumprimento de seu dever de boa fé na execução dos compromissos que tomou, adia o respeito que deve á justiça do Bra-

zil, e o reconhecimento da verdade patente e demonstrada.

Em consequencia o territorio mal e abusivamente disputado pela França se acha, ainda hoje, neutralisado e dependente de accordo das duas potencias.

12 de Abril

Em 1822 revolta-se o destacamento que guardava a Barra do Rio Negro, sendo morto o commandante militar, coronel Joaquim Felippe dos Reis

Na provincia do Pará começára a lavrar o espirito da revolta, desde que alli chegára a noticia da abdicção de D. Pedro I.

O partido liberal exaltado, que uma sedição militar supplantára na cidade de Nossa Senhora de Belém a 7 de Agosto de 1831, se levantára em diversas villas e povoações.

O contagio chegou enfim á comarca do Alto Amazonas, e ao anoitecer de 12 de Abril de 1832 o destacamento da Barra revoltou-se, e o seu commandante, o coronel Joaquim Felippe dos Reis, acudindo ao quartel, onde se tocava a rebate, foi alli cruelmente assassinado.

A povoação ficou ao arbitrio dos soldados do

destacamento, e um delles de nome Joaquim Pedro appareceu dirigindo o movimento.

Não se comprehende bem como em uma povoação já de alguma importancia, e onde então havia alguma força de segunda linha muito superior em numero ao destacamento, um soldado estranho ao povo, e que nem ao menos representava mal ou bem idéa alguma politica, podesse impunemente impor-se como chefe da sedição, e audacioso se ostentasse na Barra.

Evidentemente Joaquim Pedro era o instrumento de uma facção que conspirava dissimulada, e parece não ter havido aspiração politica da parte daquelles que promoveram a sedição, pois que sómente a 28 de Junho seguinte foi que se lembraram de acclamar a comarca separada do Pará, e formando a provincia do Rio Negro.

A acclamação da provincia do Rio Negro (que durou quarenta e nove dias) foi o manto de côr politica que cobrio a acção motora do crime de 12 de Abril.

13 de Abril

Em 1831 o ex-imperador D. Pedro I deixa para sempre o Brazil, sahindo do porto do Rio de Janeiro para Europa.

Recollido á não ingleza *Warspite*, ao romper do

dia 7 de Abril, o ex-imperador sentio grande consolação, sabendo, horas depois, que seu augusto filho, o Senhor D. Pedro II tinha sido geral e entusiasticamente reconhecido Imperador do Brazil.

No dia 8, D. Pedro I escreveu aos senadores e deputados reunidos uma carta, declarando que por decreto do dia 6 de Abril, que lhes transmittia, nomeára tutor de seus filhos ao *muito probo, honrado e patriotico cidadão, o seu verdadeiro amigo José Bonifacio de Andrada e Silva.*

Este decreto, evidentemente anti-datado, porque D. Pedro I não se resolvera a abdicar senão ás tres horas da madrugada do dia 7, foi inspirado pelo amor e pelos cuidados anciosos do ex-imperador e pai, que deixava no Brazil alvoroçado seus quatro filhos, todos ainda menores, o Senhor D. Pedro II, as Sras. D. Januaria (actual Condessa d'Aquila). D. Paula (fallecida na cidade do Rio de Janeiro a 16 de Janeiro de 1833, com dez annos incompletos) e D. Francisca (actual princeza de Joinville).

Os senadores e deputados, reunidos sem numero legal, deliberaram que a carta e o decreto relativo ao tutor se guardassem para serem presentes á Assembléa Geral regularmente installada.

Da não *Warspite* ainda D. Pedro I se expandio alegremente, observando o movimento do povo, que em multidão, recebia entusiasticamente o

Senhor D. Pedro II, levado no dia 9 de Abril á Capella Imperial para assistir a solemne *Te-Deum* pela sua elevação ao throno.

No dia 10, D. Pedro I passou-se com sua augusta esposa para a fragata ingleza *Volage*, e a princeza D. Maria II com o Duque e Duqueza de Loulé para a corveta franceza *La Seine*, que tinham de levar-os para a Europa.

Nos dias 11 e 12, escreveu o ex-imperador breves e commovidos bilhetes de despedida a seus augustos filhos, e mandou publicar saudoso adeus a seus amigos.

No dia 13 de Abril, emfim, a *Volage* e *La Seine* abriram suas azas brancas, e em breve passaram além da barra, e desapareceram na vastidão do oceano.

14 de Abril

Em 1831 termina completamente a reunião do povo e tropa no Campo de Sant'Anna, na cidade do Rio de Janeiro.

D. Pedro I tinha abdicado a 7 de Abril; o governo estava nas mãos ou sob a immediata influencia dos deputados liberaes; estes, porém, sentiam todas as delicadezas e todos os perigos da situação.

A tropa, levada á pronunciar-se contra o go-

verno, tinha recebido o primeiro impulso á indisciplina : o povo, ainda vivamente resentido das *noites das garrafadas*, rugia, aspirando vinganças ; eram temiveis os elementos de desordem e de anarchia.

A reunião do povo e tropa bem pudéra ter sido dissolvida no dia 7 ou 8 de Abril por ordem do governo da regencia provisoria : mas o povo e os soldados em arrebatamentos de victoria poderiam abusar desta.

Era preciso arrefecer os animos.

A 7 de Abril Evaristo já tinha bradado : « moderação ! moderação ! » mas Evaristo não era Deus, era apenas grande homem.

Sob o pretexto de que o ex-imperador ainda estava no porto do Rio de Janeiro, manteve-se a reunião do povo e tropa em face do *inimigo*.

Foi utilissima semelhante medida.

D. Pedro I, seguro e sem risco de ser pessoalmente tocado, foi entregue indefeso, e abandonado a todas as invectivas e a todos os odientos furores da occasião.

No entanto Odorico Mendes, alludindo ás *noites das garrafadas* e aos portuguezes, exclamava, falando ao povo : « perdão para os illudidos ! »

Aproveitava-se o tempo no bem da ordem.

Dava-se ao Campo de Sant'Anna a denominação de *Campo da Honra*.

Occupava-se o povo, dividindo-o e organisando-o em batalhões patriotas.

Em um desses dias sentiu-se ou temeu-se algum signal de rivalidade entre batalhões populares e corpos de linha, e Evaristo e outros fizeram o então muito joven Francisco de Paula Brito ir improvisar, e declamar versos em louvor da harmonia e da união do povo com a tropa, máos versos, mas de optimo effeito, que glozavam mote assim concebido:

« Da tropa aqui se vio, vio-se do povo

« A quasi singular doce união. »

Soldados e paizanos abraçaram-se, ouvindo estes versos.

O bello sexo prestou mais serviços á ordem, do que se podia calcular.

Desde 7 de Abril as familias procuravam reunir-se á seus pais, maridos, filhos e parentes no Campo de Sant'Anna de dia e principalmente á noite: á noite centenas de familias ceiavam entre hymnos e cantos ao relento em esteiras e tapetes estendidos sobre a relva, e accetando por convivas soldados e paizanos que se aproximavam.

Eram verdadeiras noites de festa em ostentoso, porém desordenado campo militar.

Tanto jubilo e regosijo abrandava iras e vinganças.

A mulher e a musica dulcificavam e desarmavam o homem iracundo e vingativo.

O povo e a tropa conservaram-se armados no Campo de Sant'Anna desde 7 até 14 de Abril.

A' 13 de Abril D. Pedro I o ex-imperador que livremente abdicára sahiu do porto do Rio de Janeiro para a Europa.

A' 14 de Abril dissolveu-se a reunião: o povo recolheu-se á suas casas, a tropa á seus quarteis.

E de 7 até 14 de Abril não houve acto de violencia, e menos de crime que commettido fosse pelos vencedores reunidos no Campo de Sant'Anna.

E, justissimo é dizel-o, os tribunos mais exaltados do dia 6 de Abril bem mereceram da patria, prégando e aconselhando moderação desde o dia 7 de Abril.

Ficára para semanas depois o rompimento do antagonismo entre liberaes *moderados* e *exaltados*.

15 de Abril

Em 1641 o Marquez de Montalvão é deposto e preso na cidade de S. Salvador.

Dous filhos do Marquez de Montalvão que se achavam em Lisboa, quando rebentou a revolução de 1 de Dezembro de 1640, fugiram para a Hespera-

nha, não querendo adherir á causa de sua patria; este facto levou o rei D. João IV a desconfiar das disposições do marquez, e por isso, depois de despachar a caravella que foi chegar á Bahia a 25 de Fevereiro (veja-se o artigo desse dia) com a carta em que communicava ao vice-rei a sua elevação ao throno, e o chamava ao dever patriotico de proclamar-o no Brazil, mandou o jesuita padre Francisco Vilhena com uma carta sua á camara da Bahia, declarando que nomeava governadores do Brazil ao bispo, ao mestre de campo Luiz Barbalho Bezerra e a Lourenço de Brito Corrêa.

Além desta carta o rei esereveu outra ao Marquez de Montalvão, exonerando-o do cargo de vice-rei.

Estas cartas deviam ser entregues sómente no caso de não achar-se D. João IV reconhecido e proclamado na Bahia.

O padre Vilhena desembarcou em Itapoan, mandou fazer-se ao largo o navio em que viéra, e indo recolher-se ao seu collegio, procedeu do modo o mais abusivo e reprehensivel.

Não obstante achar-se já proclamado D. João IV, mandou chamar os tres nomeados governadores, e contra as instrucções que recebera, mostrou-lhes as cartas do rei.

Ou induzidos pela vaidade, ou illudidos pelo pa-

dre Vilhena, os tres ordenaram a este que fosse entregar a carta em que o rei exonerava o Marquez de Montalvão do governo, e pouco depois foram entrar na casa dos governadores, da qual o marquez sahira, retirando-se para o collegio dos jesuitas.

Os novos governadores puzeram guardas ao collegio, conservaram preso o ex-vice-rei, e mandaram proceder contra elle a mais sévera devassa e em Junho o mandaram preso e carregado de ferros para Lisboa.

Victima de tão cruel injustiça, o Marquez de Montalvão, chegando a Portugal, teve a consolação de achar o rei já convencido da sua lealdade e de ver em breve officialmente reprovado o procedimento dos governadores interinos.

16 de Abril

Em 1833 horrivel matança ensanguenta a cidade de Nossa Senhora de Belém, capital do Pará.

A 22 de Maio de 1831 a noticia da abdicção do Imperador D. Pedro I chegou ao Pará e o partido liberal exigio logo a deposição do commandante das armas, o brigadeiro Francisco José de Souza Soares de Andréa (ulteriormente barão de Caçapava) o que não conseguiu pela opposição do partido contrario, que foi apoiado pela força militar.

Em Junho chegaram o Visconde de Goyanna, novo presidente, e o então coronel José Maria da Silva Bittencourt, commandante das armas: o visconde de Goyanna, que se entregara aos liberaes, foi a 7 de Agosto do mesmo anno deposto por uma sedição militar, e mandado para o Rio de Janeiro; alguns individuos foram confinados para diversos presidios; um delles, porém, o mais influente e energico, o conego Baptista, conseguiu evadir-se no caminho, e poz em revolta diversos pontos da provincia em 1832.

Já tinham á esse tempo desembarcado na capital do Pará á 29 de Fevereiro de 1832 os tenentes-coronel José Joaquim Machado de Oliveira, nomeado presidente, e Antonio Corrêa Seara, governador das armas. Machado de Oliveira, ligando-se aos liberaes, logrou apagar as revoltas do interior e trazer para a cidade de Nossa Senhora de Belém o seu principal chefe, o conego Baptista, cuja influencia avultou ainda mais.

No entanto, sangue tinha corrido e os partidos se enfureciam.

A regencia do Imperio, temendo graves calamidades no Pará, julgou poder obviar-as, mudando ainda uma vez as duas primeiras autoridades, e mandou como presidente ao desembargador José Mariani e para commandante das armas o tenente-

coronel Ignacio Corrêa de Vasconcellos, que chegaram á capital da provincia em Abril de 1833 ; mas não puderam tomar posse de seus cargos, e nem mesmo desembarcar ; porque a isso se oppoz o conego Baptista com todo o seu partido.

A semelhante acto de desobediencia seguiram-se excessos, provocações, odios oppostos e em effervescencia, paixões desenfreiadas, e emfim no dia 16 de Abril horrivel desordem e matança, na qual excedeu á muito mais de cem o numero das victimas.

Dahi nasceu revolta medonha que assolou a provincia perto de quatro annos, revolta que perdeu todo o character politico, e tomou condições barbaras e selvagens, como se referirá.

17 de Abril

Em 1832 o partido *caramurú* rompe na cidade do Rio de Janeiro em revolta armada, que as forças legaes conseguem esmagar.

O empenho do partido *caramurú* era a restauração de D. Pedro I, a quem uns queriam como Imperador, e outros como Regente, durante a menoridade do Sr. D. Pedro II, seu augusto filho.

O finado Visconde de Jequitinhonha, que fôra *caramarú*, dizia que eram dous e distinctos os

partidos. A ser assim, eram duas facções ligadas em opposição por laço commum.

O general Abreu e Lina (que escreveu tanto sobre a historia patria) foi *caramurú*, e nunca perdoou ao padre Feijó, ministro da justiça, a acção energica e potente que fez sentir a 17 de Abril de 1832.

Não aproveitando a experiencia dolorosa de 3 de Abril, o partido *caramurú*, que tambem conspirava, rompeu em revolta quatorze dias depois.

Menos imprudentes, ou mais habeis, os *caramurús* prepararam sua phalange, não mudaram o prazo do rompimento, não se pronunciaram no Campo onde a força publica os bateria mais facilmente.

A revolta rebentou entre a cidade e S. Christovão, e como si de S. Christovão lhes viessem animação e auxilio; pois que veridica ou falsamente foi accusado o venerando José Bonifacio, tutor do Imperador menor, de excitar e proteger esse pronunciamento revoltoso.

Diversos officiaes dirigiram os *caramurús*, que pareceram querer marchar sobre a cidade.

Coube principalmente á guarda nacional a tormenta gloriosa de 17 de Abril: á frente dos batalhões da guarda civica viam-se o Dr. Saturnino de Souza e Oliveira, e além de outros, o honrado

e respeitavel negociante e fazendeiro o actual Sr. commendador Ayrosa (actual barão de Sapucaia), que ainda hoje amenamente lembra esse tempo, em que teve generaes sob o seu commando. Não faltou no asperrimo combate o major Luiz Alves de Lima (o Sr. duque de Caxias) que corrigia com seus conselhos e avisos a inexperiencia militar dos chefes da guarda nacional e realmente dirigiu o ataque.

Foi teimosa a peleja; os *caramurús* exploraram as vantagens do terreno e dos mangues de Mataporcos e suas vizinhanças; mas no fim de algum tempo foram postos em derrota, e os mangues que lhes tinham aproveitado á principio, maior mal lhes causaram depois.

A revolta de 17 de Abril custou muito mais sangue, do que a dos *exaltados* á 3 do mesmo mez, e o seu destroço muito menos impressão dolorosa do que o daquella.

Os *caramurús* tinham contra suas aspirações os liberaes *moderados* e *exaltados*.

E, cumpre dizel-o, conspiravam para a restauração de D. Pedro I, sem consulta e sem acquiescencia deste principe.

Entretanto os *caramurús* iam formando o partido mais perigoso; porque reuniam á todos os antigos amigos do ex-imperador, (senadores, conse-

lheiros de Estado, grandes da Côrte e muitos officiaes superiores do exercito dissolvido), numerosos auxiliares sahidos por desgosto, por desenganos egoistas, e por impetos de resentimento pessoal, tanto do proprio partido moderado como ainda mais do *exaltado*.

A revolta de 17 de Abril abateu os *caramurús*, que á não ser ella tão inoportuna, tão excitadora de apprehensões nos animos dos liberaes de diversos matizes, teriam pouco e pouco, e em sábia opposição pacifica, conquistado auxiliares tão numerosos que os tornariam legitimo partido nacional.

Elles não comprehenderam que o resentimento da derrota de 3 de Abril lhes estava offerecendo heranças de odios á dar-lhes vingativo apoio.

Perderam-se por apressados de mais : a revolta de 17 de Abril, abriu meia sepultura aos *caramurús*.

Quando D. Pedro I morreu em Lisboa, os *caramurús* já estavam meio sepultados no Brazil.

18 de Abril

Em 1792 a alçada que se installára para sentenciar os inconfidentes (os réos da conspiração mineira chamada do *Tira-dentes*) proferio o accor-

dão que, na conformidade das leis sanguinarias e barbaras do tempo, condemnou os mais notaveis conjurados á morte, e algumas de suas descendencias á infamia.

No numero dos condemnados á morte, foi escripto o nome do poeta Claudio Manoel da Costa, que se tinha suicidado na prisão.

A 20 de Abril foram os condemnados conduzidos á noite dos carceres subterraneos da Ilha das Cobras para a cadeia da cidade, que era no mesmo edificio que em 1823 se transformou em paço da constituinte brasileira, e que ainda é hoje paço da camara dos deputados.

Que contraste! . . .

Alli cada condemnado recebeu a assistencia de um frade franciscano incumbido de preparal-o para a morte no dia seguinte.

Alli José de Rezende Costa, preso e condemnado a subir á forca por conspirador da independencia e da republica, passou noite de angustia a lembrar o patibulo e o carrasco, que o esperava a 21 de Abril de 1792, e alli mesmo sentou-se elle em 1823 como deputado de Minas Geraes entre os membros da constituinte do Brazil independente!

Que contraste! . . .

Mas havia naquelle apparatus annunciador da morte sob os pés do algoz requinte de crueldade.

Os infelizes postos assim no oratorio tinham commutação de pena de forca.

Por carta régia de 15 de Outubro de 1790, dirigida ao chanceller juiz da alçada a rainha D. Maria I ordenara que fosse commutada em degredo a pena de morte para os *proprios chefes da conjuração*, excepto o caso de ser isso inadmissivel pela atrocidade e escandalosa publicidade do crime revestido de circumstancias que tornassem indispensavel esse fatal castigo.

Todos, excepto um, tiveram commutação da pena de morte. Além dos outros foram degradados Alvarenga para Ambaça, o Dr. José Alves Maciel para Maçangano, Freire de Andrade para as pedras de Ancoche, Gonzaga para Moçambique.

O unico exceptuado foi Joaquim José da Silva Xavier, o *Tira-dentes*, que a 21 de Abril morreu como bom christão, mas com inabalavel coragem no patibulo.

Aos principaes chefes da conspiração, a Freire de Andrade e a Alvarenga foi commutada a pena fatal, e *Tira-dentes*, conjurado sem prestigio e instrumento activissimo, mas pouco habil, empregado por aquelles chefes, tornou-se distincto pela excepção que o levou á forca !

Tira-dentes morreria esquecido, talvez sem deixar lembrança do seu nome, se o houvessem des-

terrado entre os outros menos salientes conjurados: fazendo-o subir ao patibulo, a alcada elevou-o e gravou seu nome na historia.

Tira-dentes era apenas um dos braços; mas não era nem podia ser cabeça da conjuração.

Corajoso, mas imprudente; entusiasta, mas com falha de bom senso; o peor de todos os conspiradores por expansões mal medidas e inopportunas, e por desatinada e compromettedora palavra franca, prégadora de revolução; homem leal, decidido, fiel á idéa que abraçara, mas um pouco excentrico, arrebatado, de forte coração, e fraca intelligencia, *Tira-dentes* não podia ser visto ao lado de Claudio Manoel da Costa, de Alvarenga, de Freire de Andrade e de outros na conspiração mineira.

A alcada sem o querer o levantou sobre todos nas alturas da força.

No correr da devassa, nos interrogatorios, em todo o processo, *Tira-dentes* distinguio-se pela sua qualidade admiravel,—a franqueza, a hombridade, o desprezo da vida na confissão de seus actos e de sua connivencia na conjuração.

Na manhã de 21 de Abiil applaudio a commutação da pena de morte concedida aos chefes da conspiração, e não se queixou da excepção que o levava ao patibulo.

O conspirador, que teria sido obscuro, distinguio-se sobre todos pela força e pela coragem, que nunca o abandonaram.

Tira-dentes passou da força ao capitolio da historia.

Fizeram de um braço uma cabeça, e levaram para o primeiro plano de um grande quadro a figura que se perderia no silencio ou na sombra.

Mais do que isso e ainda notavel coincidencia !

A força onde morreu *Tira-dentes*, conspirador da independencia, foi levantada no campo do Rosario ou no mesmo lugar ou em sitio muito proximo daquelle em que na praça da Constituição na cidade do Rio de Janeiro se erigio a estatua equestre de D. Pedro I em honra á proclamação da independencia e á fundação do Imperio do Brazil.

Que contraste ! . . .

Em politica, dizia Royer Collard, os processos são as batalhas, e as sentenças são as victorias.

19 de Abril

Em 1648 fere-se em Pernambuco a primeira batalha dos *Guararapes*, na qual são os hollandezes completamente derrotados pelos independentes.

O general Segismundo von Schkoppe, urgido

pela situação difficil e pela perda da força moral que causava aos hollandezes o cerco do Recife, planeja a invasão do sul de Pernambuco que, além de outras vantagens, obrigaria os independentes a levantar o cerco.

Com esse empenho sahe elle do Recife no dia 18 de Abril, á frente de quatro mil e quinhentos homens, e toma o caminho dos Afogados, na direcção do sul, seguindo ao longo da costa.

O general Barreto avisado da marcha do inimigo, tendo ouvido em conselho os bravos chefes, seus officiaes, deixa trezentos homens de guarnição nas estancias do cerco, e avança com dous mil e duzentos, indo chegar á noite, e occupar estreita lingua de terra entre os montes *Guararapes* e os alagados que havia para o lado do mar, e por onde passava a estrada.

No dia seguinte, 19 de Abril, domingo da Paschoela, pelas 8 horas da manhã, o exercito hollandez se apresenta ameaçador, e logo começa a batalha pelo choque das avançadas.

A acção durou apenas cerca de quatro horas; foi, porém, horrivel e teve quatro phases diversas.

Na primeira, com habil estrategia, Segismundo manobra de modo que suas forças conseguem occupar as alturas, e de lá sua artilharia e mosque-

taria põem na mais desesperada desvantagem as hostes pernambucanas.

Na segunda o general Barreto, preferindo os ultimos sacrificios á triste retirada, ordena o ataque em tres corpos, dos quaes dá um dos flancos a Camarão, o outro a Henrique Dias, e o centro a João Fernandes Vieira. Dada a primeira descarga, accommettem os pernambucanos á arma branca, rompem as fileiras hollandezes, tomam-lhe a artilharia, munições e caixas de dinheiro; mas em tanta furia e desespero de combate a desordem dos vencedores iguala a dos vencidos que fogem.

Na terceira Segismundo faz avançar numerosa brigada de reserva contra Henrique Dias, que sem apoio é forçado a recuar e perde a artilharia, as caixas de munições e de dinheiro já tomadas; mas no impeto e no electrico arrebatamento desse ataque feliz, que levava de rojo os pernambucanos, os hollandezes descem até metterem-se nos alagados.

Na quarta phase da batalha, emfim, o general Barreto reorganiza um corpo, confia-o a Vidal de Negreiros, e este, aproveitando as circumstancias e obrigando por inexcédivel bravura e heroicidade pessoal o mais fervente arrojo de seus soldados, de um lado lança os hollandezes nos pantanos, e do outro os põe em tal derrota que lhes toma mais de trinta bandeiras.

Segismundo ferido em um artelho e tão incapaz de combater, como de commandar em peleja, tendo fóra de combate todos os coronéis e officiaes superiores, á excepção de um só, o coronel Van den Brand, e deixando no campo mais de mil mortos e feridos abandonados, aproveitou a noite para a mais silenciosa e afflicta retirada.

Barreto, Henrique Dias, Camarão, Vieira distinguiram-se por valor prodigioso nesta batalha, na qual os pernambucanos pelejaram na razão de um contra dous, quasi sempre corpo á corpo; as honras, porém, da victoria couberam de preferencia a Vidal de Negreiros, que, na hora mais desesperada da acção, cahio como raio fulminador sobre os hollandezes, que se arrojavam, já a suppor-se vencedores de hostes em debandada.

A primeira batalha dos Guararapes, perdida pelos hollandezes, foi de extraordinaria influencia politica, porque reanimou o rei do Portugal, que começava a dispor-se á ceder á Hollanda a capitania de Pernambuco, em troco da paz que muito almejava.

Pernambuco fazia cem vezes mais pelo rei de Portugal, do que este por elle, que tinha direito á sua mais energica defensão.

Por isso a guerra heroica de 1645 á 1654 contra os hollandezes, e nella as duas batalhas dos Gua-

rarapes, e a capitulação do Taborda, não pertencem á historia de Portugal, são glorias exclusivas do Brazil, e especial e precisamente de Pernambuco.

20 de Abril

Em 1821 installa-se no Rio de Janeiro para eleger os deputados da provincia ás côrtes constituintes da monarchia a respectiva assembléa eleitoral, que excede abusiva e tumultuariamente os seus poderes limitados.

Em relação ao systema representativo constitucional, que apenas se iniciava, governo e governados entravam noviciado, e se faziam notar pela ignorancia dos principios mais fundamentaes.

O ouvidor da comarca da cidade do Rio de Janeiro, reunindo e presidindo o corpo eleitoral respectivo, encetou os trabalhos da assembléa, lendo o decreto de 7 de Março do mesmo anno, em que D. João VI dera instrucções para a eleição dos deputados ás côrtes de Lisboa, e determinava sua volta para Portugal, ficando o principe real D. Pedro no Brazil encarregado do governo do reino.

Para que e porque o ouvidor deu parte em leitura despropositada destas resoluções politicas do rei aos eleitores, á quem só cumpria ouvir as instrucções para a eleição e eleger deputados?...

Ouvida a leitura do decreto, rompeu a discussão, que em breve se tornou tumultuaria na assembléa eleitoral.

Instinctivamente fulgio então a primeira flamma do acendimento brasileiro á negar-se ao predomínio de Portugal.

Talvez sem o pensar, a assembléa eleitoral arvorou-se em convenção soberana, e em constituinte.

Mandou uma commissão de seu seio pedir ao rei João VI que adoptasse a constituição hespanhola : e, o que é mais, o rei assignou immediatamente um decreto, adoptando aquella constituição ! . . .

Revogou a retirada do rei, mandando ordem ás fortalezas para que não deixassem sahir a esquadra que devia levar para Lisboa o rei e a familia real.

Sabendo que as tropas portuguezas se reuniam em character hostile no largo do Rocio (praça da Constituição) chamou á sua presença o governador das armas, e interpellando-o e acreditando em seus protestos de respeito e obediencia, julgou-se omnipotente em sua soberania revolucionaria, absoluta, insentata.

A assembléa eleitoral de uma provincia decidia da sorte de toda a monarchia portugueza, ou pelo menos de todo o reino do Brazil !

Esse delírio patriótico chegou e transpoz a meia noite de 21 de Abril.

Nessa adoudada assembléa eleitoral do Rio de Janeiro o patriotismo brasileiro, despertado em Abril de 1821, devia receber o seu baptismo de sangue.

E recebeu ás tres horas da madrugada de 21 de Abril.

O Brazil e Portugal separam-se nessa hora de sangue.

21 de Abril

Em 1821 um forte destacamento da divisão portugueza dissolve violentamente e sem previa intimação a assembléa eleitoral reunida na Praça do Commercio do Rio de Janeiro, dando uma descarga de mosquetaria e invadindo a casa á bayoneta calada.

A assembléa eleitoral, installada no dia antecedente, tinha abusado, e devia ser ou dissolvida ou obrigada á limitar-se a eleger os seus deputados.

O governo a deixou abusar e assumir verdadeira e quasi inverosimil dictadura durante o dia e a noite de 20 de Abril e como se quizesse excedel-a em delirante proceder, mandou commetter o attentado da Praça do Commercio.

Eleitores e numeroso povo, todos em exaltação e em discussões tumultuarias, todos, porém, desarmados, enchiam a casa, quando ás 3 horas da madrugada, sem preceder advertencia ou intimação uma descarga de mosqueteria dá o annuncio da chegada da tropa que investe á bayoneta calada!...

Imagine-se a desordem e a confusão!

Emquanto uns procuram fugir pelas portas, alguns cahem ao mar, saltando pelas janellas do fundo, e o maior numero é expellido brutalmente pelos soldados.

Não se soube a conta dos feridos, mortos, houve tres que se mencionaram; mas asseguraram muitos que as victimas sacrificadas foram mais.

Este attentado determinou a separação dos brazileiros e portuguezes em partidos oppostos.

A reprovação foi geral.

A praça do Commercio fechou-se, e o corpo commercial não tornou mais a reunir-se niella.

Asseveram que D. João VI fôra estranho ao attentado: isso não é acreditavel; mas aquelles que em 1821 defendiam assim o rei, accusavam o principe real D. Pedro.

22 de Abril

Em 1500 Pedro Alves Cabral descobre o Brazil.

Ficou dito no artigo de 9 de Março como Pedro Alvares Cabral, affastando-se calculadamente da costa da Africa para evitar as calmarias de Guiné, muito mais e sem o pensar, foi levado para o occidente pela força das correntes oceanicas.

Foi assim que inesperadamente vio elle no dia 21 de Abril, grande quantidade de hervas que as ondas traziam do lado do sudoeste e que eram signaes de terra proxima.

Na manhã de 22 áquelles signaes vieram ajuntar-se os das aves, que em vôos se mostravam, e que não deixavam duvida sobre o que desde a vespera enchia de esperanças e de anciedade os navegantes.

Emfim á tarde soou o grito electrizador—Terra!

Acabava de mostrar se um alto monte, e pouco a pouco a terra, que immensa se patenteava.

Pedro Alvares Cabral deu ao alto cabeço o nome de Monte Paschoal em attenção ao oitavario da Paschoa, que então era, e á terra o de Vera-Cruz.

O Monte Paschoal é um cabeço da serra dos Aymorés.

O feliz capitão ordenou que se lançasse a sonda; acharam-se 25 braças; então já era a hora do crepusculo da tarde, e a costa inteiramente desconhecida ficava ainda á distancia de dezoito milhas.

As náos lançaram ancoras.

O Brazil acabava de ser descoberto por Pedro Alvares Cabral.

Dormiria essa noite o illustre navegador portuguez, a quem a fortuna concedera tão grande gloria?...

Entre os antigos escriptores que se occuparam da historia do Brazil, uns firmados no testemunho escripto do piloto de Cabral deram o descobrimento no dia 24, e outros apoiados na informação mandada a El-Rei D. Manoel em carta por Pero Vaz Caminha, escrivão da armada, disseram que fôra á 22 de Abril o grandioso acontecimento. Piloto e escrivão vinham na armada.

Ao primeiro estudo sério da duvida, esta desapareceu; o piloto de Cabral escrevera — 24 de Abril, oitavario da Paschoa: — ora o oitavario da Paschoa fôra em 1500 á 22 de Abril.

23 de Abril

Em 1636 uma columna de oitocentos hollandezes commandada por Jacob Stachouwer bate na povoação de Lourenço da Matta o capitão Francisco Rabello que é obrigado a retirar-se para Porto Calvo.

Depois da derrota e morte de D. Luiz de Rojas y Borja (veja-se o artigo de 18 de Janeiro) o general

Bagnuolo veio occupar Porto Calvo, e achou-se alli com mil e oitocentos soldados fóra os indios do Camarão.

A 14 de Abril mandou Bagnuolo o capitão Francisco Rabello, com 450 homens, dos quaes 200 eram indios, executar uma correria para inquietar e entreter o inimigo.

Rabello começou, desempenhando bravamente a commissão.

Abrindo caminho por entre bosques virgens, e vencendo dezenas de leguas sem que fosse apercebida sua marcha, foi surgir de surpresa no Engenho Velho, de João Paes Barreto, á duas leguas de distancia do Cabo de S. Agostinho, e de 70 hollandezes que alli encontrou de guarnição, matou 30, e fez 40 prisioneiros depois de brioso pelear do inimigo.

Dalli avançou Rabello, perseguindo partidas hollandezas, de uma das quaes degollou seis homens, e intrepido e destemido como era, occupou a povoação de *S. Lourenço de Matta*, apenas cinco leguas distante do Recife, centro das forças inimigas, e á cincoenta leguas mais ou menos de Porto Calvo.

Quasi logo pagou tão grande imprudencia.

Atacado no dia 23 de Abril pelas 11 horas da manhã por oitocentos soldados hollandezes, pelear

valorosamente perto de duas horas ; mas acabando por ceder ao numero, abandonou a povoação, e em prestes retirada metteu-se pelas mattas, tendo perdido, além dos quarenta prisioneiros que fizera e que voltaram as seus, alguns dos valentes que commandava.

A correria tão facilmente começada e tão mal acabada por Francisco Rabello, deu comtudo aos pernambucanos alguns uteis resultados

Diversos moradores das visinhanças de S. Lourenço da Matta, acompanharam os soldados fugitivos e foram chegar com elles á Porto Calvo.

O mais importante porém foi o seguinte :

A 8 de Junho de 1635 a fortaleza do arraial do Bom-Jesus tinha-se emfim rendido aos hollandezes, contando-se entre os prisioneiros o capitão Henrique Dias, de quem o vencedor, fazendo talvez pouco apreço, não cuidou em mandar para a Hollanda, ou ter em boa guarda.

Henrique Dias deixado livre, e como simples morador, aproveitou em Abril de 1636 o ensejo aberto pela correria de Rabello, e com sua esposa, filhas, diversos parentes e alguns dos seus antigos soldados negros, como elle, apresentou-se em Porto Calvo, e prompto de novo tomou as armas e logo no mez de Junho seguinte distinguio-se em

outra correria dirigida habilmente pelo chefe indio o capitão mór D. Antonio Felippe Camarão.

24 de Abril

Em 1622 o principe regente D. Pedro chega de noite e tarde á Quinta da Boa Vista, de volta da rapida viagem politica á provincia de Minas Geraes.

Em Dezembro de 1821, Paula Barboza da Silva tinha sido enviado da cidade do Rio de Janeiro a Minas Geraes, sua provincia, para alli promover representações do povo, pedindo ao principe regente que *ficasse* no Brazil, e conseguira não pouco em favor da causa da independencia.

Em meios de Março de 1822, chegaram de Minas noticias desagradaveis : os liberaes (quasi todos os mineiros o eram) achavam-se divididos e em vivo antagonismo ; os de idéas mais adiantadas e alguns republicanos queriam que se respeitasse na constituinte portugueza, os principios liberaes da revolução de 1820, e que por isso se adiasse a independencia do Brazil ; os liberaes monarchistas e patriotas independentes sustentavam a causa da immediata separação de Portugal, elevando-se ao throno constitucional do Brazil o principe D. Pedro.

Ao annuncio de semelhante desharmonia e aconselhado por seus ministros e pelos chefes patriotas D. Pedro partiu para Minas Geraes á 25 de Março.

Joven, expansivo, entusiasta, o principe D. Pedro entrou naquella provincia para receber de villa em villa, de povoado em povoado, estrondosas e electricas acclamações do povo, que em arrebatamento corria a cercal-o, a sandal-o, a victorial-o.

Elle viajava em triumpho: em Barbacena, em S. João d'El-Rei, nas villas principaes a que chegou as demonstrações do povo eram identicas.

A 9 de Abril D. Pedro entrou em Villa Rica (Ouro Preto), fóco principal da desharmonia dos liberaes: o entusiasmo popular foi estrondoso, e sem duvida impoz-se aos calculos politicos dos liberaes dissidentes; o character franco do principe, sua energia, suas expansões de decidida dedicação á causa da independencia e da monarchia liberal do Brazil serenaram de prompto os espiritos agitados, conquistaram geral confiança, e restabeleceram a concordia.

O principe d'ixou Villa Rica no dia 20 de Abril, e festejado em sua celere passagem pelas villas e povoados, e victorialo nas estradas pela gente que corria para vel-o, veio chegar alegre, feliz, ufanoso á Quinta da Boa-Vista já um pouco tarde, na noite de 24 de Abril.

No dia 25, o seguinte, entrou na cidade do Rio de Janeiro, sendo recebido pelos seus habitantes com explosão de jubilo patriótico.

25 de Abril

Em 1500 a esquadra de Pedro Alvares Cabral entra na bahia a que chamou de Porto Seguro e nella ancóra.

O dia 23 de Abril passara-se em explorações da costa e de um rio que nella abria a sua foz, diante da qual tinham as náos lançado ancoras ; em breve acode á praia grande numero de selvagens nús : Nicoláo Coelho, o encarregado da exploração, põe-se quasi logo em communicação pacifica e por meio da mimica com elles e por fim dá-lhes uma carapuça e um sombreiro preto, recebe delles enfeites de pennas, e uma enfiada de continhas brancas.

A 24 a esquadra navega para o norte, a procurar abrigo onde tome lenha e aguada, e a 30 milhas do primeiro ponto descobre porto com larga entrada e lisongeiras apparencias. Affonso Lopes vai sondar o porto e volta ao anoitecer, trazendo dous selvagens, que Pedro Alvares Cabral, ostentando o maior apparatus, recebe solememente. Os dous selvagens não deram importancia á ceremo-

nia ; mas pareciam socegados e contentes ; reconheceram uma ovelha e uma gallinha que lhes mostraram. Regeitaram todas as comidas e bebidas dos portuguezes, e vendo que não os levavam para terra, deitaram-se e dormiram.

A 25 de Abril, finalmente, Pedro Alvares Cabral entra com a sua esquadra no que denominou *Porto-Seguro*. Por sua ordem Nicoláo Coelho e Bartholomeu Dias vão á terra, levando os dous selvagens com os presentes de carapuças, pequenos espelhos e outros objectos ; vai tambem com elles Affonso Ribeiro, um degradado, que se destinava a ficar alli com o gentio ; acompanha-os, emfim, Pedro Vaz Caminha. Apenas desembarcados, os dous indios fogem, perseguidos por muitos dos seus, que lhes invejavam os brindes, e voltam depois já sem carapuças, nem espelhos. Indios e portuguezes se aproximam amigos ; Affonso Ribeiro se mistura com aquelles, e é levado com signaes de satisfação ; muitos selvagens ajudam aos marinheiros a fazer aguada, trocam arcos e flexas por insignificantes objectos, e quando os portuguezes se retiram, trazem-lhes Affonso Ribeiro, que, por ordem de Bartholomeu Dias, lhes entrega os mimos que trazia para o chefe ou maioral.

A' tarde do dia 25, Cabral e os capitães das náos percorrem a bahia e vão depois desembar-

car em um ilhéu, que recebeu então o nome de *Corôa Vermelha*, onde levam a folgar e a pescar perto de duas horas.

No dia seguinte improvisou-se um altar na *Corôa Vermelha*, e o franciscano Fr. Henrique nelle celebrou o santo sacrificio da missa: e depois prégou sermão que deveria commover a todos os portuguezes.

Os indios reunidos em multidão na praia do continente, muito vizinho, acompanharam a cerimonia religiosa, tange-do em grosseiros instrumentos, e enquanto uns ahi executam suas dansas rudes e grotescas, outros em suas pirogas vão a *Corôa Vermelha* procurar os portuguezes.

Pobres indios! . . . *ignaros do futuro*, festejavam a sua escravidão e o seu exterminio.

26 de Abril

Em 1821, a lagua do porto do Rio de Janeiro a esquadra em que regressaram para Portugal D. João VI e a familia real portugueza, menos o principe D. Pedro.

No dia 22 de Abril o rei promulgou dous decretos, um revogando ou annullando o que fizera a 20 de Abril, em annuencia ao que exigiam os eleitores, o outro conferindo ao principe real

D. Pedro a dignidade e attribuições de regente e seu lugar tenente no reino do Brazil.

A' 23 organizou D. João VI novo ministerio, cujo membro principal foi o conde dos Arcos, e publicou proclamações, recommendando ao povo fidelidade ao principe.

Na tarde de 24 de Abril recolheu-se com a familia real a bordo da náó que tinha o seu nome.

Na manhã de 26 o rei D. João VI deixou para sempre o Brazil.

A cidade do Rio de Janeiro, ainda sob a pressão do ataque da Praça do Commercio, assistio quasi indifferente á partida de D. João VI, que aliás se retirava violentado, e que, no entretanto, deixava no Brazil o herdeiro da corôa.

D. Pedro ficava no Brazil como regente, representando em politico dissimulo um *principio*, e uma *previsão*.

O *principio* era de resistencia ou de opposição opportuna á politica das cortes de Lisboa, cujas tendencias democraticas assustavam ao rei, que se reputava offendido pela privação do seu poder absoluto.

A *previsão*, e *previsão* de proximo futuro, era a da independencia do Brazil, na hypothese da qual D. João VI queria que seu filho fosse o chefe da nova monarchia.

O Conde dos Arcos estava de perfeita intelligencia com o rei na politica de temporisação desconfiada com a constituinte portugueza, e devia nesse sentido aconselhar ao principe e dirigil-o.

Quanto á previsão da independencia, e ao proceder que em tal caso ao principe regente cumpriria ter, o Conde dos Arcos bem pudera ignoral o; mas D. Pedro ficara predisposto e bem avisado pelo rei seu pai.

A' 19 de Junho de 1822 o principe regente do Brazil, D. Pedro, em carta que dirigio a seu pai, escreveu as seguintes palavras :

« Eu ainda me lembro e lembrarei sempre do que Vossa Magestade me disse antes de partir dous dias, no seu quarto : *Pedro, si o Brazil se separar, antes seja para ti, que me has de respeitar, do que para algum desses aventureiros.* Foi chegado o momento da quasi separação, e estribado eu nas eloquentes e singelas palavras expressadas por Vossa Magestade, tenho marchado adiante do Brazil, que tanto me tem hourado. »

E' licito acreditar que os historiadores, scientes da carta de 19 de Junho de 1822, redigiram melhor e mais claro o pensamento de D. João VI, quando referem que a 26 de Abril, á hora da partida, elle, o rei, abraçando o filho, á quem deixava lhe vissera : « *Pedro, o Brazil brevemente se sepa-*

rdrd de Portugal : se assim fôr, põe a corôa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão della. »

Os historiadores deveriam ter sabido respeitar a naturalidade e a concisão do conselho dado no *quarto* pelo rei ao príncipe seu filho.

27 de Abril

E' datado deste dia e do anno de 1829 o decreto que revogou os de 27 de Fevereiro do mesmo anno dos quaes um suspendia as garantias constitucionaes na provincia de Pernambuco, e outro creava uma comissão militar encarregada de julgar os suspeitos de rebellião na mesma provincia.

No dia 1 de Fevereiro de 1829 um grupo de desatinados ou desordeiros, sem chefe conhecido, reunio-se na povoação dos *Afogados*, em Pernambuco, deu vivas á republica, chamou o povo ás armas, e vendo que a ninguem attrahia, fôï repetir a mesma scena em Ipojuca, onde tambem não houve quem ao sério tomasse tal pronunciamento e a elle quizesse ligar-se.

O bando de desatinados fugiu, dispersou-se, mettendo-se os perturbadores da ordem pelas matas sem que mais delles se soubesse.

O presidente da provincia deu parte deste acon-

tecimento ao governo geral, exagerando as proporções, e presentindo ligações e planos de conspiração republicana; e o governo imperial immediatamente expediu os decretos de 27 de Fevereiro que provocaram grande irritação entre os liberaes

Debaixo destes tristes auspícios abriu-se extraordinariamente a assembléa geral legislativa no dia 2 de Abril, e na camara temporaria, logo depois da discussão do voto de graças, o deputado Hollanda Cavalcanti propoz a accusação formal dos ministros da justiça e da guerra, pelos decretos de 27 de Fevereiro. A camara votou que antes de tudo se pedissem esclarecimentos ao governo: os ministros accusados responderam que sómente em sessão ordinaria lhes cumpria explicar seu procedimento; mas foi approvedo um parecer da comissão de constituição propondo que se exigisse do governo o cumprimento da deliberação da camara.

Diante deste revez e da attitude da maioria liberal do parlamento, o ministerio recuou, e foi publicado o decreto de 27 de Abril, revogando os dous que serviam de base á accusação proposta.

Nem assim a camara se satisfiz: a proposta da accusação dos dous ministros deu lugar a discussões animadissimas e de consideravel gravidade politica, de que se tratará no dia competente.

28 de Abril

Em 1500 Pedro Alvares Cabral ordena que se derribe grande arvore e della se preparem os lenhos da cruz que resolvera deixar erguida em Porto Seguro.

A 26 de Abril celebrara-se a missa na *Corôa Vermelha*, e o dia se passara em festa.

A 27 os portuguezes desembarcam a fazer aguada; os indios apparecem desarmados e misturam-se com os portuguezes, ajudando-os no trabalho. Todos os capitães estão em terra e Cabral manda Affonso Ribeiro e dous outros degradados acompanharem os indios e passarem com elles a noite em sua aldêa, e tambem despede com o mesmo fim a Diogo Dias, honnem engraçado, alegrão e faceto, de quem os selvagens já gostavam. Diogo Dias e os degradados obedecem; mas os indios, que os festejam e os hospedam durante o dia, de noite os despedem e fazem voltar com presentes de diversas aves, e especialmente de *araras*, que os portuguezes admiram e a que chamam *papagaios amarellos*.

A 28 de Abril os selvagens ajudam os portuguezes a fazer lenha, e mettem-se tambem a ajudal-os a lavar roupa; mas ficam sorprezos contemplando o manejo dos instrumentos, com que os

carpinteiros debastam a madeira, e aplainam os lenhos que devem servir para a cruz.

Pedro Alvares Cabral tenta ainda o que não conseguira no dia antecedente : Diogo Dias e os degradados vão para a *taba* dos selvagens; estes, porém, chegada a noite, os despedem e os trazem á praia, donde os vêem recolherem-se aos navios.

O dia 28 de Abril foi o primeiro em que nas florestas do Brazil o machado da civilisação fez repetir o écho de seus golpes ao derribar uma arvore secular.

A arvore tombou; mas cahio para erguer-se historica, magnifica, sublime, representando a — Cruz!

29 de Abril

Em 1704 morre em sua diocese D. Fr. Francisco de Lima, bispo de Pernambuco.

Na ordem dos bispos de Pernambuco foi D. Fr. Francisco de Lima o 4.º occupando a cadeira episcopal desde Fevereiro de 1696.

Contava mais de sessenta annos, quando chegou a Pernambuco e teve apenas oito annos e dous mezes de episcopado; soube porém empregal-os como verdadeiro apostolo de Jesus Christo.

A mitra de Pernambuco era das mais rendosas

do Brazil ; mas todas as rendas eram poucas para a caridade.

D. Fr. Francisco de Lima zelou como bom pai trinta missões de indios que reunio pelos sertões, e aos setenta annos visitava-as todas, fazendo para esse fim viagens de mais de duzentas leguas.

Essas trinta missões de indios, e os pobres indigentes a quem o bispo soccorria, eram os consumidores das rendas da mitra pernambucana.

A 29 de Abril de 1704, D. Fr. Francisco de Lima rendeu a alma a Deus.

Acharam-se nos cofres do bispo *quarenta réis* em dinheiro.

Os restos mortaes do venerando e caridosissimo prelado foram fazer no Convento do Carmo de Olinda.

D. Fr. Francisco Lima não fez sómente o bem em sua vida, deixou em sua memoria a luz do mais bello e santo exemplo.

30 de Abril

Em 1531, entra no porto do Rio de Janeiro Martim Affonso de Souza com a sua esquadra.

A 27 de Março Martim Affonso, deixando a Bahia de Todos os Santos, continuou sua derrota para o Sul, e veio ancorar na bahia do Rio de Janeiro á 30 de Abril.

Fazendo desembarcar a gente, mandou o capitão construir uma casa forte com cerca de defesa e despedio quatro homens de escolha em exploração pelo interior; esses quatro batedores, *sentinellas perdidas*, voltaram sãos e salvos no fim de dous mezes, trazendo em sua companhia o indio maioral da terra, a quem Martim Affonso encheu de presentes.

Demorando-se no Rio de Janeiro por tres mezes, o activo capitão fez construir dous bergantins, e abasteceu-se de provisões por um anno, para os quatrocentos homens que levava, e emfim fez-se a vela, ainda para o sul, no dia 1.º de Agosto.

Não se póde bem explicar a razão porque Martim Affonso de Souza deixou de fundar colonia na admiravel bahia do Rio de Janeiro e foi, mezes depois, preferir para primeiro nucleo colonial a ilha onde creou o povoado de *S. Vicente*.

A bahia do Rio de Janeiro necessariamente o impressionára pela sua grandiosidade, e reunia condições de futura e segurissima opulencia, que não podiam escapar á varão tão notavel.

No Rio de Janeiro elle achara no mar e nos bosques abundancia de provisões e mais melhor do que isso para estabelecimento de uma colonia, as boas disposições do maioral dos indios,

que viera apresentar-se amigavelmente, e se retirara, lisongeado pelos presentes que recebera.

É verdade que antes de tratar de colonias, Martim Affonso tinha por primeiro cuidado o ir ao *rio de Solis* ou rio da *Prata*; mas o Rio de Janeiro não podia ser por elle esquecido.

E no entanto Martim Affonso preferio S. Vicente ao Rio de Janeiro.

FIN

